

BEST SELLER NA FRANÇA



Romain Puértolas

A EXTRAORDINÁRIA
VIAGEM DO FAQUIR
QUE FICOU PRESO EM UM
ARMÁRIO
IKEA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BEST SELLER NA FRANÇA



Romain Puértolas

A EXTRAORDINÁRIA
VIAGEM DO FAQUIR
QUE FICOU PRESO EM UM
ARMÁRIO
IKEA

Romain Puértolas
A EXTRAORDINÁRIA
VIAGEM DO FAQUIR
QUE FICOU PRESO EM UM
ARMÁRIO



Tradução de Mauro Pinheiro



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

Puértolas, Romain, 1975-

P976e

A extraordinária viagem do faquir que ficou preso em um armário Ikea [recurso eletrônico] / Romain Puértolas; tradução Mauro de Abreu Pinheiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

recurso digital

Tradução de: L'extraordinaire voyage du fakir qui était resté coincé dans une armoire Ikea

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-02544-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Pinheiro, Mauro de Abreu. II. Título.

14-10499

CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

TÍTULO ORIGINAL EM FRANCÊS:

L'extraordinaire voyage du fakir qui était resté coincé dans une armoire Ikea

Copyright © le dilettante, 2013

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Ilustrarte Design e Produção Editorial

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.



ISBN 978-85-01-02544-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Léo e Éva, minhas mais belas obras.

Para Patricia, minha mais bela viagem.

*No fundo, creio que a Terra é circular,
Por uma única boa razão...
Depois de dar a volta nesse mundão
Tudo o que se quer é voltar para o lar.*

Orelsan

Um coração é um pouco como um grande armário.

Ajatashatru Ahvaka Singh



A primeira palavra que o indiano Ajatashatru Ahvaka Singh pronunciou ao chegar à França foi um termo sueco. Um absurdo!

Ikea.

Foi o que ele disse a meia-voz.

Dito isso, entrou na velha Mercedes vermelha, fechou a porta e aguardou, pacientemente, com as mãos pousadas sobre o tecido sedoso da calça, como um menino bem-comportado.

O taxista, que não sabia se tinha ouvido direito, virou-se para o passageiro, provocando o estalo das bolinhas de madeira que revestiam o assento.

Ele viu, sentado no banco de trás de seu veículo, um homem de meia-idade, alto, magro e nodoso como uma árvore, o rosto moreno atravessado por um enorme bigode. Buraquinhos, sequelas de uma acne virulenta, salpicavam suas faces encovadas. Ele ostentava várias argolas nas orelhas e nos lábios, como se tivesse desejado fechá-los após a utilização, como um zíper. “Que belo sistema!”, pensou Gustave Palourde, que viu ali um remédio fantástico contra as incessantes tagarelices de sua mulher.

A roupa de seda cinza e brilhosa do homem, sua gravata vermelha, na qual não se preocupara em dar o nó, prendendo-a apenas com um alfinete, a camisa branca, tudo amarfanhado de um modo terrível, testemunhavam as longas horas de avião. Mas, estranhamente, ele não trazia bagagem.

“Ou bem ele é hindu ou então deve ter sofrido um tremendo traumatismo craniano”, refletiu o taxista, vendo o enorme turbante branco que envolvia a cabeça do passageiro. Contudo, o rosto moreno e o bigode gigantesco o levavam a pensar que se tratava de um hindu.

— Ikea?

— Ikea — repetiu o indiano, arrastando a última vogal.

— Qual? Hum... What Ikea? — balbuciou Gustave, que se sentia tão à vontade em inglês quanto um cachorro numa pista de patinação.

O passageiro deu de ombros, como se dissesse que aquilo não lhe importava. *Djustikea*, repetiu, *dontmatadeoandatbetasiutyayardeparijian*. Foi mais ou menos isso que entendeu o motorista, uma sequência de gorjeios palatais incompreensíveis. No entanto, gorjeios palatais ou não, nos trinta anos passados na companhia Taxis Gitans, era a primeira vez que um cliente recém-desembarcado do Terminal 2C do aeroporto Charles de Gaulle lhe pedia para ser levado a uma loja de móveis. Até onde sabia, a Ikea não havia inaugurado nos últimos tempos uma rede de hotéis com seu nome.

Gustave tinha ouvido solicitações insólitas, mas aquela superava todas. Se aquele cara vinha realmente da Índia, era porque havia desembolsado uma pequena fortuna e passado oito horas dentro de um avião, tudo isso só para comprar prateleiras Billy ou uma poltrona Poäng. Parabéns!

Ou melhor, inacreditável! Seria preciso anotar esse encontro em seu livro de ouro, entre Demis Roussos e Salman Rushdie, que um dia lhe deram a honra de descansar suas partes posteriores sobre o assento imitando pele de leopardo de seu táxi, e, sobretudo, não se esqueceria de contar a história para sua mulher à noite, durante o jantar. Como, em geral, ele não tinha nada para contar, era sua esposa, cuja boca carnuda ainda não havia sido equipada com um formidável zíper indiano, que monopolizava a conversa na mesa, enquanto a filha enviava mensagens de texto mal-escritas para outros jovens de sua idade que nem sabiam ler. Por uma vez, as coisas seriam diferentes.

— Ok!

O taxista cigano, que passara os três últimos finais de semana percorrendo com as duas damas acima citadas os corredores azuis e amarelos da loja sueca, a fim de mobiliar o novo trailer da família, sabia muito bem que a Ikea mais próxima era a que ficava em Roissy Paris Nord, a apenas 8,25 euros dali. Então, optou pela loja de Paris Sud Thiais, situada no lado oposto da capital, um trajeto de 45 minutos a partir de onde se encontravam. Afinal, o turista queria uma Ikea. Não especificara qual. Além disso, com sua bela indumentária de seda e sua gravata, devia se tratar de um industrial indiano riquíssimo. Uma dezena de euros a mais não lhe faria diferença, não é?

Satisfeito consigo mesmo, Gustave logo calculou quanto aquela viagem lhe traria e esfregou as mãos. Em seguida, acionou o taxímetro

e arrancou.

Definitivamente, o dia até que estava começando bem.

Faquir de profissão, Ajatashatru Ahvaka (pronuncie *acha já a tua vaca*) decidira viajar incógnito em sua primeira ida à Europa. Nessa ocasião, ele trocara seu “uniforme”, que consistia em uma tanga na forma de uma enorme fralda de bebê, por um traje de seda brilhoso e uma gravata, ambos alugados por uma mixaria com Dhjamal (pronuncie *dia mau*), um velho da aldeia que, na juventude, havia sido representante de uma célebre marca de xampu e que ainda possuía belos cachos grisalhos.

Ao vestir seu disfarce, que usaria durante os dois dias de sua fuga, o indiano tinha desejado em segredo que lhe tomassem por um riquíssimo industrial indiano, a ponto de não se vestir de modo confortável, ou seja, de agasalho esportivo e sandálias, para um trajeto de ônibus de três horas e um voo de oito horas e quinze minutos. Fazer-se passar por quem não era, afinal de contas, tratava-se de seu ofício, posto que era faquir. Por motivos religiosos, conservara apenas o turbante na cabeça. Dentro dele, seus cabelos cresciam incansavelmente, chegando aos 40 centímetros de comprimento, segundo sua estimativa, e acomodando uma população de 30 mil almas, micróbios e piolhos juntos.

Ao entrar no táxi, Ajatashatru (pronuncie *achata o tutu*) logo percebeu que sua indumentária extravagante surtira efeito sobre o europeu, apesar do nó da gravata que nem ele nem o primo conseguiram fazer, mesmo com as explicações claras, ainda que trêmulas, do parkinsoniano Dhjamal, e tiveram de prendê-la com um alfinete de fralda, ínfimo detalhe que devia ter passado despercebido em meio à sua radiante elegância.

Uma olhadela pelo retrovisor não foi o suficiente para contemplar tamanha beleza, e o francês chegou a se virar no assento para melhor admirá-lo, fazendo estalar ruidosamente os ossos do pescoço, como se estivesse se preparando para fazer um número de contorcionismo.

— Ikea?

— Ikeaaa.

— Qual? Heh... What Ikea? — balbuciou o taxista, parecendo tão à vontade em inglês quanto uma vaca (sagrada) numa pista de patinação.

— Just Ikea. Doesn't matter. The one that better suits you. You're the Parisian.

O motorista esfregou as mãos com um suspiro e depois saiu dirigindo.

“Mordeu a isca”, pensou Ajatashatru (pronuncie *a chata e o tabu*), satisfeito. Enfim, seu novo visual executava maravilhosamente seu desígnio. Com um pouco de sorte, não tendo que abrir demais a boca, ele passaria por um nativo.

Ajatashatru era célebre em todo o Rajastão por engolir espadas retráteis, comer cacos de vidro de açúcar sem calorias, enfiar agulhas falsas nos braços e por um monte de outros truques de prestidigitação dos quais ele era o único, além de seus primos, a conhecer o segredo, e aos quais ele dava de boa vontade o nome de *poderes mágicos* para seduzir as multidões.

Assim, quando chegou a hora de pagar a corrida de táxi que chegou a 98,45 euros, nosso faquir entregou a única cédula que possuía para toda a sua estadia, uma nota falsa de 100 euros impressa somente de um lado, com um gesto indolente, sugerindo ao taxista que guardasse o troco.

No instante em que ele a enfiou na carteira, Ajatashatru o distraiu, apontando com o dedo indicador as imensas letras amarelas I-K-E-A entronizadas impavidamente no prédio azul. O cigano olhou para o alto por tempo suficiente para que seu cliente pudesse puxar o elástico invisível que prendia seu dedo mindinho à cédula verde. Num décimo de segundo, o dinheiro retornara para as mãos de seu proprietário original.

— Ah, espere! — disse o motorista, acreditando que a nota se encontrava bem-guardada em sua carteira. — Vou pegar o telefone da minha companhia. No caso de precisar de um táxi para a volta. Temos motoristas de caminhonetes também, se estiver muito carregado. Mesmo desmontados, esses móveis tomam um bocado de espaço, pode crer.

Ele nunca ficou sabendo se o indiano tinha entendido alguma coisa do que acabara de dizer. Depois de vasculhar o porta-luvas, apanhou um cartão sobre o qual se via uma dançarina de flamenco se abanando com o famoso chapéu tricorne de plástico branco, que havia sobre o teto dos táxis. Ele o entregou.

— *Merci* — disse o estrangeiro.

Assim que a Mercedes vermelha da Taxis Gitans desapareceu, sem

que o ilusionista, acostumado a fazer desaparecer só elefantes indianos com orelhas pequenas, tivesse algo a ver com isso, Ajatashatru guardou o cartão no bolso e observou o imenso depósito comercial que se estendia à sua frente.

Em 2009, a Ikea desistiu de abrir suas primeiras lojas na Índia, pois a legislação local impunha aos executivos suecos a divisão da gerência de seus estabelecimentos com diretores de nacionalidade indiana, além de acionistas majoritários, o que fez recuar o gigante nórdico. Ele não estava a fim de dividir a mina de ouro com ninguém, muito menos com encantadores de serpentes bigodudos adeptos de musicais kitsch.

Em paralelo, o líder mundial dos móveis semiprontos havia formado uma parceria com a Unicef a fim de combater o trabalho escravo infantil. O projeto, que envolvia quinhentas aldeias ao norte da Índia, permitiu a construção de diversos centros de saúde, nutrição e educação em toda a região.

Foi numa dessas escolas que Ajatashatru aterrissou, depois de ter sido demitido brutalmente logo na primeira semana de trabalho na corte do marajá Lhogro Singh Lhe (pronuncie *Ogro sem lei*), onde havia acabado de ser contratado como faquir-bufão. Tivera a infelicidade de roubar um pedaço de pão de gergelim, manteiga sem colesterol e dois cachos de uva orgânica. Na verdade, tivera a infelicidade de sentir fome.

Como castigo, primeiramente raspam-lhe o bigode, o que já era em si uma punição severa (ainda que isso o tivesse remoçado), depois lhe propuseram escolher entre dar um curso para crianças de prevenção contra o roubo e a delinquência nas escolas ou ter a mão direita cortada. Afinal, um faquir não teme a dor nem a morte...

Para grande surpresa de seu público, ao qual ele costumava apresentar atos de mutilação de todos os tipos (espetos de carne no braço, garfos enfiados nas bochechas, espadas na barriga), Ajatashatru declinou da oferta de amputação e decidiu-se pela primeira opção.

— Desculpe, senhor. Pode me informar as horas, por favor?

O indiano deu um pulo. Um quarentão de agasalho esportivo e sandálias acabara de parar à sua frente com um pouco de dificuldade, o carrinho carregado com cerca de uma dúzia de caixas de papelão que só um campeão de Tetris ou um psicopata teria sido capaz de organizar.

Para Ajatashatru, a pergunta soara mais ou menos assim: *Diskulpesenhorthenhora*.

Ou seja, nada muito compreensível, que não podia provocar de sua parte outra resposta senão *WHAT?*

O homem, vendo que estava diante de um estrangeiro, bateu o indicador direito no pulso esquerdo. O faquir logo compreendeu, ergueu a cabeça e, habituado a ler no sol indiano, disse o horário ao francês com uma diferença de três horas e trinta minutos. Seu interlocutor, que compreendia inglês melhor do que falava, se conscientizou de imediato de que estava terrivelmente atrasado para buscar os filhos na escola e retomou a corrida desvairada na direção de seu carro.

Ao ver as pessoas entrando e saindo da loja, o indiano percebeu que pouquíssimos clientes, aliás nenhum, estava vestido à sua maneira, em um traje brilhoso de seda. Muito menos de turbante. Para obter o efeito camaleão, estava começando mal. Esperava que isso não compromettesse a missão inteira. O visual agasalho esportivo e sandália teria sido o bastante. Tão logo retornasse, falaria sobre isso com o primo Raj Aadesh (pronuncie *rasque e a deixe*). Havia sido ele que insistira para que se vestisse assim.

Ajatashatru observou por um instante as portas de vidro se abrirem e se fecharem à sua frente. Toda a sua experiência de modernidade provinha de filmes hollywoodianos e bollywoodianos vistos na TV da casa da mãe adotiva, Sihringh (pronuncie *seringa* ou *see ring*, para os mais anglófilos). Era surpreendente constatar quanto esses artifícios, que ele considerava a maravilha da tecnologia moderna, eram banais para os europeus, que nem prestavam mais atenção a eles. Se tivessem esse tipo de instalação em Kisheyogoor (pronuncie *quiche e iogurte*), ele contemplaria sempre com a mesma emoção as portas de vidro daquele templo da tecnologia. Os franceses não passavam de crianças mimadas.

Um dia, quando tinha apenas 10 anos, muito antes de qualquer sinal de progresso surgir em sua aldeia, um aventureiro inglês lhe disse, mostrando-lhe seu isqueiro: “Toda tecnologia suficientemente avançada se confunde com magia.” Naquele momento, a criança não entendeu. “Isso apenas significa”, o homem explicou então, “que certas coisas que são banais para mim podem parecer mágicas para você. Tudo depende do grau de tecnologia da sociedade na qual você

cresceu.” Então, pequenas fagulhas saltitaram sob o polegar do estrangeiro, até darem vida a uma bela chama azul, quente e brilhante. Antes de ir embora, o homem lhe deu de presente, em troca de um favor bem estranho que revelaremos mais adiante, aquele objeto mágico ainda desconhecido na pequena aldeia perdida no limite do Deserto de Tharthar, e com o qual Ajatashatru elaborou seus primeiros truques de magia e aguçou sua vontade de um dia se tornar faquir.

Ele teve a mesma impressão extraordinária ao tomar o avião na véspera. A viagem foi uma experiência inacreditável para ele, que nunca antes havia decolado da terra firme onde pastavam as vacas (sagradas) além do que lhe permitia o mecanismo habilmente dissimulado sob as nádegas em suas inúmeras levitações públicas, cerca de 20 centímetros, quando o equipamento estava bem lubrificado. E ele passara a maior parte da noite olhando pela janela, boquiaberto, a ponto de deslocar a mandíbula.

Finalmente, depois de ficar um bom tempo diante das portas deslizantes, o indiano resolveu entrar. “Que paradoxo!”, pensou, olhando para o espaço reservado às crianças no saguão da entrada. “A Ikea constrói escolas e centros de acolhimento para os órfãos na Índia, mas ainda não construiu uma única loja de móveis!”

Isso o lembrou que fizera uma viagem de mais de dez horas, incluindo ônibus e avião, para chegar ali e que não lhe restava muito tempo para cumprir a missão. Seu avião partiria no dia seguinte. Apressou os passos e subiu pela imensa escadaria de linóleo azul que levava ao andar superior.

Para alguém que veio de um país ocidental de tendência democrática, o Sr. Ikea desenvolveu um conceito comercial no mínimo insólito: a visita forçada por sua loja.

Assim, se quisesse ir à seção de autoatendimento, situada no térreo, o cliente seria obrigado a subir ao primeiro andar, enfrentar um gigantesco e interminável corredor que serpenteava entre quartos, salas e cozinhas, cada ambiente mais lindo que o outro, passar diante de um restaurante tentador, comer alguns bolinhos de carne ou sanduíches de salmão, depois descer à seção de vendas para, enfim, poder realizar suas compras. Resumindo, uma pessoa que fosse adquirir três parafusos e duas porcas sairia dali quatro horas mais tarde, com uma cozinha equipada e uma boa indigestão.

Os suecos, pessoas muito sensatas, até acharam por bem desenhar uma linha amarela no chão para indicar o caminho a seguir, caso algum visitante tivesse a má ideia de sair das trilhas conhecidas. Durante o tempo em que estive no primeiro andar, Ajatashatru não se afastou por um segundo sequer dessa marcação, pensando que os reis dos móveis de pinho tinham certamente colocado atiradores de elite sobre os armários a fim de abortar qualquer tentativa de evasão, abatendo na hora todo cliente tomado por um repentino desejo de liberdade.

Diante de tão bela exposição, nosso rajastani, que até então só havia conhecido a austeridade das modestas moradas indianas, teve vontade apenas de estabelecer residência dentro da loja, sentar-se à mesa Ingatorp e ser servido com um belo frango tandoori por uma bela sueca em sári azul e amarelo e depois se enfiar entre os lençóis Smörboll desse macio colchão Sultan Fåvang para tirar uma soneca ou, então, se estender dentro da banheira e abrir a torneira de água quente para repousar um pouco da cansativa viagem.

Mas, como em seus truques de mágica, tudo ali era falso. O livro que acabara de pegar aleatoriamente na estante Billy era um vulgar

tijolo de plástico revestido de uma capa, a televisão na sala tinha tantos componentes eletrônicos quanto um aquário, e da torneira da banheira não saíria uma só gota de água quente (aliás, nem de água fria) para seu banho.

Entretanto, brotou em sua mente a ideia de passar a noite ali. Afinal, não reservara hotel por falta de dinheiro, e seu avião decolava no dia seguinte à uma da tarde. Além disso, ele só dispunha da cédula falsa de 100 euros, que estava reservada para a compra da cama, e o golpe do elástico invisível não funcionaria indefinidamente.

Aliviado por saber onde passaria a noite, Ajatashatru podia agora se concentrar em sua missão.

Ajatashatru nunca vira tantas cadeiras, pegadores de massa e luminárias na vida. Ali, ao alcance da mão, uma profusão de objetos de todos os tipos se estendia diante de seus olhos deslumbrados. Ele desconhecia a função de vários deles, mas isso não tinha a menor importância. Era a quantidade que o perturbava. Uma verdadeira caverna de Ali Baba. Espalhavam-se por todos os lados. Se seu primo estivesse ali, ele lhe teria dito: “Olhe aquilo! E isso! E ali também!”, pulando de uma seção para outra, como um garotinho que mexe em tudo feito louco. Na sua aldeia, os loucos apanhavam com longos bastões de madeira. E ele não queria descobrir se na França o castigo era pior.

As saladeiras e as luminárias o faziam lembrar, de algum modo, que ele vinha de um mundo bem diferente. E pensar que se não tivesse vindo, talvez nunca soubesse que tal lugar existia! Teria que contar tudo isso com detalhes para o primo. Se ao menos ele pudesse estar ali. Sozinho, não era possível aproveitar tanto as coisas e as descobertas. E, muitas vezes, a saudade dos seus tornava pobre e insípida a mais prodigiosa das paisagens.

Com esses pensamentos em mente, o indiano logo chegou à seção de quartos. Diante dele se enfileiravam cerca de dez camas, cada uma com um edredom mais colorido que o outro, dos quais pendiam etiquetas com nomes improváveis e impronunciáveis. Mysa Strå, Mysa Ljung, Mysa Rosenglim (será que eles se divertiam formando palavras com as letras pinçadas às cegas?). Suaves travesseiros, jogados de forma ordenada sobre as camas ou dispostos de modo um tanto falsamente desordenado, um convite à soneca.

Um casal se deitou pudicamente sobre uma Birkeland, já antevendo as deliciosas noites que desfrutaria. Talvez até gerasse um filho. Um aviso em francês e em inglês indicava que de fato um em dez bebês era concebido numa cama da Ikea. Com certeza, essa estatística não levou em conta a Índia.

O quadro idílico se partiu em mil pedaços quando duas crianças se lançaram como selvagens sobre um Aspelund e começaram uma guerra de travesseiros. Assustado, o jovem casal, deitado a duas camas dali, se levantou e fugiu para a seção de banheiros, deixando para mais tarde qualquer projeto de reprodução.

Ajatashatru, tampouco, tardou-se naquele ambiente hostil e escapou por entre mesinhas de cabeceira. Não porque desgostasse de crianças, muito pelo contrário, mas, para falar a verdade, não havia se interessado por nenhum dos modelos de camas ali expostos. Aquele que desejava não parecia se encontrar por ali.

Ele identificou três funcionários, vestidos com as cores da loja, ou seja, as cores da bandeira da Suécia, azul e amarelo, como o sári da bela sueca que servia frango tandoori na sua imaginação, mas pareciam todos ocupados dando informações a outros clientes. Então, ele se aproximou de um deles e aguardou sua vez.

O vendedor que ele espreitava era um gordo com óculos com armação de tartaruga e um brinco de diamante em cada orelha. O tipo que se identifica em menos de três rodadas de Cara a Cara. Estava concentrado no seu computador, erguendo de vez em quando a cabeça para as duas pessoas à sua frente, antes de mergulhar de novo na tela. Depois de alguns minutos, arrancou uma folha da impressora e a entregou ao casal que, satisfeito, logo se afastou, apressado para contar aos amigos que Elton John trabalhava na Ikea e, aliás, acabara de lhes vender uma sapateira.

Depois de se certificar de que o vendedor falava inglês, Ajatashatru lhe perguntou se eles tinham em exposição o modelo mais recente da Camãdepregöså. A fim de ilustrar suas palavras, desdobrou uma folha de papel que acabara de retirar do bolso e a entregou ao funcionário.

Era uma foto colorida de uma cama de faquir de autêntico pinho sueco em três cores, com a altura dos pregos (inoxidáveis) ajustável. A página havia sido arrancada do catálogo da Ikea de junho de 2012, que tinha tiragem de 198 milhões de exemplares no mundo todo, ou seja, o dobro da impressão da Bíblia.

Vários tamanhos eram oferecidos: 200 pregos (caríssimo e particularmente perigoso), 5 mil pregos (acessível e confortável) e 15 mil pregos (barato e, paradoxalmente, muito confortável). Em cima da cama, um slogan apregoava: *Para noites picantes!* O preço de 99,99 euros (para o modelo de 15 mil pregos) estava anotado em grandes

letras amarelas.

— Não temos mais este modelo na loja — explicou o Elton John dos móveis de madeira num inglês bem correto. — Estoque esgotado.

Vendo a expressão de decepção de seu interlocutor, ele se apressou a informar:

— Mas é possível encomendar.

— Quanto tempo levará isso? — perguntou o indiano, preocupado por ter viajado em vão.

— Deve chegar amanhã.

— Amanhã de manhã?

— Amanhã de manhã.

— Nesse caso, negócio fechado.

Contente por ter agradado o cliente, o vendedor atacou o teclado com os dedos.

— Seu nome?

— *Mister Singh* — (pronuncie *Sim*). — Ajatashatru, como se pronuncia.

— Ih... — exclamou o funcionário diante da dificuldade.

Mais por preguiça do que por comodidade, ele escreveu a letra X no espaço.

— Então uma Camãdepregösã especial faquir de autêntico pinho sueco, com altura dos pregos (inoxidáveis) ajustável. De que cor?

— Quais são as opções?

— Vermelho-puma, azul-tartaruga ou verde-golfinho.

— Não entendo a correspondência entre as cores e os animais — confessou Ajatashatru, que não entendia a relação entre as opções de cores e os animais que faziam parte do nome.

— Isso nós também não entendemos. É uma questão de marketing.

— Bem, então vermelho-puma.

O vendedor começou a digitar freneticamente no teclado.

— Pronto. O senhor pode vir apanhá-la amanhã, a partir das dez horas. Mais alguma coisa?

— Eh... Sim, só uma perguntinha, uma curiosidade. Como é que pode o modelo de 15 mil pregos ser três vezes mais barato que o de 200 pregos, que, além disso, é muito mais perigoso?

O homem o olhou por cima dos óculos, como se não o entendesse direito.

— Tenho a impressão de que minha pergunta não foi clara —

retomou o faquir. — Que imbecil compraria uma cama bem mais cara, bem menos confortável e bem mais perigosa?

— Quando tiver passado uma semana enfiando 15 mil pregos em 15 mil buraquinhos da prancha, essa pergunta estará respondida e o senhor se arrependerá de não ter comprado o modelo, sem dúvida mais caro, menos confortável e mais perigoso, de 200 pregos. Pode acreditar em mim!

Ajatashatru concordou e retirou a nota de 100 euros da carteira, tomando bastante cuidado para mostrar apenas o lado impresso. Ele removera o fio invisível pois, dessa vez, eles iam se separar de uma vez por todas. A missão chegara ao fim. Ali, imediatamente.

— Não é a mim que deve pagar, senhor. É no caixa, lá embaixo. Pode deixar para pagar amanhã. O valor é de 115,89 euros.

Ajatashatru teria caído para trás, se não tivesse se segurado naquele momento à folha de papel que lhe entregava o homem sorridente.

— É de 115,89 euros? — repetiu, assustado.

— O preço de 99,99 euros era promocional, válido até a semana passada. Veja, está escrito ali.

Ao dizer isso, o vendedor indicou com o dedo rechonchudo um texto escrito em tamanho não maior que uma pata de formiga, na parte inferior do catálogo.

— Ah.

O mundo desabou em volta do indiano.

— Pronto. Espero que nosso serviço tenha sido satisfatório. Se for o caso, fale com seus conhecidos. Caso contrário, não há necessidade. Muito obrigado.

Depois disso, considerando o contato concluído, Elton virou a cabeça enorme e seus óculos verde-golfinho para a mulher que se encontrava atrás de Ajatashatru.

— Bom dia, em que posso ajudar?

O faquir se afastou para deixar a senhora passar. Inquieto, ele mantinha o olhar fixo na nota de 100 euros, perguntando-se ao mesmo tempo como poderia conseguir os 15,89 euros que lhe faltavam.

Num grande cartaz preso perto das caixas, Ajatashatru leu que a loja fechava às oito horas da noite às segundas, terças e quartas. Assim sendo, por volta das sete e quarenta e cinco, tendo verificado no Swatch de plástico de uma loura avantajada, ele achou bom se reaproximar da seção de quartos.

Mal tinha se esgueirado, após olhadas discretas a seu redor, sob a cama de um quarto em exposição, de cores vivas, psicodélicas, quando uma voz feminina soou no alto-falante. Mesmo deitado, o indiano teve um sobressalto, batendo com força a cabeça nas ripas de madeira que sustentavam o colchão. Ele nunca imaginou que era possível ter um sobressalto estando em posição horizontal.

Com todos os sentidos em alerta, o faquir voltou a pensar nos atiradores de elite posicionados sobre os armários, mirando a luneta de seus fuzis na direção da Birkeland sob a qual ele se escondia, enquanto uma unidade de combate franco-sueca se deslocava rapidamente para o local, a fim de cercar a cama. No peito, seu coração batia em ritmo de trilha musical de Bollywood. Ele removeu o alfinete da gravata para respirar melhor. O fim de sua aventura estava próximo.

Entretanto, ninguém apareceu para desalojá-lo, e ele concluiu então que a voz do alto-falante havia apenas anunciado o fechamento da loja. Suspirou e esperou.

Algumas horas antes, logo após o vendedor cuidar de sua encomenda, Ajatashatru sentiu fome e se dirigiu ao restaurante.

Ele não sabia que horas eram. E, no interior da loja, era impossível ler o sol. Seu primo Pakmaan (pronuncie *Pac-man*) lhe contara um dia que nunca se viam relógios nos cassinos de Las Vegas. Dessa forma, os clientes não percebiam o passar do tempo e gastavam muito mais que o previsto. A Ikea devia ter copiado a técnica, pois não havia relógio algum nas paredes, e os que estavam à venda não tinham pilha, para evitar os espertinhos. Com ou sem relógio, gastar mais dinheiro era um luxo que Ajatashatru não podia se permitir.

O indiano procurou um relógio no pulso de alguém e viu as horas num modelo esportivo com pulseira preta que devia pertencer a certo Patek Philippe.

Eram duas e trinta e cinco.

Sem outra nota além daquela de 100 euros que seu primo Raj Aadesh tinha impresso num só lado e que junto aos 15,89 euros lhe permitiriam comprar sua nova cama de pregos, Ajatashatru seguiu para o restaurante, de onde escapavam aromas de carne cozida e peixe ao limão.

Ele se colocou no fim da fila, atrás de uma mulher de seus 40 anos, magra, loura, cabelos longos, bronzeada e vestida de maneira bastante burguesa. “A vítima perfeita”, pensou Ajatashatru, se aproximando dela. Ela exalava um perfume bom e caro. Suas mãos, cujas unhas tinham sido pintadas em um tom de vinho, pegaram uma bandeja e talheres.

Foi o momento que o indiano escolheu para retirar do bolso um falso par de óculos escuros Police e o colocar sobre o nariz. Depois, se colocou um pouco mais à mulher e apanhou também uma bandeja, uma faca que parecia cega e um garfo com as pontas embotadas, muito semelhantes àsquelas que costumava espetar na própria língua. Ele então se apoiou inteiramente na mulher e contou em pensamento.

Três, dois, um. No mesmo instante, sentindo-se incomodada, a francesa se virou de repente, fazendo voar com um movimento de ombros os óculos escuros de Ajatashatru, que se espatifaram no chão.

— *MY GOSH!* — exclamou o faquir, de olhos esbugalhados para seus óculos, antes de largar a bandeja e se ajoelhar numa tentativa de recuperar os pedaços.

Mas não convinha insistir demais no melodrama.

— Ah, o que eu fiz? — perguntou a mulher, levando a mão à boca. Em seguida, deixou a bandeja e se abaixou para ajudá-lo.

Ajatashatru lançou um olhar tristonho para os seis fragmentos de vidro fumê e azulado que segurava na palma da mão, enquanto a francesa lhe entregava a armação dourada.

— Eu sinto muito, sou tão desastrada.

O trapaceiro fez uma careta e deu de ombros, como se aquilo não tivesse importância.

— *Never mind. It's OK.*

— Mas claro que *mind*! Isso *mind* e muito! Faço questão de ressarcir o senhor.

Ajatashatru tentava desajeitadamente repor os cacos de vidro dentro da armação. Mas bastava encaixar um para que outro caísse na sua mão.

Enquanto isso, a mulher vasculhava a bolsa em busca da carteira. Ela pegou uma nota de 20 euros e se desculpou por não poder lhe dar mais.

O indiano recusou de forma educada, mas diante da insistência da burguesa, ele pegou a nota e a enfiou no bolso.

— *Thank you. It's very kind of you.*

— É normal, é normal. E, além disso, a refeição é por minha conta.

Ajatashatru colocou os pedaços dos óculos no bolso da calça e apanhou a bandeja.

Como a vida era fácil para os vigaristas. Em alguns segundos, ele acabara de ganhar os 15,89 euros que lhe faltavam para comprar a Camãdepregösa mais 4,11 euros para outras pequenas despesas. Dessa maneira, não só foi capaz de matar a fome (tomates com páprica, um sanduíche de salmão defumado com batatas fritas, uma banana, tudo acompanhado de uma Coca-Cola sem gás), mas ainda por cima teve o privilégio de não almoçar sozinho dessa vez. Como estava sozinha também, Marie Rivière, era assim que se chamava, lhe propusera que

fizessem a refeição juntos, além de subvencioná-lo por conta da história dos óculos.

Vítima e vigarista, antílope e leão, à mesma mesa, morrendo de rir com as histórias da personagem insólita em trajes brilhosos e turbante. Se alguém de Kisheyogoor visse aquela cena, não teria acreditado em seus olhos. Quem diria, Ajatashatru, que havia feito voto de castidade e escolhido se alimentar de modo equilibrado à base de pregos ecológicos e outros parafusos, à mesa com uma charmosa europeia se empanturrando de fritas e salmão defumado! Na sua terra, uma foto assim lhe teria valido a suspensão imediata de sua licença de faquir. Talvez até lhe raspassem o bigode. E por que não uma sentença de morte pra encerrar?

— Certas horas, um desastre cai bem — disse a mulher, corando. — Se eu não quebrar óculos de você, eu e você não encontrar. E então, eu nunca ver teus olhos lindos.¹

Talvez não coubesse a ela dizer aquilo. Talvez não devesse ter sido ela a dar o primeiro passo. Mas ela realmente achava que Ajatashatru tinha olhos lindos cor de Coca-Cola, com manchas amarelas nas íris que lembravam as bolhas borbulhantes do famoso refrigerante americano, aquelas que faltavam cruelmente no copo que ele bebia. Umas bolhas lindas, que talvez fossem estrelas. Além do mais, ela estava numa idade em que, se quisesse alguma coisa, pegava na hora. A vida agora passava numa velocidade estonteante. O que mostrava que um encontrão na fila da Ikea podia render mais resultados do que uma assinatura de três anos num site de encontros.

O homem sorriu, encabulado. As extremidades de seu bigode se ergueram como o de Hercule Poirot, levando com elas o colar de piercings que pendia de seus lábios. Aquelas argolas, Marie achava que lhe davam uma aparência selvagem, viril, de menino mau; enfim, tudo o que a atraía num homem. A camisa estava impecável. Era uma boa combinação. Ele possuía o estilo *aventureiro suquinho* com que ela tanto fantasiava.

— Você está em Paris atualmente? — perguntou, tentando refrear seus impulsos.

— Podemos dizer que sim — respondeu o rajastani, sem especificar que passaria a noite na Ikea. — Mas vou embora amanhã. Só vim comprar uma coisa.

— Há algo que justifique fazer uma viagem de ida e volta de 7 mil

quilômetros para comprar... — observou a bela burguesa com perspicácia.

Ele então lhe contou que fora à França com a intenção de comprar o mais recente modelo de cama de pregos que acabara de chegar ao mercado. Um colchão de pregos era um pouco como um de molas. Depois de um tempo, ele se comprimia. Nesse caso, a ponta dos pregos ficava rombuda e era preciso trocá-los. Evidentemente, ele omitiu o fato de não ter dinheiro algum e de que os habitantes de sua aldeia, convencidos de seus poderes mágicos, haviam financiado a viagem (escolhendo o destino menos caro numa busca pela internet, ou seja, Paris), a fim de que pudesse tratar seu reumatismo comprando uma cama nova. Era uma espécie de peregrinação. Ikea era para ele sua gruta de Lourdes.

Enquanto contava tudo isso, Ajatashatru sentiu, pela primeira vez na vida, um constrangimento ao mentir. Para ele, não dizer a verdade se tornara algo inato. Mas algo em Marie dificultava as coisas. Ele achava a francesa tão pura, tão meiga, tão cordial. Tinha a impressão de que a sujava. E se sujava ao mesmo tempo. Era um pouco decepcionante para ele aquele novo sentimento, aquela sombra de culpa. Marie tinha um rosto encantador que refletia a inocência e a gentileza. Um rosto de boneca de porcelana que exalava um pouco aquela humanidade que ele perdera para conseguir sobreviver na selva hostil.

Era também a primeira vez que lhe faziam perguntas, que se interessavam por ele por outro motivo que não fosse a cura de uma constipação crônica ou de um problema de ereção. Ele chegou até a se arrepender por ter enganado Marie de modo vil para poder comer alguma coisa.

E, depois, seus olhares, seus sorrisos. Será que ela o paquerava? Era estranho aquela iniciativa por parte de uma mulher. No seu país eram os homens que atacavam, mas de qualquer maneira, aquilo o encheu de coragem.

Dentro do bolso, Ajatashatru acariciava a armação dos óculos escuros falsificados. Um mecanismo secreto permitia que os cinco pedaços de vidro fossem reunidos e presos sob pressão. Ao menor choque, as peças saltavam de sua posição, dando a impressão de que os óculos se despedaçavam.

Depois que começara a usar aquele negócio, ele pôde constatar que

a maioria das pessoas — devoradas pelo sentimento de culpa — dava dinheiro para indenizar seu gesto infeliz.

Na realidade, nada havia de original. Ajatashatru apenas aperfeiçoara um golpe usado para um vaso partido que encontrara num velho livro de truques e embustes.

GOLPE DO VASO PARTIDO

Material: um pacote, um vaso quebrado e papel de presente.

Você passeia por uma grande loja de departamentos com um pacote embrulhado em papel de presente. Dentro desse pacote, você colocou, previamente, um vaso partido em mil pedaços. Ao passear em meio às prateleiras, você se aproxima de uma vítima e fica colado a ela. Quando esta se sobressaltar por conta da surpresa provocada por uma presença repentina contra seu corpo, largue o pacote. Ao cair no chão, os fragmentos do vaso darão a impressão de que o belo presente que você ia ofertar à sua bem-amada tia acaba de se quebrar aos seus pés. A vítima, sentindo-se culpada, o ressarcirá imediatamente.

— Eu sei que você encanta as mulheres — disse Marie com um sorriso no canto dos lábios —, mas o que eu quero saber é como você faz para encantar as serpentes... Isso sempre me intrigou.

Para falar a verdade, o indiano não tinha a intenção de encantar a francesa, mas aceitou o elogio, se é que se tratava de um. E como se sentia em débito com ela por ter-lhe odiosamente subtraído 20 euros, ele estimou que não haveria mal nenhum se revelasse um pequeno truque de faquir. Ela bem o merecia.

— Como acho você encantadora, no sentido literal do termo, vou desvendar esse segredo de faquir — disse ele então, solenemente. — Mas você precisa jurar que não contará para mais ninguém.

— Eu prometo — falou Marie, roçando a mão na dele.

No mundo real, duas bandejas de comida sueca os separavam, mas no seu mundo particular, ele a envolvia em seus braços e lhe revelava seus segredos no ouvido.

Perturbado, Ajatashatru recolheu sua mão.

— Na minha aldeia — balbuciou —, somos acostumados à presença de serpentes desde a mais tenra idade. Quando eu ainda era um bebê de 1 ano, já possuía uma cobra como brinquedo e animal de estimação. É claro, os adultos se certificavam regularmente de que suas glândulas estavam livres de veneno, forçando o réptil a morder um pano que estendiam sobre um pote de geleia. O precioso líquido servia para a elaboração de um antídoto. Mas posso garantir, mesmo sem veneno, as mordidas e as cabeçadas desse bicho não são lá muito agradáveis. Enfim, você me perguntou como se encanta uma cobra. Pois bem, as serpentes são surdas, caso você não saiba. Então, o réptil acompanha o movimento pendular da *pungi*, essa flauta que parece um cantil atravessado por um longo e oco tubo de madeira, e as vibrações de ar causadas pelo instrumento. Tem-se a impressão de que ela está dançando, enquanto está apenas acompanhando a oscilação da flauta com a cabeça. Fascinante, não?

Sim, Marie estava fascinada. Aquela conversa superava de longe todas as que tivera a oportunidade de travar nos últimos anos com os rapazes que levava para casa, após suas noitadas. Como é duro viver sozinha quando não se suporta a solidão. Isso nos obriga a passar por um bocado de coisas desagradáveis. E como, para ela, era melhor estar mal-acompanhada do que só, o dia seguinte tinha com frequência o gosto amargo dos arrependimentos.

— Mas é muito mais complicado encantar uma mulher do que uma serpente — acrescentou o faquir, para concluir com uma pincelada de humor.

E ele sorriu.

— Isso depende da mulher.

Às vezes, a bela francesa parecia tão frágil quanto uma boneca de porcelana. E no instante seguinte, se tornava tão enfeitiçante quanto uma pantera.

— E da serpente...

A conversa tomava um estranho viés. Na Índia era bem simples, não se paqueravam os faquires. Pelo menos era o que Ajatashatru gostava de pensar, pois nunca havia sido paquerado. A francesa o agradava bastante, realmente, mas o problema é que ele só ficaria ali por uma noite, não estava hospedado num hotel e não tinha ido à França para achar uma mulher. Havia sua missão e, além disso, os

relacionamentos de apenas uma noite não eram com ele. Não, de fato, era melhor esquecer tudo de uma vez. Vamos, mexa-se!

— E você, o que veio comprar aqui? — balbuciou ele, tentando varrer aquelas ideias da cabeça.

Mas era difícil não observar o belo decote da francesa e impedir o livre curso da imaginação.

— Uma lâmpada e suportes de metal para pendurar talheres sobre a pia da cozinha, nada de muito sexy.

Aproveitando a deixa, Ajatashatru abriu a mão em posição vertical, a palma na direção dela e enfiou ali o garfo. O talher ficou suspenso no ar, atrás de seus dedos, em posição horizontal, como por magia.

— O que você acha desse suporte para talheres? — indagou ele. — Desse tipo você não acha nem na Ikea.

— Ah! Como você fez isso? — exclamou ela, impressionada.

O indiano franziu os olhos e fez seu ar misterioso. Ele sacudiu a mão para deixar bem claro que o garfo permanecia solidamente colado por meio de uma força possante e irresistível.

— Vamos, me conta! — pressionou-o Marie, como se fosse uma garotinha caprichosa. E cada vez que ela se inclinava na sua direção para ver o que ele ocultava atrás da mão, Ajatashatru se afastava um pouco mais.

O mágico sabia que, em tais circunstâncias, o silêncio tinha o dom de enervar e exacerbar a curiosidade de sua plateia. Já explicara o truque da flauta. Revelar mais esse equivaleria a confessar que tudo o que fazia não passava de truques e charlatanismo. Para não ficar malvisto, preferiu a opção mais gratificante, a que empregava com seus compatriotas: a mentira.

— É preciso muito treinamento e meditação.

Na realidade, se Marie estivesse ao lado de Ajatashatru, teria visto que o garfo estava preso entre a palma da mão e a faca, que ele colocara em posição vertical, enfiada sob a manga. Algo que, convenhamos, não se consegue nem com muito treinamento nem com muita meditação.

— Você não terminou a sobremesa — disse Ajatashatru, tentando desviar o assunto.

No instante em que ela observou seu cheesecake, ele tirou a faca da manga e a deixou sobre a mesa, imperceptivelmente, à direita de seu prato.

— Não gosto mais de você. Você não me contou como fez... — disse ela, com cara emburrada.

— Um dia, preciso mostrar para você como se perfura a língua de um lado ao outro com um arame, sem fazer buraco!

Marie já se sentia prestes a desmaiar. Ah, isso não, ela não suportaria.

— Você já viu a Torre Eiffel? — perguntou ela, para mudar de assunto, antes que aquele homem tivesse a esplêndida ideia de perfurar a língua com o garfo.

— Não. Cheguei hoje de manhã de Nova Delhi e vim para cá direto do aeroporto.

— Você sabia que existem histórias e anedotas apaixonantes sobre esse monumento? Sabia que Maupassant detestava a Torre Eiffel? E ele almoçava lá todos os dias, pois era o único lugar de onde não era obrigado a vê-la...

— Eu precisaria primeiro saber quem é esse tal de Maupassant. De qualquer maneira essa historinha me agradou!

— É um escritor francês do século XIX. Mas espere — acrescentou ela, mordendo o último pedaço de cheesecake —, há outras mais deliciosas, e não estou falando da minha torta, que está muito gostosa. Um vigarista chamado Victor Lustig conseguiu vender a Torre Eiffel. Você acredita nisso? Depois da Exposição Universal de 1889, para a qual ela foi construída, a torre seria desmontada e destruída. É verdade que sua manutenção representava um custo financeiro gigantesco para o governo francês. Esse pilantra do Lustig se fez então passar por um funcionário público e, depois de falsificar um contrato de venda em território nacional, vendeu as peças do monumento ao proprietário de uma grande companhia de recuperação de metal pela módica quantia de 100 mil francos.

Quando ela acabou de converter o valor em rupias indianas com um simples toque no celular, Ajatashatru se sentiu um vigarista iniciante comparado com esse Lustig. Para não ficar por baixo, ele se achou na obrigação de contar também para a linda burguesa as histórias e as fábulas de seu país. A história do faquir que não tinha mais prego algum a fez rir bastante, sem imaginar sequer por um instante que ele falava de si mesmo.

— De qualquer maneira — ela acabou dizendo —, é mesmo uma pena que você não tenha ido ver a Torre Eiffel. Muitos de seus

compatriotas trabalham lá. Talvez pudesse encontrar um parente? Eles vendem torres Eiffel.

Ajatashatru não entendeu direito a alusão da francesa. Sem dúvida, tratava-se de um problema de tradução. Estaria ela querendo dizer que os indianos que vivem em Paris eram todos corretores imobiliários? Se tivesse ido passear no Champ-de-Mars para verificar essa informação, ele teria de qualquer modo cruzado mais com paquistaneses e bengaleses do que indianos, todos atarefados, vendendo, entre uma ronda policial e outra, chaveiros e outras miniaturas do monumento francês.

— Sabe, faz muito tempo que não rio tanto e que não falo com um homem sobre coisas, assim... diferentes — confessou Marie. — É tão bom encontrar pessoas sinceras, autênticas como você. Pessoas que fazem o bem e o propagam ao seu redor. Eu me sinto muito bem com você. Talvez seja idiota dizer isso, mas acabamos de nos conhecer e, no entanto, tenho a impressão de que nos conhecemos há muito tempo. Admito que, de certa forma, estou contente de ter quebrado seus óculos.

Durante essa declaração, a bela francesa voltou a ser uma pequena boneca de porcelana de longos cílios curvilíneos.

Eu? Uma pessoa sincera e que faz o bem, propagando-o ao redor?, perguntou-se o indiano, virando-se para todos os lados para ter certeza de que ela estava de fato falando dele. E acabou percebendo que era isso mesmo. Às vezes, basta que as pessoas nos vejam de certa maneira, ainda mais se a imagem for gratificante, para que nos transformemos nessa bela pessoa. Esse foi o primeiro choque que o faquir recebeu em pleno coração, desde o início dessa aventura.

Não seria o último.

Nota

1. Para melhor entendimento, evitaremos doravante traduzir de forma demasiadamente literal o inglês aproximativo de Marie. (*N. do A.*)

Depois de alguns minutos debaixo da cama, e como ninguém viera incomodá-lo, Ajatashatru acabou adormecendo. A posição horizontal, a escuridão, o súbito silêncio e a longa viagem haviam sobrepujado sua vontade e sua excelente forma física. Era capaz de fingir jamais sentir dor, mas certamente não conseguia dissimular o cansaço. Além disso, sob aquela cama, não havia público, e ele podia se dar ao luxo de ser fraco.

Quando reabriu os olhos, duas horas depois, tinha se esquecido de onde se encontrava, como acontece às vezes quando despertamos após um sono breve, e achou que tinha ficado cego. Num sobressalto, bateu a cabeça contra o estrado da cama e logo se conscientizou de que se achava sob a cama da loja Ikea, na França, e que as camas francesas, ou suecas, eram mesmo muito baixas.

Ele se lembrou de Marie, de quem se despedira algumas horas mais cedo na seção de banheiros, não sem antes lhe prometer que ligaria na próxima vez que viesse à França, a fim de visitarem a Torre Eiffel e encontrarem os primos do setor imobiliário.

Ela lhe pareceu desapontada por se despedirem daquele jeito, por ele ter recusado sua proposta de saírem para beber mais tarde, num bairro animado da capital. Ele teria gostado de passar a noite com ela, sua única noite parisiense. Mas isso o deixaria perturbado. Isso o teria afastado de sua missão. Era apenas uma viagem de ida e volta. Índia-França. Não conseguiria ir embora. Enfim, agora ele tinha o número dela. E sua cabeça estava muito confusa. Talvez um dia...

Ajatashatru arriscou-se a dar uma olhada ao redor, mas a cena que se estendia ante seus olhos se resumia a um chão de linóleo azul, tufo de poeira e pés de camas. Pelo menos não vira nenhum pé humano.

Em total silêncio, ele deslizou para fora de seu esconderijo, lançando olhares furtivos para o teto da loja, no caso de haver câmeras de vigilância. Contudo, nada viu de semelhante. Por sinal, ele não sabia direito com o que se parecia uma câmera de vigilância. Na

sua aldeia, isso não era algo comum. E, no final das contas, a Ikea era um pouco superestimada. Não havia franco-atiradores sobre os armários, nem câmeras, nada. Os soviéticos eram bem mais cuidadosos em termos de segurança.

Ignorando todas as medidas de precaução, ele passeou pelos corredores tranquilamente, como se estivesse de braços dados com Marie, flanando de forma indiferente entre os móveis à procura de uma poltrona ou de um espelho para decorar seu belo apartamento parisiense, cujas janelas davam todas para a Torre Eiffel, frequentada com assiduidade por Maupassant, muito embora ele a detestasse. Imaginou-a sozinha naquele momento em seu apartamento. Era uma pena mesmo.

Ele procurou nos bolsos por uma pequena embalagem de chicletes, na qual a francesa escrevera seu telefone. Leu e releu diversas vezes a sequência de números até decorá-la. Eram algarismos que transpiravam o amor, sem dúvida. Resignado, ele enfiou o papel nas profundezas do bolso da calça para não perdê-lo, bem perto do sexo. Era ali que ele colocava todas as coisas às quais era apegado. Vamos, não pense mais nisso. A missão. Antes de tudo, a missão.

Ajatashatru olhou à sua volta. Que sorte se encontrar ali! Sentia-se como uma criança que havia penetrado sorrateiramente numa imensa loja de brinquedos. Ele, que só conhecera as residências modestas de seu primo Vachasmati (pronuncie *Vaca asmática*) e de Sihringh, dispunha agora, por toda uma noite, à sua inteira disposição, de um apartamento de mais de 1.000 metros quadrados com dezenas de quartos, salas, cozinhas e banheiros. Calculando bem, ele logo percebeu que a noite não continha horas suficientes para que pudesse dormir em todas as camas oferecidas.

Sua barriga roncou.

Como Cachinhos Dourados na casa dos ursos, o faquir — que não aguentava mais a fome e o cansaço — ou qualquer outra coisa, aliás, saiu em busca de um bom banquete. Ele se enfiou então pelo labirinto de poltronas e cadeiras da seção de salas de estar e seguiu na direção apontada pelos painéis que indicavam o restaurante, como um oásis no deserto.

Na enorme geladeira cinza, achou salmão defumado, um Tupperware cheio de creme de leite, salsa, tomates e alface. Despejou tudo dentro de um prato grande, foi se servir de refrigerante nas

torneiras e tomou o caminho inverso, na direção das seções de móveis. Lá, escolheu uma sala decorada com mobília laqueada em branco e preto. Nas paredes, grandes fotografias de prédios nova-iorquinos bege e amarelo davam um tom moderno ao conjunto. Nunca poderia ter achado um hotel assim tão luxuoso para pernoitar, muito menos por 100 euros; aliás, por uma nota de 100 euros impressa só de um lado.

O indiano apoiou a bandeja sobre uma mesinha de centro, tirou o casaco e a gravata e sentou-se confortavelmente num sofá verde. Diante dele, uma falsa televisão de plástico era um convite à imaginação. Ele fingiu ligá-la e assistir ao mais recente *blockbuster* bollywoodiano, degustando ao mesmo tempo o salmão defumado, aquele estranho mas saboroso peixe cor de laranja fosforescente, que comia pela segunda vez na vida no mesmo dia.

É fácil se habituar ao luxo.

Concluída a refeição, ele se levantou e esticou as pernas, andando em torno da mesa. Foi nesse momento que percebeu, na estante situada atrás do sofá, um volume diferente dos demais.

Tratava-se na realidade de um jornal de verdade, que alguém devia ter esquecido ali. Ao lado, havia falsos livros de tijolo em plástico que ele vira naquela manhã mesmo, em outras bibliotecas da loja.

Não sabendo falar francês, ele nem o teria aberto, mas reconheceu a inimitável primeira página do jornal americano *Herald Tribune*. “A noite vai ser divertida”, pensou ele, sem imaginar até que ponto, mas por outras razões.

Ajatashatru fingiu desligar a TV e se entregou à leitura do jornal. Incomodava-o deixar a televisão ligada quando não a assistia. A eletricidade era mercadoria rara em seu país. Ele percorreu um artigo na primeira página. O presidente da França se chamava Hollande. Olha só, que ideia estranha! Por acaso o presidente da Holanda se chama France? Esses europeus eram muito estranhos.

E o que dizer desse antigo patinador artístico que percorria todos os anos, desde Paris, na época do aniversário de morte do Michael Jackson, 6 mil quilômetros fazendo *moonwalk* para chegar ao cemitério de Forest Lawn Memorial Park, no subúrbio de Los Angeles, onde seu ídolo fora enterrado? Ajatashatru não era nenhuma sumidade em geografia, mas achou difícil imaginar o célebre passo de dança na travessia do Atlântico, a bordo de um avião ou num navio.

Tomado por uma risada nervosa e por uma irresistível vontade de

urinar, o indiano se levantou do sofá e atravessou sem sapatos, e sem *moonwalk*, o *show room* na direção do banheiro.

Mas nunca o alcançaria.

Vozes e ruídos de passos vindos da escada principal soaram no silêncio da loja, transformando em instantes o peito delicado de Ajatashatru numa arquibancada cheia de torcedores numa partida de futebol. Assustado, ele olhou para todos os lados e se escondeu dentro do primeiro armário que viu, uma espécie de guarda-volumes de metal azul com duas portas, obra-prima da novíssima coleção *American teenager*. Assim que entrou, rezou para que não achassem seu paletó sobre o sofá, a alguns metros dali. E rezou também para que não encontrassem sua bandeja abandonada sobre a mesa de centro. E, sobretudo, para que ninguém abrisse a porta daquele armário. Em último caso, diria que tinha entrado para tomar as medidas dos móveis e que não vira o tempo passar. Do bolso da calça, ele retirou um lápis e uma régua de papel de um metro com o logotipo da Ikea e ficou ali, imóvel no escuro, aguardando ser surpreendido a qualquer momento. Dentro do peito, os torcedores quebravam tudo. Fora, as vozes se aproximaram, o cercaram, mas no fim das contas ninguém o descobriu. Talvez tivesse sido melhor que o vissem.

Julio Sympa e Michou Lapaire, o diretor da Ikea Paris Sud Thiais e o responsável pela decoração da loja, subiram a escada que conduzia ao *show room*, seguidos por sua corte, um punhado de homens e mulheres de camiseta amarela e calça azul-marinho.

Se ainda estavam trabalhando àquela hora, era para organizar, pôr no lugar a nova coleção.

Julio Sympa, um gigante de dois metros de altura que tinha escalado quatro vezes o Mont Blanc e leu, em cada uma delas, no topo, *Por que sinto tanto frio*, de Josette Camus, antes de descer, ou seja, 853 páginas depois, parou diante do quarto *American teenager* e apontou o dedo para diversas direções antes de seguir em frente.

Michou Lapaire, que sempre desejou nascer num corpo de mulher, anotava em seu caderninho cor-de-rosa o nome dos móveis designados pelo patrão, mostrando-se extremamente atarefado.

Enquanto isso, os membros da equipe técnica, cuja maioria jamais ouvira falar de *Por que sinto tanto frio*, de Josette Camus, e tampouco sonhara em nascer com um sexo diferente, calçavam luvas, desenrolavam os rolos de plástico-bolha e empurravam as caixas que serviriam para transportar os móveis sem risco de quebrar. Por razões imperativas de prazo, o diretor dera a instrução de não desmontar os móveis (um absurdo nas lojas da Ikea!) e fechá-los diretamente nas enormes caixas de madeira. Assim, evitariam desmontar e remontar, tarefa tão tortuosa para o espírito quanto dolorosa para o corpo.

Enquanto os técnicos tratavam de levantar o armário metálico azul e fechá-lo dentro de uma caixa de madeira bem maior do que ele, ouviu-se um ligeiro ruído de água, um discreto fio de líquido escorrendo de uma torneira. Se um deles tivesse aberto o armário naquele momento, teria encontrado um Ajatashatru numa posição bem comprometedora, em pé, recurvado, ocupadíssimo em dar livre curso à imaginação transbordante de sua bexiga enquanto o moviam a alguns centímetros do chão. Era tão difícil mijar dentro de um armário

quanto em um avião, observou o indiano, que nunca havia pensado que um dia faria tal constatação.

De qualquer maneira, ninguém abriu a porta do armário.

— Quando vocês tiverem acabado com isso — disse Julio Sympa, que tinha os ouvidos bem aguçados —, consertem esse vazamento.

Em seguida, apontou novamente seu dedo inquisidor na direção da escrivaninha a alguns metros dali, como se a condenasse à morte. O que era um pouco o caso.

No mesmo momento, quer dizer, naquele instante preciso em que Julio Sympa apontava seu dedo inquisidor para uma escrivadinha, como se a sentenciasse à morte, portanto exatamente às onze horas da noite, Gustave Palourde estacionava seu táxi no acostamento, certificando-se de que os vidros e as portas estavam bem fechados. Esfregando as mãos, começou a contar a fêria do dia.

Era seu pequeno ritual no fim do expediente, a pequena satisfação do trabalho bem-feito. Desde que sua esposa, Mercedes-Shayana, o surpreendera um dia em casa (era assim que chamava seu trailer) contando o dinheiro após o trabalho e, depois de identificar seu esconderijo, lhe roubara boa parte da quantia para comprar bolsas imitando pele de crocodilo, Gustave criou o hábito de agir assim. Melhor não provocar o diabo, ele repetia aos colegas depois do incidente, ainda que ele não vestisse Prada...

Assim que acabou de contar sua receita, o velho cigano deu uma olhada no bloco de anotações e percebeu que o total de corridas que efetuara naquele dia não correspondia à soma que tinha nas mãos e, contrariado, parou de esfregá-las. Ele refez as contas várias vezes de cabeça, e, depois, utilizando a calculadora do celular, mas o resultado era sempre o mesmo. Havia uma diferença de 100 euros. Ele vasculhou o nécessaire que havia tomado “emprestado” de sua mulher — simples retorno das coisas — onde guardava todo o dinheiro, procurou na carteira, cada vez mais nervoso, depois debaixo do seu banco e também do banco do passageiro, em seguida nos compartimentos das portas e até, tomado pelo desespero, nos vãos em volta do câmbio. E tudo que achou foi poeira.

Cem euros. Gustave voltou a pensar na cédula verde do indiano que ele deixara na loja Ikea. Havia sido a corrida mais cara do dia; consequentemente, ele não poderia ter dado a nota como troco a outro passageiro.

— E se essa maldita nota não está aqui, é porque...

Não demorou muito para o cigano perceber que tinha sido vítima de alguém mais malandro do que ele. Tentou se recordar da cena. O indiano lhe entregando a cédula. Ele pegando-o, abrindo a carteira e enfiando-a no interior. O indiano agitando os braços para lhe mostrar alguma coisa. Ele olhando. E não vendo nada de interessante. Ele dizendo a si mesmo que o indiano era um pouco biruta. Em seguida, guardando a carteira, se inclinando para o porta-luvas para apanhar um cartão com seu telefone.

— Safado! — exclamou Gustave. — Toda aquela gesticulação para me distrair, enquanto recuperava o dinheiro. *Cabrón!*²

Se havia algo que o taxista parisiense não suportava era ser trapaceado por um trapaceiro, enrolado por um enrolador, o bobo da corte, o palerma de plantão. Jurou que acharia o indiano imediatamente e o faria comer o próprio turbante. Palavra de cigano.

Assim decidido, acariciou a estatueta de Sara, a padroeira dos ciganos, pendurada no retrovisor. E quando deu uma arrancada brusca, ela se chocou com o São Fiacre, padroeiro dos taxistas na França, que pendia ao seu lado.

Durante todo o trajeto até sua casa (o trailer), Gustave amaldiçoou o indiano entre os dentes. Não escutou sequer o CD do Gipsy Kings que estava sempre no som do carro, para se ter uma ideia de como estava irritado. E então, enquanto aguardava um sinal vermelho se transformar em uma grande pastilha Valda, teve uma ideia. Terminadas suas comprinhas na loja, talvez o indiano tivesse usado o cartão dos Taxis Gitans que ele lhe dera. Se fosse esse o caso, algum de seus colegas o teria, logicamente, transportado. Bastaria perguntar onde o tinha deixado, e ele o encontraria e acabaria com ele. Sem delongas, Gustave pegou o radiotransmissor.

— Atenção, todas as unidades — (ele copiara a frase da série *Starsky & Hutch*) —, algum de vocês pegou hoje um indiano, roupa cinza amassada, gravata vermelha presa à camisa com um alfinete, turbante branco na cabeça, bigodão, alto, magro e nodoso como uma árvore, um hindu, ora, na Ikea Paris Sud Thiais? É um código L (de *Ladrão*), repito, código L (de *Larápio*), entenderam bem? Código L (de *Logo Logo o Larápio Ladrão Levará uma Lição!*).

Então resmungou para si mesmo:

— Confiar num *payo*, indiano ainda por cima, num trajeto Roissy-Ikea, isso nunca mais.

Ao mesmo tempo, argumentava que um evento desses devia acontecer com a mesma regularidade que a passagem do cometa Halley (a próxima prevista para 28 de julho de 2061) e que talvez não fosse uma boa ideia comentar com a mulher no jantar, para não passar por imbecil diante da filha que já o considerava suficientemente estúpido.

Ao fim de alguns minutos, nenhum colega de serviço informou ter transportado o misterioso passageiro naquela tarde. Ou ele contatara outra companhia de táxi, ou alugara uma caminhonete por conta própria, ou então ainda se encontrava no local, deduziu Gustave. “As duas primeiras opções só posso verificar amanhã. Quanto à última, posso dar uma passada e ver se há um hotel próximo à loja. Estou por perto, isso só vai levar uns quinze minutos.”

Pensando assim, deu meia-volta com uma ruidosa derrapada, durante a qual Sara, padroeira dos ciganos, se aninhou por um instante nos braços de um sorridente São Fiacre, padroeiro dos taxistas na França.

Nota

2. Insulto em espanhol um tantinho mais violento do que “menino malvado”. (*N. do A.*)

Quando Gustave chegou em frente à Ikea, um enorme caminhão de transporte saía cheio de mercadorias. Ele parou no acostamento para deixá-lo passar, longe de imaginar que no bagageiro se encontrava uma enorme caixa de madeira que, como as bonecas russas, continha um armário de metal que, por sua vez, continha o indiano que ele procurava.

Ele seguiu pela rua, contornou a loja, mas nada viu de suspeito. Um centro comercial fechado, um Starbucks aberto, porém vazio... Havia de tudo, menos um hotel. Havia de tudo, menos um indiano alto e magro, nodoso como uma árvore, de terno e gravata e turbante que engana os honestos taxistas ciganos franceses.

Do outro lado da avenida, havia um complexo residencial; contudo, a menos que ele conhecesse algum morador, o ladrão não poderia estar ali.

“Ainda que...”, pensou Gustave, que não perdia sequer um episódio de *The Amazing Race*. “Com esse tipo de gente, nunca se sabe. Talvez tenha conseguido dar um jeito, com sua lábia e seus truques.”

E, como nunca se sabe, ele seguiu com sua Mercedes pelas ruas povoadas de belas casas, vagou por uns cinco minutos pelo labirinto de residências e saiu pela avenida principal por onde havia entrado.

Era preciso resolver de uma vez esse assunto, pois no dia seguinte partiria de férias para a Espanha com a família. Portanto, só havia uma solução: recorrer aos profissionais.

A recente política regulamentar da Polícia Nacional francesa decretava que, a partir de então, todo bom cidadão francês tinha o direito de prestar queixa sobre qualquer tipo de infração, por mais fútil que fosse, e na delegacia que escolhesse. O policial, que, por sua vez, não tinha direito algum, tinha o dever de registrar a queixa, por mais fútil que a considerasse, e, acima de tudo, de não encaminhar o autor da queixa para outra delegacia, a fim de se livrar dele, prática até aquele momento corrente. Assim sendo, fazia alguns meses que reinava um ambiente pesado entre as vítimas enfurecidas diante da fila que não andava mais rápido do que nas agências de correio ou no açougue da esquina e os policiais amargurados por serem simples humanos e não polvos que, com alguns tentáculos, poderiam registrar várias reclamações ao mesmo tempo. Sentimento que se exacerbava ao cair da noite, uma vez que o número de postos policiais abertos ao público derretia com a mesma rapidez que um cubo de gelo no umbigo de Kim Basinger, concentrando o conjunto das vítimas parisienses num único e mesmo local, exatamente aquilo que a tal política regulamentar desejava evitar.

Apenas três horas, portanto, tinham transcorrido entre o momento em que Gustave tomara a decisão de avisar a polícia e o instante em que, vitorioso, teve sua queixa registrada diante do funcionário de plantão.

Preocupado em não romper o harmonioso entendimento estabelecido entre a polícia do bairro e a comunidade cigana, situada do outro lado do anel rodoviário da cidade, o policial enviou de imediato dois colegas à Ikea, acompanhados da vítima, para inspecionar as gravações do dia pelas câmeras de vigilância. Encontrariam aquele maldito faquir indiano que tinha vindo semear a discórdia nas suas minorias, e ele devolveria até o último centavo de euro que devia ao taxista.

Foi assim que Gustave Palourde, a inspetora de polícia Alexandra

Idiôté e o guarda Stéphane Demarmoré se encontraram no meio da noite dentro da exígua sala de segurança da loja, vendo um indiano recém-chegado de seu país que passara uns bons vinte minutos admirando as portas automáticas que davam acesso ao saguão antes de decidir entrar.

— Se ele fizer isso diante de todas as portas, amanhã à noite ainda estaremos aqui — disse o vigia que operava as câmeras.

— Não há mais nenhuma porta — ratificou o diretor da loja, o Sr. Julio Sympa, limpando seus óculos redondos ao estilo Harry Potter com um espesso lenço de pano.

— Podemos acelerar a velocidade das gravações — sugeriu a inspetora Idiôté, certa de que, com tal proposta, ela não seria tomada por uma imbecil.

— Ele corre o risco de parecer Benny Hill — exclamou o taxista.

— Cale-se e não atrapalhe nosso trabalho — interrompeu-o Demarmoré, que também tinha dificuldade de permanecer impassível como uma estátua de mármore.

Alheio a essa conversa provocada por sua pessoa, o indiano era visto vagando pelos corredores. Assim que uma câmera o perdia, outra logo o focalizava. E pensar que ele não havia identificado uma câmera sequer! Ele foi visto comendo no restaurante, acompanhado por uma linda loura na qual esbarrara na fila e que havia quebrado seus óculos escuros.

— Ele vai traçar a louraça — comentou Gustave, que tinha a impressão de assistir a um tipo de *Big Brother* na TV de seu trailer.

Passaram de forma acelerada o episódio do restaurante e depois as deambulações do homem, agora sozinho, pelos corredores. Aquilo parecia de fato um esquete. Retornaram à velocidade normal assim que o indiano se enfiou, inusitadamente, sob uma cama.

— Cama Birkeland. Ótima escolha, é nossa cama de maior sucesso — disse Julio Sympa, antes que quatro pares de olhos se virassem para ele.

Em seguida, viu-se o ladrão sair do esconderijo, preparar um pratinho na cozinha, saboreá-lo assistindo a uma televisão de material plástico desesperadamente vazia numa das salas do *show room*. Depois, ele leu um jornal, instalado num sofá, só de meias. Não teria feito melhor se estivesse em sua própria casa.

— Nós o pegamos! — exclamou o vigia, batendo com o dedo na

tela.

Depois disso, ele se levantou da cadeira como uma alma que vê o diabo e se precipitou na direção da porta, saindo sem que ninguém entendesse que bicho o picara.

Sozinhos, os outros continuaram a assistir à gravação. Por volta de dez e quinze da noite, surgia na tela o diretor da loja, acompanhado de um cara gordinho (que parecia sempre ter desejado ser mulher) e uma equipe completa de técnicos. Julio Sympa achou-se bastante fotogênico e lamentou não ter seguido carreira cinematográfica.

— O papel de Harry Potter já foi tomado — murmurou, resignado, ajeitando outra vez os óculos.

Viu-se então o indiano pulando dentro de um armário metálico azul, se escondendo antes que os técnicos comessem a embrulhá-lo com plástico-bolha e, finalmente, enfiá-lo dentro de uma grande caixa de madeira. A equipe então amarrou tudo e levou o pacote com o auxílio de uma empilhadeira elétrica na direção do elevador de carga.

Nesse instante, o vigia, fanático por seriados policiais americanos, voltou à sala de segurança. Trazia a bandeja do indiano, achada no lugar em que ele o havia deixado, sobre a mesinha da sala em branco e preto. Por cima, ele empilhara um paletó cinza, uma gravata vermelha e um par de sapatos pretos.

— Este prato e este copo estão cheios de impressões digitais — informou ele, orgulhosamente —, e com certeza vocês vão encontrar fios de cabelo ou pelos nessas roupas.

A inspetora de polícia logo fez uma careta de nojo ao ver os sapatos imundos. Ignorando o vigia, ela se virou para o diretor da loja.

— O que vocês fizeram com aquele armário?

— O armário que vimos nas imagens? — balbuciou o homem, visivelmente abatido.

— Isso, o armário que não aparece mais na sequência das gravações.

— Foi despachado...

— Despachado?

— É. Despachado, enviado.

— Sei muito bem o que quer dizer “despachado” — interrompeu Idiôté, sentindo que começavam a tomá-la por imbecil. — Mas despachado para onde?

O homem mordeu o lábio superior. Se pelo menos ele fosse Harry

Potter naquele instante, teria sido capaz de desaparecer como num passe de mágica.

— Para o Reino Unido...

Todos engoliram em seco juntos.

Cada um com a sua garganta, é claro.



Vozes acordaram Ajatashatru.

Vozes graves de homens.

Ele nem percebera que tinha adormecido. Desde que entrara no armário, ele fora levado para todos os lados. Sentiu quando o levantaram do chão, sentiu seu corpo rolar para o lado. Havia sido arremessado principalmente contra paredes, escadas e outros ONI – Obstáculos Não Identificados.

Diversas vezes tentara sair e confessar tudo. Talvez fosse melhor do que mofar ali dentro e ser levado para o desconhecido. Aliás, a escuridão e as vozes incompreensíveis em francês, do lado de fora, tinham algo de opressor.

Mesmo assim, Ajatashatru conseguiu aguentar.

Depois de alguns minutos, veio a recompensa. Ele não ouviu nem sentiu mais nada. Aliás, chegou a pensar que estava morto. Mas a dor provocada pelo beliscão que se infligira no dorso da própria mão confirmara que não estava morto, pelo menos não ainda, e que o tinham somente abandonado à sua triste sorte no silêncio e nas trevas. Então, ele tentou sair do armário, mas não conseguiu. Esgotado, resignado, deve ter mergulhado nos limbos poderosos do sono.

Agora, as vozes graves não paravam de falar. O indiano acreditou ter distinguido cinco diferentes. Não era moleza, elas possuíam todas a mesma tonalidade grave, surda, como se viessem do além-túmulo. Mas uma coisa era certa: não eram mais aquelas que ouvira ao seu redor na loja. Falavam tão rápido e se exprimiam por meio de uma língua cheia de onomatopeias, sons secos, bruscos, que não lhe eram desconhecidos. “Uma língua árabe, mas falada pelos negros”, pensou o indiano.

Um dos homens caiu na gargalhada. Soava como um colchão com as molas rangendo sob o ardor de dois amantes.

Sem saber se aquelas vozes eram de amigos ou inimigos, o faquir prendeu a respiração. Por amigo, ele entendia qualquer pessoa que

não ficasse chocada ao encontrá-lo dentro daquele armário. Por inimigo, todos os demais: empregados da Ikea, policiais, a eventual compradora do armário, o eventual marido da eventual compradora, voltando do trabalho e achando um indiano de meias dentro do novo armário.

Com grande dificuldade, engoliu em seco e tentou umedecer a boca. Seus lábios estavam pastosos, como se alguém os tivesse colado. Então um sentimento terrível se abateu sobre ele, ainda mais terrível do que o medo de ser descoberto, o medo de ser encontrado morto dentro daquele armário de metal barato.

Durante suas apresentações no seu país, Ajatashatru ficava semanas sem comer, sentado em posição de lótus dentro do tronco de uma figueira-de-bengala, como o fizera 2.500 anos antes o fundador do budismo, Siddhartha Gautama. Ele só se dava ao luxo de se alimentar uma vez por dia, ao meio-dia, com parafusos, porcas e outros pregos enferrujados que o povo da aldeia quisesse lhe dar como oferenda. Em maio de 2005, um adolescente de 15 anos chamado Ram Bahadur Bomjam, que segundo seus adoradores estava havia seis meses meditando sem comer nem beber, roubara-lhe os holofotes. Televisões de todo o mundo se viraram então para o impostor, abandonando Ajatashatru em sua árvore.

Na realidade, guloso como era, nosso faquir não podia passar mais de um dia sem se alimentar. Assim que o sol se punha todas as tardes, vinham fechar o toldo armado diante da figueira e ele se alimentava com os mantimentos que seu primo Arhosbbasmati (pronuncie *Arroz basmati*), seu cúmplice em diversos de seus truques, lhe trazia. No que diz respeito aos parafusos e porcas, estes eram feitos de carvão; longe de serem agradáveis de se comer, eles eram mais fáceis de engolir do que os verdadeiros pregos de aço, por mais enferrujados que estivessem.

Mas Ajatashatru jamais tinha jejuado trancado dentro de um armário, sem mantimentos escondidos no fundo falso. Talvez fosse capaz, se a necessidade o obrigasse. O médico de Kisheyogoor lhe dissera um dia que um ser humano, faquir ou não, em média, não podia sobreviver mais de 50 dias sem alimento, e não mais de 72 horas sem água. Setenta e duas horas, quer dizer, três dias.

Com certeza, ainda não tinham passado senão cinco horas desde que bebera e comera pela última vez, mas o indiano não sabia disso.

Dentro da escuridão do armário, ele perdera a noção de tempo. E como sentia sede naquele momento, sua natureza hipocondríaca, pouco compatível com a função de faquir, o levou a crer que talvez já houvesse passado o prazo das fatídicas 72 horas fechado lá dentro e que sua expectativa de vida estivesse a ponto de se consumir, como uma vela há muito tempo acesa.

Se o que o médico dizia era verdade, o indiano precisava beber algo logo. Quer fossem vozes amigas ou inimigas do lado de fora, Ajatashatru empurrou a porta do armário novamente a fim de sair dali. Era uma questão de vida ou morte. Entretanto, mais uma vez seus esforços foram em vão. Seus braços frágeis e nodosos não lhe permitiam quebrar, ao contrário de seus heróis de Bollywood, as portas dos armários, pouco importando se fossem da Ikea ou não.

Ele provavelmente fez algum barulho, pois as vozes se calaram de repente.

De novo, Ajatashatru prendeu a respiração e esperou, os olhos arregalados, ainda que estivesse tudo escuro ao seu redor. Mas ele não se encontrava no palco, dentro de um aquário de vidro cheio de água, com uma tampa suficientemente espessa para poder respirar assim que a cortina baixasse. Ele só aguentou então alguns segundos em apneia e voltou a respirar, bufando como um cavalo.

Ouviu então algumas exclamações de estupor do outro lado da parede do armário, e, depois, sinais de agitação: uma lata de conservas caindo num solo metálico, pessoas se movimentando.

— Não vão embora! — gritou ele, com seu melhor sotaque inglês.

Depois de um breve silêncio, uma voz lhe perguntou, no mesmo idioma, quem era ele. O sotaque era inequívoco. Era certamente um negro. Mas, visto de dentro do armário na escuridão, todo mundo parecia assim.

O indiano sabia que devia ficar atento. Os africanos eram, em grande parte, de religião animista e atribuíam facilmente vida a todas as coisas, um pouco como em *Alice no País das Maravilhas*. Se não lhes dissesse a verdade, certamente acreditariam estar lidando com um armário que falava e fugiriam a toda daquele lugar amaldiçoado, levando com eles a única chance do faquir de sair vivo dali. Ele ignorava ainda que aqueles homens não eram animistas, mas muçulmanos, e que, encontrando-se dentro de um caminho, nunca poderiam sair correndo para bem longe, mesmo que tivesse muita

vontade de fazer isso.

— Pois bem, como estão me perguntando, eu me chamo Ajatashatru Ahvaka — começou o indiano, servindo-se de seu sotaque britânico de Oxford (um armário não podia possuir um sotaque assim tão belo). — Eu sou rajastani. Talvez vocês não acreditem, mas acabei preso dentro deste armário quando estava tirando as medidas numa grande loja francesa...bem... sueca. Não tenho água nem comida. Poderiam me dizer onde estamos, por favor?

— Estamos num caminhão de carga — respondeu uma voz.

— Um caminhão de carga? Ora essa! E estamos indo para algum lugar?

— Sim — respondeu outra voz.

— Estranho, eu não sinto nada, mas acredito em vocês; de qualquer modo, não tenho escolha. E posso saber para onde estamos indo, sem querer ser indiscreto?

— Para a Inglaterra.

— Pelo menos é o que eu espero — disse outra voz.

— Você espera? E posso perguntar o que estão fazendo dentro de um caminhão de carga cujo destino vocês não têm certeza?

As vozes conversaram entre si por um instante em sua língua nativa. Alguns segundos depois, uma voz mais grossa, mais possante, que sem dúvida pertencia ao líder, respondeu.

O homem disse que se chamava Haashim (pronuncie *atchim*), que eles eram seis dentro do caminhão e todos sudaneses. Havia Kougri, Basel, Mohammed, Nijam e Amsalu (pronuncie como bem entender). Hassan, que havia sido detido pela polícia italiana, estava ausente. Os sete homens tinham partido de seu país, mais exatamente da cidade de Juba, no atual Sudão do Sul, fazia cerca de um ano. Desde então, tinham vivido um périplo digno dos maiores romances de Júlio Verne.

Depois de passarem pela cidade sudanesa de Selima, os sete amigos atravessaram a zona fronteiriça comum ao Sudão, Líbia e Egito. Lá, alguns coiotes egípcios os conduziram até a Líbia, primeiro a Al-Koufrah, no sudeste, depois a Benghazi, no norte do país. Em seguida, se deslocaram até Trípoli, onde viveram e trabalharam durante oito meses. Certa noite, embarcaram num navio improvisado com outras sessenta pessoas, a fim de alcançar a pequena ilha italiana de Lampedusa. Interceptados pelos *carabinieri*, foram instalados no centro de Caltanissetta. Alguns traficantes facilitaram sua saída para em seguida poderem sequestrá-los e exigir um resgate às suas famílias. Mil euros, uma soma astronômica para elas. A comunidade fez uma vaquinha e o resgate foi pago. Menos o de Hassan, que nunca mais pôde sair. Os reféns tinham sido libertados e colocados num trem que fazia a ligação entre a Itália e a Espanha. Eles se encontraram em Barcelona, pensando que a cidade se situava no norte da França, e ficaram por lá alguns dias, até perceberem o engano, e depois tomaram outro trem para a França, mais precisamente para Paris. Resumindo, os clandestinos tinham levado quase um ano para percorrer ilegalmente a mesma distância que um passageiro teria atravessado em apenas onze horas de voo. Um ano de sofrimento e incertezas contra onze horas sentado com conforto dentro de um avião.

Em seguida, Haashim e seus acólitos ficaram três dias à toa na capital antes de tomarem o trem para Calais, última etapa antes de

chegarem ao Reino Unido. Lá eles permaneceram dez dias, em grande parte ajudados por voluntários da Cruz Vermelha, abençoados sejam, que lhes deram de comer e um local para dormir. Aliás, era desse modo que a polícia sabia o número aproximado de imigrantes ilegais ocupando a região. A Cruz Vermelha tinha servido 250 refeições? Pois bem, havia pelo menos 250 clandestinos na área.

Para a polícia, eles eram clandestinos; para a Cruz Vermelha eram homens em dificuldades. Era desestabilizador conviver com aquela dualidade e com aquele medo nas entranhas.

Naquela noite, por volta das duas horas, eles subiram na carroceria de um caminhão, enquanto este avançava lentamente na fila de veículos que se preparavam para pegar o túnel sob o Canal da Mancha.

— Você quer dizer que subiram num caminhão em movimento? — exclamou Ajatashtru, como se fosse aquele o único ponto da história que tivesse importância.

— Claro — respondeu Haashim com sua voz grave. — O coioote arrombou a porta com uma barra de ferro e nós pulamos para dentro. O motorista não deve nem ter notado.

— Mas isso é perigoso!

— Perigoso mesmo seria ter ficado no nosso país. Nós não tínhamos nada a perder. Imagino que seja a mesma coisa para você.

— Ah, é aí que você se engana, eu não sou clandestino e não tenho a menor intenção de ir para a Inglaterra — protestou o indiano. — Já falei para vocês, sou um faquir dos mais dignos que possam existir, acabei preso dentro desse armário quando tirava as medidas dentro de uma grande loja. Vim para a França comprar uma nova cama de pregos e...

— Para de dizer besteira — interrompeu o africano, que não acreditou um instante sequer na história mirabolante do indiano. — Nós estamos no mesmo barco.

— No mesmo caminhão... — retificou o outro em voz baixa.

Então, uma conversa séria se travou entre esses dois homens que pareciam separados por tudo, a começar pela porta de um armário, mas que, no final das contas, foram unidos pelo destino. Talvez fosse menos difícil para o clandestino se revelar diante de uma porta, um pequeno confessionário improvisado na carroceria de um caminhão, do que fazê-lo diante do olhar de outro homem, que poderia julgá-lo com as sobrancelhas franzidas, com um piscar de olhos. O fato é que ele se pôs a contar para o indiano tudo o que lhe pesava no coração desde o dia em que decidira empreender essa longa e incerta viagem. Com frequência, os desconhecidos têm o privilégio de escutar as confissões de outros desconhecidos.

Ajatashatru descobriu então que Haashim não tinha deixado seu país por um motivo tão trivial como comprar uma cama numa célebre loja de móveis. O sudanês deixara sua terra natal para tentar a sorte nos “belos países”, como ele gostava de chamá-los. Sua única culpa era ter nascido no lado ruim do Mediterrâneo, onde a miséria e a fome tinham brotado em um belo dia como doenças gêmeas, apodrecendo e destruindo tudo pelo caminho.

A situação política de seu país o havia mergulhado num marasmo econômico que empurrara uma grande quantidade de homens, os mais robustos, pelos caminhos pedregosos da imigração. Contudo, até os mais fortes se tornavam, longe de casa, homens vulneráveis, animais acuados com o olhar morto, os olhos repletos de estrelas extintas. Longe de seus lares, eles voltavam a ser as crianças amedrontadas que não podiam ser consoladas por nada, a não ser pelo sucesso de seus projetos.

É preciso sentir o coração batendo forte no peito, resumira Haashim, batendo no próprio tórax. E um barulho poderoso ressoou até dentro do armário de Ajatashatru. Sentir o coração bater forte no peito a cada vez que o caminhão desacelera, a cada vez que ele para. O medo de ser descoberto pela polícia, agachado atrás de um caixote,

sentado na poeira em meio a dezenas de engradados de legumes. A humilhação. Pois até mesmo os clandestinos tinham honra. Desprovidos de seus bens, seus passaportes, suas identidades; aliás, talvez essa fosse enfim a última coisa que lhes restava. A honra. Por isso que eles partiam sozinhos, sem mulher nem filhos, para que nunca os vissem assim. Para que se recordassem deles grandes e fortes. Para sempre.

E depois, não era o medo da surra que lhes torturava as entranhas, não, pois nessa margem do Mediterrâneo, não apanhariam. Era o medo de serem mandados de volta para o país de onde vieram ou, pior ainda, para um país que não conheciam, porque os brancos não se importavam com para onde você seria enviado. Um negro sempre acaba criando problemas. E essa rejeição era mais dolorosa do que as cacetadas que, afinal de contas, só destroem o corpo e não a alma. Era uma cicatriz invisível que nunca mais desapareceria, e com ela seria preciso aprender a conviver, reviver, sobreviver.

Pois a vontade deles era inabalável. Todos os meios eram válidos para alcançar um dia os “belos países”. Mesmo que na Europa não estivessem dispostos a dividir o bolo com eles. Haashim, Kougri, Basel, Mohammed, Nijan, Amsalu, seis homens em meio a centenas que tinham tentado a sorte antes deles ou que tentariam depois. Eram sempre os mesmos homens, o mesmo coração que batia naqueles peitos esfomeados e, ainda assim, nesses países onde tudo cresce em profusão — casas, carros, legumes, carne e água —, certas pessoas os consideravam criminosos. De um lado as instituições de caridade, do outro, a polícia. De um lado, aqueles que os aceitavam sem pedir explicações, do outro, aqueles que os mandavam de volta no ato. Tinha para todos os gostos neste mundo. E Haashim repetiu que era impossível conviver com aquela dualidade e aquele terror nas entranhas, sem saber com quem iria se deparar.

Mas o risco valia a pena.

Eles haviam abandonado tudo para chegar a um país onde achavam que os deixariam trabalhar e ganhar dinheiro, ainda que para isso fosse necessário limpar merda com as mãos. Era tudo o que pediam, limpar merda com as mãos, desde que fossem aceitos. Arrumar um trabalho honesto para poder enviar dinheiro para a família, sua gente, a fim de que seus filhos não ficassem com a barriga inchada e pesada, como uma bola de basquete, e, ao mesmo tempo, tão vazia; para que

todos sobrevivessem sob o sol, sem aquelas moscas que grudam nos lábios depois de terem grudado no rabo das vacas. Não, com todo respeito a Aznavour, a miséria não é menos árdua sob o sol. Por que alguns nasciam aqui e outros lá? Por que alguns tinham tudo e outros nada? Por que alguns viviam e outros, sempre os mesmos, só tinham o direito de se calar e morrer?

— Nós já chegamos longe demais — prosseguiu a voz cavernosa. — Nossas famílias confiaram em nós, nos ajudaram a pagar esta viagem e esperam agora que os ajudemos em troca. Não é vergonha nenhuma viajar dentro de um armário, Ajatashatru. Você sabe o que é a impotência de um pai quando ele não consegue dar nem mesmo um pedaço de pão para seus filhos. E é por isso que estamos aqui, todos juntos, dentro deste caminhão.

Fez-se silêncio.

Foi o segundo choque que o faquir recebeu desde o início de sua aventura. Ficou calado. Porque não havia nada a dizer. Envergonhado por conta de suas vis motivações, agradeceu a Buda por se encontrar daquele lado da porta e não precisar olhar nos olhos daquele homem.

— Eu entendo — conseguiu enfim murmurar, comovido.

— Agora é a sua vez, Aja. Mas, antes disso, vamos tirar você daí para beber um pouco d'água e comer alguma coisa. Pelo som abafado de sua voz, esse caixote deve ser bem espesso.

— Não é por causa do caixote... — murmurou para si mesmo, engolindo um soluço.

O faquir não chorou todas as lágrimas do seu corpo, mas uma capa de chumbo bem pesada acabava de cair sobre seus ombros frágeis. Como se não estivesse dentro daquele armário, mas debaixo dele, esmagado pelo peso das revelações, dos remorsos, dessa vida que por vezes se mostrava tão dura e tão injusta. E enquanto o soltavam da prisão metálica, Ajatashatru se deu conta de que tinha estado realmente cego até então e de que existia um mundo bem mais sombrio e insidioso do que aquele em que nascera.

A vida não era um longo e tranquilo rio Ganges para ele. Não tivera, para falar concretamente, aquilo que poderíamos chamar deste lado do planeta de uma infância feliz ou de uma infância-modelo. Primeiro, foi a morte da mãe e o abandono do pai, depois foram as agressões sexuais e as violências repetidas que uma criança com traços bonitos e algo de impetuoso atrai sem querer num ambiente regido pela lei do mais forte. Ele fora obrigado a passar para a vida adulta no que ela possuía de mais feio e mais difícil, sem ter infância. Mas depois houve um lar e também gente que o amava, seus primos, a vizinha que o educara como um filho. Ele não sabia se devia incluir também seus amigos. Na realidade, essa gente o temia mais do que o amava. Por tudo isso nunca sentiu vontade de partir, de deixar o país. Algumas vezes tinha passado fome, é verdade, e pagara com o corpo por isso, no caso com o bigode, pois sempre dera um jeito de salvar as mãos da amputação. Mas, afinal, a vida de um faquir é baseada em sacrifícios, não é? Então, do que se queixava?

Enquanto as tábuas do caixote estalavam sob os golpes de uma barra de ferro, Ajatashatru imaginou os africanos saltando como felinos na noite, pulando no interior de todos esses caminhões em movimento que se enfileiravam lá fora. Haashim confessara também que eles se metiam nas carrocerias, quando os caminhoneiros paravam para repousar na autoestrada, à noite, se possível quando chovia, para que o barulho da chuva amortecesse o som de seus movimentos. Ele os

imaginou escondidos atrás dos contêineres, arrepiados de frio, ofegantes, esfomeados. Mas todas as viagens têm seu fim, mesmo as mais duras, as mais desgastantes, e eles estavam a ponto de alcançar um porto seguro, ainda que Londres, no meio da terra firme, fosse mais conhecida por seu aeroporto. Tinham cumprido sua missão. Poderiam agora procurar trabalho e enviar dinheiro às suas famílias. E ele se sentia feliz por estar com eles na linha de chegada, ser testemunha do sucesso daquela valorosa iniciativa.

— Você entendeu tudo, Haashim: quando não nos dão o que merecemos, é preciso agir. Trata-se de um princípio que sempre orientou minha vida — acrescentou, sem deixar claro que o furto também se encaixava nessa bela definição.

O indiano acabara de entender que estava diante dos verdadeiros aventureiros do século XXI. Não eram navegadores brancos em seus barcos de 100 mil euros, em competições a vela, dando voltas ao mundo sozinhos, nas quais só os patrocinadores prestavam atenção. Eles nada mais tinham a descobrir.

Ajatashatru sorriu no meio da noite. Quis também, pelo menos uma vez na vida, fazer algo por outra pessoa e não somente para si próprio.

Mohammed, o menor dos sudaneses, achara no chão a barra de ferro que o coioite havia utilizado para abrir as portas da carreta. Na agitação, o homem devia tê-la deixado cair e a esquecido, antes de saltar do caminhão.

Então, Nijam e Basel, os mais parrudos, a aproveitaram para arrombar as dobradiças do grande caixote de madeira dentro do qual estava trancado o indiano, clandestino contra a própria vontade. Quinze minutos depois, eles conseguiram se deparar, sob a luz de suas lanternas, com uma caixa de papelão que continha o armário metálico azul, semelhante aos guarda-volumes dos aeroportos e dos vestiários de clubes de futebol.

— Eu me pergunto como você ainda consegue respirar — disse Haashim, afastando rapidamente a camada de plástico-bolha que envolvia o armário.

Em seguida, a porta por fim se abriu e Ajatashatru surgiu esplêndido em meio ao odor de urina.

— Vocês são exatamente como imaginei! — exclamou o indiano, vendo pela primeira vez seus companheiros de viagem.

— Você, não — respondeu com franqueza o líder, que esperava talvez ver o rajastani vestindo sári, com um longo punhal na cintura e um elefante de orelhas pequenas preso em uma coleira.

Ele observou o faquir por um instante, em pé à sua frente, um homem alto, seco e nodoso como uma árvore. Na cabeça, trazia um turbante branco um pouco sujo, uma camisa branca amassada e uma calça cinza de seda brilhante. Meias esportivas brancas cobriam-lhes os pés. Parecia um ministro que passou vestido pela máquina de lavar. Enfim, nada do que ele teria podido imaginar de um rajastani clandestino, se é que um dia ele iria parar para pensar como seria um rajastani clandestino.

Ele o abraçou com força, antes mesmo de lhe propor uma garrafa grande de água Evian já pela metade e barras de chocolate, compradas

em embalagens de 12 unidades no supermercado Lidl de Calais.

Ajatashatru, tomado de pânico pela ideia de morrer de desidratação, agarrou a garrafa e a esvaziou de uma vez, diante dos olhares horrorizados dos africanos.

— Deve fazer muito tempo que você está trancado aí dentro — comentou Kougri, balançando a cabeça.

— Eu não sei. Que dia é hoje?

— Terça-feira — respondeu o chefe, o único a saber em que dia estavam.

— E que horas são?

— Duas e meia da madrugada — respondeu Basel, o único a possuir um relógio.

— Nesse caso, talvez eu tenha me empolgado por nada — acrescentou Ajatashatru, devolvendo a garrafa vazia a Haashim.

Em seguida pegou uma das barras de chocolate oferecidas, nunca se sabe...

— Pois bem — disse o líder. — Agora que você está aqui com a gente, que bebeu e comeu, e considerando que nos faltam ainda duas longas horas, no caso de esse caminhão estar indo para Londres, você vai nos contar sua história, Aja. Desde o começo. Quero saber por que você resolveu fazer esta viagem, ainda que seus motivos não devam ser muito diferentes dos nossos.

Sua voz tornara-se mais branda, como se o fato de confiar nele houvesse criado entre os dois um laço invisível, um começo de amizade que nada mais poderia abalar. “A não ser a verdade”, pensou o indiano, mordendo o lábio superior. O que poderia contar para seu novo amigo? Se sua gente tinha, efetivamente, contribuído para pagar sua viagem era porque ele os enganava e roubava havia anos. Como poderia confessar-lhe que seu último golpe havia sido simular reumatismo e uma hérnia de disco, para lhe pagarem aquela viagem e que revenderia a cama de pregos por um bom preço ao voltar para seu país? Como confessar isso a um homem que sofrera a cada segundo de sua viagem árdua e incerta?

Ajatashatru se surpreendeu rezando. “Buda, me ajude!”, suplicava em pensamento, enquanto o negão esperava. Foi mais ou menos naquele momento que o caminhão parou bruscamente e as portas se abriram.

A primeira coisa que Ajatashatru viu da Inglaterra foi um tapete branco de neve na noite escura. A paisagem tinha em si algo de irreal, principalmente para o verão. Não tinham mentido para ele; fazia de fato muito frio nesse país. O Polo Norte, afinal de contas, se encontrava a poucas latitudes dali.

Entretanto, ao se aproximar das portas abertas, o indiano notou que a temperatura estava razoavelmente agradável para uma noite de verão no Ártico e que aquilo que ele tomara por flocos de neve na verdade eram bolinhas de poliestireno que haviam escapado da embalagem de seu armário, levadas pela corrente de ar.

O homem pôs as mãos diante dos olhos para protegê-los. Estrelas ofuscantes que não demoraram a se transformar em faróis de veículos apontavam na sua direção. Ao se virar, percebeu que estava sozinho e que os sudaneses, como se fossem mais sensíveis à luz do que ele, tinham todos se precipitado para trás dos caixotes de madeira, desaparecendo por completo e deixando-o bem exposto.

— Saia devagar do caminhão! — gritou uma voz autoritária num inglês bem melhor do que o seu, ou o dos africanos. — E ponha as mãos na cabeça!

O indiano, que não se sentia culpado de coisa alguma, obedeceu sem dizer nada e saltou da carroceria. No chão, deu de cara com um indivíduo que trajava um grande turbante branco, como o seu. No momento, pensou que haviam colocado um espelho à sua frente, mas não era preciso ser campeão do jogo dos sete erros para perceber que não era nada disso. O homem estava muito bem-barbeado, ao contrário de Ajatashatru, com seu longo bigode embaraçado e barba de três dias. Em seguida, o faquir viu que ele usava um espesso colete preto à prova de balas com grandes letras brancas: UKBA. Desconhecia o que significava UKBA, mas a pistola pendurada à cintura do homem já era, em si, um bom indício da resposta. Ele pensou então que era oportuno proferir a desculpa que tinha preparado na véspera para a

ocasião, ao se ocultar dentro do armário. Vasculhou o bolso e retirou o lápis da Ikea e a régua de papel, a fim de ilustrar seus argumentos, tudo isso em idioma panjabi.

— Sei, sei — respondeu o agente no mesmo idioma, visivelmente acostumado a encontrar todos os dias clandestinos dentro de armários da Ikea, munidos de uma régua de papel e um lápis. Depois, afastando-o para o lado, apalpou cada um de seus membros sobre a roupa, de maneira minuciosa porém firme, antes de algemá-lo, enquanto seus quatro colegas policiais, surgindo no meio da noite, subiam na carroceria com movimentos atléticos.

Logo os homens desceram, acompanhados dos seis sudaneses, com as mãos presas com Serflex, essas fitas plásticas com as quais os jardineiros prendem as árvores às estacas para que cresçam bem verticalmente.

— O que você está fazendo com esses africanos? — perguntou o agente, aturdido, em panjabi.

O faquir não soube o que responder. Amedrontado, ele se contentou em olhar os companheiros embarcando numa caminhonete com a sigla UKBA, United Kingdom Board Agency,³ antes de ele mesmo ser empurrado com violência para dentro do veículo. Acabara de viver o que seu amigo havia chamado de síndrome do coração que bate forte quando o caminhão desacelera e para. Os “belos países” acabavam de lhes dar boas-vindas a seu modo. Haashim estava certo; eles nunca sabiam com quem iam se deparar, mas, dessa vez, a Cruz Vermelha não parecia estar presente.

Nota

3. A Agência de Fronteiras do Reino Unido, responsável pela vigilância das fronteiras. (*N. do A.*)

Na cela superlotada, Ajatashatru soube por um albanês de agasalho esportivo e sandálias que eles estavam em Folkestone, na Inglaterra, a alguns minutos a pé da saída (ou da entrada, dependendo do sentido em que se segue) do Eurotúnel, que não, não havia uma Ikea na proximidade e que sim, eles se encontravam em maus lençóis.

O indiano olhou à sua volta. Estavam todos ali, aqueles homens que ninguém queria em lugar algum. A viagem para Haashim e seus amigos havia chegado ao fim, mas este não era o esperado. Conforme prometera a si mesmo, o faquir cruzara com eles a linha de chegada, mas não testemunhara o sucesso de sua valorosa iniciativa, como tinha acreditado quando, enfiado dentro do armário, seus novos e casuais amigos o haviam libertado, por solidariedade, de sua prisão de metal e plástico-bolha e lhe dado de comer e beber. Alguém misturou as fichas de Buda. Aquele não podia ser o destino desses homens corajosos! O céu deve ter se enganado, não lhes enviou o agradável comitê de boas-vindas.

Ajatashatru encontrou o olhar triste de Haashim que, sentado num banco de cimento entre dois norte-africanos, dava a impressão de ter se encolhido. Seus olhos pareciam dizer: “Não se preocupe com a gente, Aja.”

Enquanto o faquir se esgueirava entre os detidos — um fascinante mosaico de cores, sotaques e odores em agasalho esportivo e sandálias —, e se aproximava de seu companheiro de viagem para tentar lhe dizer algo reconfortante, o agente indiano que o detivera uma hora antes e que se chamava Simpson fez com que abrissem a porta Plexiglas, um plástico transparente, atrás da qual ficavam os prisioneiros como peixes num aquário sem água, e o levou até seu escritório.

— Você vai passar uns quinze minutos bem desagradáveis! — falou um albanês que já estava na décima tentativa de entrar na Grã-Bretanha.

Mas, confiante de que sua boa-fé e a compreensão do agente, que afinal de contas tinha o mesmo sangue que o seu, dissipariam de uma vez por todas aquele mal-entendido, Ajatashatru seguiu alegremente os passos de seu compatriota.

— Que fique bem claro, eu não sou seu compatriota — disse Simpson, dessa vez em inglês, como se tivesse lido os pensamentos do faquir.

Em seguida, convidou-o a sentar-se.

— Sou cidadão britânico e funcionário do governo, depositário da autoridade pública. Não sou seu amigo — acrescentou, caso ainda restassem dúvidas — e muito menos seu irmão ou primo.

“Esse aí se acha mais monarquista que o rei”, pensou Ajatashatru, percebendo que sua boa-fé e a compreensão do oficial não bastariam para dissipar aquele terrível mal-entendido. “Se hoje você está aí é porque seus pais tiveram um dia que viajar na carroceria de um caminhão entre dois caixotes de morangos espanhóis e couves-flores belgas”, ponderou o indiano, evitando compartilhar seus pensamentos com o interessado. “Seus pais certamente viveram esse medo que comprime o ventre a cada vez que o caminhão desacelera e para.”

Alheio àquelas reflexões, o agente digitou algumas palavras em seu teclado e depois ergueu a cabeça.

— Pois bem, vamos retomar desde o início e você vai me explicar tudo.

Perguntou seu nome, o de seus pais, datas e locais de nascimento e sua profissão. A última resposta o deixou visivelmente atônito.

— Ah... faquir? Isso ainda existe? — exclamou, com uma careta de ceticismo e desprezo. Em seguida, apontou com um dedo indicador para um saco plástico transparente lacrado sobre a mesa. O indiano logo reconheceu seus pertences. — Foi o que achamos com você. Confirme que está tudo aí e assine.

Dizendo isso, o agente estendeu ao detido uma folha em que estava relacionado cada objeto que tinham achado com ele:

- 1 cartão de visita Taxis Gitans, da região parisiense.
- 1 embalagem de chicletes sobre a qual estava escrito *Marie* e o número de um celular francês.
- 1 passaporte indiano autêntico com um visto de curta duração

para o espaço Schengen emitido pela embaixada francesa de Nova Delhi. Carimbo de entrada no dia 4 de agosto pelo aeroporto de Roissy-Charles de Gaulle, França.

- 1 página de um catálogo da Ikea com o anúncio de uma Camâdepregösa.
- 1 cinto de couro sintético.
- 1 par de óculos escuros da marca Police em seis pedaços.
- 1 cédula falsa de 100 euros, de má qualidade, impressa de um só lado e presa a um fio transparente de 20 centímetros.
- 4,11 euros em moedas.
- 1 lápis de madeira e uma régua de papel de um metro da marca Ikea.
- 1 moeda de 50 centavos de dólar com duas faces idênticas.

— Por que você tirou meu cinto? — perguntou o indiano, intrigado.

— Para que não se enforque com ele — disse o agente Simpson, seco. — Nós também tiraríamos os cadarços, mas você não estava usando nenhum. Aliás, posso saber por que estava descalço?

O faquir olhou para seus pés. Suas meias esportivas não estavam mais brancas.

— Porque os sapatos ficaram na Ikea, na noite em que tive que me esconder dentro do armário, para evitar que os empregados me vissem...

Há mais de nove anos acostumado a desentocar clandestinos dos esconderijos mais improváveis e a escutar suas inépcias ao longo de noites e dias, o agente Simpson, da mesma forma que o líder dos sudaneses ilegais um pouco antes, não acreditou numa palavra sequer desse Ajatashatru Ahvaka Singh, cujo nome talvez também fosse falso.

— Pois bem, como você não quer colaborar, vou resumir. Nós achamos com seus amiguinhos, os Jackson Five, vários elementos capazes de garantir que vocês passaram algum tempo em Barcelona, na Espanha. Com o tempo que faz por lá, nos perguntamos realmente por que vocês vêm encher o nosso saco na Inglaterra? Você sabe que aqui chove o tempo todo, não sabe? As monções, em comparação, não são nada.

— Escuta, posso ver que você está tentando me desencorajar, e

agradeço por todas essas informações úteis sobre a meteorologia do seu formidável país, ao qual eu voltaria com prazer em circunstâncias mais turísticas e menos infelizes, mas garanto que eu nunca quis vir para a Inglaterra e que não conheço aqueles sudaneses.

— Sudaneses? E essa agora! — exclamou o agente, orgulhoso por ter surpreendido o delinquente em flagrante delito de mentira. — Então você sabe mais do que eu. Seus amiguinhos não disseram nada quando foram ouvidos. Recusaram-se a revelar até suas nacionalidades. De qualquer forma, estamos acostumados. A maior parte dos clandestinos destrói ou esconde o passaporte para que não possamos identificar sua nacionalidade e enviá-los a seus países de origem.

— Mas eu disse de onde eu vinha. Isso prova que não sou clandestino.

— Seu visto só é válido no espaço Schengen. Devo lembrá-lo que a Inglaterra não está no espaço Schengen nem nunca estará? Portanto, por definição, você é um clandestino. Mas pode chamar como quiser.

Irritado, o indiano explicou outra vez os motivos de sua viagem à França, sua ideia (na verdade nem tão brilhante assim) de dormir na Ikea para poder se encontrar no local no dia seguinte e comprar a cama de pregos, modelo Camådepregöså, especial para faquires, em verdadeiro pinho sueco, com a altura dos pregos (inoxidáveis) ajustável, de cor vermelho-puma. Declarou que havia feito a encomenda ontem e que havia com certeza alguma prova disso em algum lugar e que eles deveriam verificar junto à Ikea Paris.

Ao dizer isso, apontou para o saco transparente com seus pertences, mas logo se deu conta de que o canhoto da encomenda se encontrava no bolso do paletó que ficara na loja.

O agente Simpson soltou um suspiro.

— Pois bem, é o seguinte, já ouvi o bastante. Vou levá-lo de volta para a cela e a equipe de extradição virá amanhã bem cedo para acompanhá-lo até o aeroporto.

— Aeroporto? Mas para onde vocês vão me mandar? — Ajatashatru quis saber, o medo cravado nos olhos.

— Ora, vamos mandá-lo para onde você veio — respondeu o agente, como se aquilo fosse evidente. — Você e seus coleguinhas vão voltar para Barcelona.

Haviam encontrado nos bolsos dos sudaneses notas fiscais do El Corte Inglés de Barcelona, uma grande loja espanhola no estilo das Galeries Lafayette, onde os imigrantes compraram seis latinhas de cerveja, um pacote de amendoins e duas embalagens de donuts de chocolate. Isso bastava para os agentes britânicos da UKBA repatriarem os criminosos, em virtude dos acordos internacionais de readmissão rumo ao último país onde os clandestinos haviam confirmadamente estado. No caso, a Espanha.

Assim, alguns eram reconduzidos ao país de proveniência, aplicando-se a Convenção de Chicago, e outros, mais raramente, eram mandados para seus países de origem, de volta à linha de partida.

Nesse caso, os policiais sabiam que o caminhão interceptado vinha da França, visto que havia sido parado à saída do Eurotúnel. Só isso era suficiente para expulsar os migrantes comedores de amendoins e donuts de chocolate para a terra dos comedores de rã, cuja fronteira era uma verdadeira peneira. Isso teria levado uma hora, no máximo, e não teria custado nada, ou bem pouco.

Entretanto, um repatriamento para a Espanha, ainda que saísse mais caro para o Estado, representava uma vantagem importante para as autoridades inglesas, que tentavam havia algum tempo enviar os clandestinos, sempre que podiam, para o mais longe possível de suas fronteiras, pois sabiam que eles logo tentariam uma nova travessia para o Reino Unido assim que estivessem livres. Se pudessem fabricar uma enorme catapulta com alcance de milhares de quilômetros, eles teriam sem hesitação lançado todos para bem longe.

— Um avião fretado pela aviação policial da Coroa britânica levará vocês para Barcelona — dissera o agente, antes de encerrar o interrogatório.

E foi assim que o faquir se encontrou algumas horas depois, quando o sol surgia no horizonte, na pista do pequeno aeroporto de Shoreham-by-Sea, na costa inglesa, perto de Brighton. Olhando bem,

era possível perceber, do outro lado do Canal da Mancha, o contorno indefinido da terra dos gauleses.

A água azulada.

O céu azulado.

As gaivotas azuladas.

A cabeça azulada dos clandestinos.

Enfim, era o que via Ajatashatru através das lentes fumê de seus óculos escuros, que ele remontara. Foram devolvidos com o resto dos objetos pessoais, visto que, por um lado, ele não representava mais uma ameaça para si próprio nem para os outros, e que logo estaria livre. Devolveram até a cédula falsa de 100 euros, considerando que aquela falsificação tão tacanha, ainda mais de um lado só, não enganaria ninguém.

Agora, o faquir estava sentado, sem algemas, entre um marroquino asmático e um paquistanês flatulento. Mordido pela curiosidade de saber em que encrencas iria agora se meter e a fim de passar o tempo, o indiano fez um bocado de perguntas sobre Barcelona a seus bons vizinhos. O que havia lá para ver? O que se podia fazer? Podiam ir à praia nessa época do ano? Havia uma época de chuvas? Como era aquele donut? Outra coisa, existia Ikea por lá?

Mas todas essas perguntas ficaram sem resposta. Não que os dois clandestinos não tivessem vontade de conversar, ao contrário, mas porque nenhum deles tinha jamais posto o pé, nem a ponta da extremidade do dedinho do pé, em Barcelona e muito menos na Espanha.

O paquistanês chegara à Europa pelo aeroporto de Bruxelas portando um falso passaporte belga antes de ir para a Inglaterra escondido dentro de um caminhão, entre dois paletes de couve. Mas tinham encontrado um leque com ele (pois ele detestava o cheiro de couve), e isso bastou para que os caras da UKBA decretassem que o clandestino viera da Espanha, pois era um fato conhecido internacionalmente que somente os espanhóis utilizam hoje em dia aquela espécie de pequeno ventilador arcaico movido a mão. Quanto ao marroquino, ele entrara no espaço Schengen pela Grécia, depois de ter percorrido toda a bacia mediterrânea, atravessado os Bálcãs, a Áustria e, por fim, a França, escondido no fundo falso de um ônibus de turistas gregos. Por falta de sorte, os ingleses encontraram em seu bolso uma colherzinha de madeira cujo cabo tinha se partido durante

a longa viagem. Um policial britânico, recém-chegado de suas férias em Sevilha, identificou como sendo um pedaço de castanhola, e a sorte do magrebino foi logo selada. Pronto, rumo à Espanha!

— E você, o que encontram com você? — perguntou o paquistanês.

— Nada — respondeu Ajatashatru, dando de ombros. — Eles apenas me descobriram dentro de um caminhão na companhia de sudaneses que vinham de Barcelona.

Ele se virou e apontou para os seis negros da quarta fileira.

— Se eu entendi direito, nenhum de nós três vem de Barcelona — acrescentou o marroquino.

— Eu acho que dentro deste avião não devemos ser os únicos — completou o paquistanês.

— Se basta ter sido detido com um violão ou ter bigode para que os ingleses suspeitem que viemos da Espanha, então sim, acho que não somos os únicos nessa situação...

Discretamente, apontou para um homem na mesma fileira deles que ostentava um espesso bigode escuro e um chapéu preto de brim.

— Meus amigos, considerem isso uma viagem de turismo de graça, paga pela rainha! — gritou alguém com forte sotaque russo, atrás deles. — Eu vim parar nessa merda de avião por causa do meu jeito de pronunciar os erres!

Um relógio enferrujado soou oito horas em algum lugar no meio da imundície do depósito de lixo à beira do qual se estabelecera a família Palourde.

— A essa hora, ele deve estar na Inglaterra... — disse Gustave, sentado à mesa de camping, sem sequer imaginar que o sujeito de seus pensamentos se encontrava naquele instante a 20 mil pés acima de sua cabeça, num avião que se dirigia em grande velocidade para o sul, entre um marroquino asmático e um paquistanês flatulento.

Assim que disse isso, ele acariciou a lâmina de seu canivete Opinel. Seu único consolo era que o *payo* viajava dentro da caçamba de um caminhão, fechado num caixote de madeira, sem água nem comida. Com um pouco de sorte, o destino e, sobretudo, a sede acabariam com ele, como um rato preso em uma armadilha. Uma pena, teria gostado tanto de acertar essa conta pessoalmente, fazendo com que ele sofresse devagar, bem devagar.

Alguma coisa se agitou dentro do trailer.

Sua mulher, Mercedes-Shayana, apareceu à porta vestida com um penhoar florido. Depois surgiu a filha deles, Miranda-Jessica, a cabeleira loura, desgrenhada e cheia de maquiagem no rosto.

— E você? Você saiu de novo ontem à noite! — disse Gustave à filha, com o dedo ameaçador em sua direção. — Eu falei para você ficar em casa (no trailer), para descansar. Olha só sua aparência agora.

— Não tem problema, o importante é que Kevin-Jésus não me veja nesse estado. E depois, posso dormir no avião.

— Ah, o belo Kevin-Jésus — disse o pai num tom irônico. — Pensei que estivesse tudo acabado entre vocês.

Em resposta, a menina apenas bocejou.

— Você está se repetindo, Gus, deixa a garota em paz.

A mãe acabara de se sentar à mesinha de camping e serviu-se de um café que o marido preparara ao se levantar. Ela colocou a garrafa térmica na mesa e passou manteiga numa fatia de pão para Miranda-

Jessica, que se sentou ao seu lado.

— Muito bem, acelerem um pouco, se não quiserem perder o avião!
— vociferou o taxista, levantando e indo até o carro para aquecer o motor.

Como um ritual imutável, duas vezes por ano, Gustave Palourde, sua esposa e a filha saíam de casa (do trailer) para viajar de férias. A primeira, por ocasião das festas ciganas de Saintes-Maries-de-la-Mer. Desde a Idade Média, no dia 24 de maio, os ciganos se reuniam em Camargue para celebrar sua santa padroeira, Sara, cuja estátua de cera eles acompanhavam, e chorar lágrimas de ouro desde a igreja até a beira do mar. Mais do que peregrinação, essa festa lhes permitia rever os amigos da diáspora espalhados pelos quatro cantos do mundo. Alguns percorriam mais de 3 mil quilômetros para participar do evento. A família Palourde, por sua vez, viajava sete horas no táxi equipado para a ocasião. Fazia alguns anos que eles iam sem o trailer (a casa) e dormiam na casa de primos que tinham perdido de vista na infância e reencontrado mais tarde.

Para o casal, era uma oportunidade que não podia ser desperdiçada. Aguardavam por isso o ano todo. Para a mocinha, ao contrário, era um martírio. Primeiro porque ela precisava deixar o namorado do momento e temia que em sua ausência ele encontrasse outra mais bonita do que ela, ainda que nenhuma cigana fosse mais bonita do que ela. E depois porque as procissões de milhares de ciganos vestidos de preto, chorando e berrando sob o peso de uma estátua de várias centenas de quilos não era realmente o tipo de atividade com que sonhava uma moça da sua idade. Além disso, os longos vestidos pretos e os véus não lhe caíam bem. Nunca apreciara o estilo Madonna, preferindo de longe o estilo mais chamativo e pouco convencional de Lady Gaga. Seu único consolo, à noite, era ir para as arenas, azarar os rapazes que participavam das Toro Piscine e corridas de touros com chifres protegidos.

O segundo evento do ano ocorria nas férias de verão, início de agosto, agora. Gustave tirava uma semana de folga e todos partiam para Barcelona de avião com o objetivo de gastar o dinheiro ganho honestamente até então. Lá, eles tinham uma casa de verdade, feita de tijolos, outrora propriedade de um tio-avô que, ao chegar ao fim da vida, não suportava mais a umidade dos trailers.

Para lá, Miranda-Jessica não hesitava em partir. Boates e rapazes

não faltavam na cidade catalã. Ela conhecia os lugares da moda de cor, o Maremagnum, o Bairro Gótico e o espetacular Por Olímpic, onde passava as noites em claro, dançando ao som de seus cantores preferidos.

Por isso que, naquela manhã, estava fora de cogitação perder o avião. A mocinha engoliu seu achocolatado em menos de um minuto e foi trocar de roupa no trailer. Enfiou um shortinho jeans desbotado que media uma dezena de centímetros quadrados, vestiu a parte de cima de um biquíni amarelo, sapatos de salto de 15 centímetros, enfeitados de lantejoulas e saiu assim vestida, com uma bolsa enorme pendurada no antebraço. Deixaria para tomar uma ducha de tarde, na praia de Barceloneta.

Sua mãe faria o mesmo. Mas era inconcebível para ela sair sem se maquiar. Mercedes-Shayana passou base no rosto, uma camada de rímel sobre os cílios e uma boa quantidade de batom fúcsia nos lábios. Ela não tirou o penhoar florido, considerando-o bastante adequado para o verão espanhol e, portanto, adaptado à situação, e vestiu apenas uma calça de Lycra cor-de-rosa e sandálias de praia.

— Que belo bando de mulheres! — exclamou Gustave, enfiando a bagagem no porta-malas do carro.

Em seguida, se instalou atrás do volante, fazendo estalar com seu peso as bolinhas de madeira do revestimento do banco.

No campanário da igreja, na frente da delegacia, soaram oito horas. Aquele não parecia ser o coração de Paris.

— A essa hora, ele deve estar na Inglaterra... — murmurou a policial Alexandra Idiôté, sentada à sua mesa.

Não iria chegar ao ponto de pedir a um juiz um mandado de detenção internacional por causa de um golpe de 100 euros. Passaria por idiota. E vocês sabem como ela detestava isso. Teria preferido lhe dar os 100 euros do próprio bolso e preservar sua dignidade.

A policial fechou então a pasta sobre Gustave Palourde, Taxis Gitans, e a lançou no cemitério de casos arquivados, uma grande gaveta sobre trilhos, semelhante às aquelas dos necrotérios, dentro da qual agonizavam outros 150 dossiês dignos de desaparecer da face da Terra. Em seguida, ela se levantou e foi juntar-se aos outros, ao lado da máquina de café.

Ao passar diante do espelho falso que utilizavam para identificação de suspeitos, ela achou que tinha envelhecido de repente. Grandes olheiras cinzentas circundavam seus olhos como parênteses que não tinham mais força para se manter em pé. “Esse trabalho está me consumindo em fogo lento”, disse a si mesma. “Preciso tirar umas férias.”



Ao passar pelas grandes vidraças do setor de desembarque do aeroporto de Barcelona, Ajatashatru achou que tinha envelhecido de repente. Grandes olheiras cinzentas circundavam seus olhos como parênteses que não tinham mais força para se manter em pé. “Esta viagem está me consumindo em fogo lento”, disse a si mesmo. “Preciso de uma boa cama.”

Ele não tinha mais nada de um rico industrial indiano. Sua aparência era mais a de um clandestino esgotado, e compreendeu então por que o policial que o interrogara não tinha acreditado na sua história da Ikea. No lugar dele, o faquir tampouco teria acreditado.

O grande relógio digital do saguão indicava exato meio-dia. E indicava sobretudo a liberdade, pois os agentes de imigração espanhóis mal puderam examinar seus documentos quando os migrantes chegaram com a escolta britânica e, nada tendo contra eles, relutantemente apontaram para ele e para três outros sortudos a direção da saída mais próxima.

O relógio indicava igualmente que a essa hora, Ajatashatru deveria se encontrar no aeroporto de Roissy-Charles de Gaulle, a alguns milhares de quilômetros dali, esperando um voo que deveria levá-lo de volta à Índia, com uma nova cama de pregos sob o braço.

Mas tudo isso era sua antiga vida.

Caminhando pelo Terminal 1 novinho em folha na direção do setor de bagagens, caminho obrigatório para a saída mesmo que o passageiro não tivesse mala, o indiano jurou para si mesmo que, doravante, nada mais faria de ilegal. Voltou a pensar no que Marie lhe dissera. *É tão bom encontrar pessoas sinceras, autênticas como você. Pessoas que fazem o bem e o propagam ao seu redor.* Voltou a pensar nas confissões de Haashim, o líder do Jackson Five sudanês, que ele acabara de deixar na zona de controle com Kougri, Basel, Mohammed, Nijan e Amsalu (eles não tinham documentos e ficariam ali ainda por algum tempo). Despediram-se com fortes abraços, desejando-se

mutuamente uma boa viagem. “*Maktub*”, dissera Haashim, “Estava escrito. Nós devíamos nos encontrar.”

Eles iriam tentar outra vez a travessia para o Reino Unido. Acreditavam na sua terra prometida, como os primeiros colonos tinham acreditado na América, quando avistaram o litoral no horizonte. Subiriam pela Espanha, atravessariam a França e se posicionariam em Calais à espera de uma brecha, escondidos entre os caixotes de latas de rosbife ou de couves.

— E você? O que vai fazer? — perguntou o sudanês.

— Eu? Ainda não sei. Visitar Barcelona, aproveitar que estou aqui. Mesmo sem dinheiro no bolso.

Ele evitou dizer ao amigo que ia tentar se tornar uma pessoa do bem, que a história dele o tinha mudado, que desejava também ter alguém a quem ajudar e a quem pudesse se doar.

Guardou para si mesmo os pensamentos sobre Marie e sobre aqueles projetos loucos que surgiam na sua cabeça.

Por mais incrível que possa parecer, foi com esses ternos pensamentos de amor, compaixão e fraternidade que nosso faquir deu de cara com o taxista que tinha, a milhares de quilômetros dali, trapaceado na véspera. O homem encontrava-se de braços dados com o que pareciam ser duas prostitutas e o olhava com uma vontade louca de matá-lo.

A primeira coisa que Gustave Palourde fez ao se deparar com o indiano foi olhá-lo com uma vontade louca de matá-lo.

— *Payo*, eu sabia que voltaríamos a nos encontrar um dia!

Momento algum o taxista ficou espantado de ver o indiano ali, em Barcelona, embora três horas antes o tivesse imaginado na Inglaterra, trancado como um rato na caçamba de um caminhão, rumo às mais elevadas latitudes do planeta. De natureza impulsiva, sua cólera frequentemente superava sua lógica e sua faculdade de analisar os acontecimentos.

Não era necessário saber ler mentes, embora Ajatashatru se distinguisse nessa disciplina, nem falar francês (no caso, o francês de um cigano furioso) para compreender que nosso faquir não deveria se demorar por ali. Mas ele não teve tempo de esboçar qualquer gesto.

— Vou acabar com você! — berrou Gustave, disposto a matá-lo.

E ao dizer isso, lançou-lhe bem no rosto o *cooler* que acabara de apanhar na esteira de bagagens.

— Adorei seus piercings! — exclamou sua filha, que nunca fora autorizada a usá-los.

— Quem é? — perguntou sua mulher, que via pela primeira vez aquele homem de turbante, rosto moreno atravessado por um bigode, grande, seco e nodoso como uma árvore.

Tendo compreendido imediatamente que não se tratava de um amigo da família, ela se uniu ao marido e, num rompante de valentia, acertou a bolsa de couro bem cheia contra as costelas do estranho.

Ajatashatru, surpreendido pelo ataque-relâmpago daquela imitação de Gipsy Kings, não conseguiu evitar o *cooler* de 7 quilos no rosto nem o golpe da bolsa no flanco. De natureza macérrima, ele foi projetado como uma pluma por uma ventania sobre a esteira de bagagens que chegavam de Maiorca. Por um instante, ele permaneceu deitado, mais por estratégia (fingir-se de morto) do que por dor (ainda que...), entre um carrinho de bagagens e uma montanha de *ensaïmadas* (você não

sabe o que é? Nem ele). Mas quando abriu os olhos, disfarçadamente, para o caso de o cigano estar esperando por isso para agredi-lo de novo com o cooler no rosto, o indiano se deu conta de que exagerara ao fingir-se de morto.

Assim como *Alice no País das Maravilhas*, o faquir passara para o outro lado do espelho, isto é, do setor de bagagens. A máquina que vomitava malas o tinha ingurgitado como uma simples valise que já houvesse dado a volta na esteira e ninguém a desejasse.

Uma dor atroz dilacerava seu rosto.

Ele acariciou delicadamente a bochecha. Uma infinidade de pequenos cristais de gelo, que sem dúvida saltaram do *cooler* no momento do impacto, se alojaram nas cicatrizes da acne que havia devastado seu rosto quando era adolescente.

A parte esquerda de seu rosto estava gelada, como se tivesse levado uma pancada de gelo na cabeça, o que foi mais ou menos o que aconteceu, ou um golpe de ferro de passar esquecido por muito tempo dentro de um frigorífico, o que é em si, reconheço, uma comparação bem estranha.

“Maldição!”, pensou ele, de súbito. Pois se tinha conseguido fugir do maluco e de suas tigresas, o pior talvez ainda estivesse por vir.

De fato, ele se encontrava dentro de um setor de segurança, portanto proibido, de um grande aeroporto europeu, o que não era a melhor maneira de manter sua promessa de seguir o bom caminho.

Se algum policial tivesse passado naquele momento, teria se deparado com uma espécie de Aladim de terceira categoria que tinha trocado seu tapete voador por uma esteira de bagagens. E se fosse tão competente e eficaz quanto seus colegas ingleses, assim que o estupor se dissipasse, Aladim se encontraria, antes mesmo de poder respirar e segundo os mesmos acordos internacionais que o haviam lançado ali, em algum lugar entre o Polo Norte e a Islândia pela simples e boa razão de terem encontrado pequenos cristais de gelo incrustados em seu rosto.

Então, como um criminoso desejando apagar provas por demais evidentes, o faquir esfregou energicamente a face com a manga da camisa, enquanto a esteira continuava a transportá-lo, imperturbável, pelos meandros do terminal.

Depois de uns bons cinco minutos, Tom Cruise-Jésus Cortés Santamaría se olhava no retrovisor de um carrinho de golfe serigrafado com as cores vermelha e amarela da companhia aérea Iberia.

Apesar de seus 28 anos, ele achava que tinha envelhecido de repente. Grandes olheiras cinzentas circundavam seus olhos como parênteses que não tinham mais força para se manter em pé. “Esse bico está me consumindo em fogo lento”, disse a si mesmo. “Preciso encontrar um emprego estável.”

No momento em que ele voltava para o terminal de bagagens, um homem carregando um *cooler* se aproximou a passos largos. Ele vinha acompanhado de uma mulher de penhoar florido, que parecia ter saído do banho, e de uma moça com a aparência das profissionais que ele costumava ver à beira da estrada, quando vinha para o trabalho.

— *Señor*, minha mala foi engolida pela esteira — disse o homem num bom espanhol com um traço de sotaque francês.

Resolvido a não deixar o indiano escapar dessa vez, foi tudo o que ocorreu a Gustave dizer ao entrar no saguão de segurança do aeroporto. Sua pança enorme cheia de cerveja e a falta de condicionamento físico o impediram de deslizar pela esteira e tomar o mesmo caminho que seu inimigo.

— Aguarde um pouco, ela vai chegar — respondeu o funcionário, cansado de ter sempre que responder à interpelação de passageiros idiotas quando se encontrava naquela parte do terminal. — A esteira dá a volta.

— Eu sei, eu sei...

— Se você sabe...

— Mas o problema é que a minha filha... Trata-se de uma hipo...! — improvisou o taxista parisiense ao ver que seu plano A não havia funcionado.

— Hipo... Hipopótamo? Isso não é uma coisa legal de se dizer de

uma moça tão bonita. Ela não tem nada de hipopótamo!

Lisonjeada, Miranda-Jessica esboçou um sorriso e baixou o olhar; as maçãs do rosto estavam em chamas. O jovem espanhol era um sedutor de macacão azul. Talvez até mais do que Kevin-Jésus.

— Uma hipoglicêmica! — corrigiu o cigano, assumindo um semblante preocupado. — Minha filha é diabética! Precisa tomar uma injeção de GlucaGen imediatamente para controlar o nível de açúcar no sangue! E o GlucaGen está dentro da mala.

Ele sempre quis reproduzir um episódio de *Plantão médico*, seu seriado americano preferido. O dia tão esperado acabara de chegar.

— Ela não parece tão mal assim — retorquiu o outro, que nada perdera de sua calma, apesar da situação de emergência.

Gustave deu uma cotovelada em Miranda-Jessica, que levantou a cabeça, adotando a aparência mais sofrida que conhecia.

— Ok, eu vou — resignou-se o funcionário, que ganharia tempo se atendesse o turista em vez de ficar discutindo.

Além disso, a moça era uma gracinha.

Ele arrancou com o veículo.

— Vou acompanhar você. Você não sabe qual é a mala — acrescentou Gustave, com razão, colocando o *cooler* no chão e a bunda grande no assento do passageiro.

Tom Cruise-Jésus Cortés Santamaría observou por um momento o cara sentado ao seu lado. Era um homem baixo, de seus 50 anos, vestido com uma calça barata, com pregas, preta, e uma camisa da mesma cor. Da gola escapava uma grossa corrente de ouro (as mesmas usadas para amarrar iates) e um denso tapete com longos fios grisalhos. Se não fosse pelo *cooler* e pela aparência de suas duas acompanhantes, o rapaz teria apostado que o francês se dirigia a um enterro.

Mas, caramba, é claro!

— Você é cigano, *hermano*? — perguntou ele, bastante confiante.

— Ora, que pergunta! — disse Gustave, como se aquilo fosse evidente, agitando os dedos gordos cheios de anéis de ouro. — Sou cigano, é claro.

— Mas então, devia ter falado logo! — exclamou Tom Cruise-Jésus Cortés Santamaría, subitamente empolgado, agitando também seus dedos longos ornamentados de anéis de ouro, como se aquilo fosse um sinal de reconhecimento secreto entre eles.

E lançou seu carro pelo terminal. Não se deve perder tempo quando se trata de salvar uma bela cigana.

Levado pela curiosidade, Ajatashatru abriu uma das misteriosas caixas de papelão que se encontravam diante dele sobre a esteira e na qual estava escrito em lindas letras vermelhas e douradas: *ensaimada mallorquina*.

Para sua surpresa, tratava-se de um grande brioche parecido com um caracol e com o penteado da princesa Leia, e tinha uma circunferência mais ou menos igual à de um disco de vinil de 33 rotações.

Ele mordeu um pedaço e o achou tremendamente gostoso. Era agradável de se comer. A massa era cheia de farinha e um pouco pastosa, mas isso se resolvia bebendo um pouco d'água. O problema é que água ele não tinha.

Enquanto se perguntava como as pessoas podiam despachar montanhas de brioches como se fossem simples bagagens e como os funcionários responsáveis pelo carregamento dos aviões não comiam um ou dois de passagem, ouviu o ronco de um veículo se aproximando.

Com um movimento ágil, saltou da esteira. Por sinal, estava na hora, pois já estava para voltar ao saguão, onde certamente o esperavam o parisiense e seu *cooler* assassino.

Uma olhada para a esquerda, outra para a direita. Nada. Nada além de uma mala marrom, do tamanho de uma geladeira, que passava a alguns metros dali sobre uma esteira que seguia em outra direção. Sem perder tempo, pulou em cima dela. Por sorte, não estava trancada com cadeado. Ele abriu o zíper, olhando para trás por cima do ombro. Um carrinho vermelho e amarelo vinha em sua direção. O motorista e o passageiro, cujos rostos ele não conseguia distinguir, pareciam não tê-lo notado.

No interior da mala havia gavetas e compartimentos semelhantes aos de um armário portátil repleto de roupas. “Um guarda-roupas!”, pensou Ajatashatru, com um brilho de incredulidade nos olhos.

Fazendo um grande esforço com os braços, arrancou as roupas penduradas nos cabides e as jogou emboladas atrás da esteira. Havia vestidos elegantes e lingerie finas, estojos de maquiagem elaborados e equipados. Sem dúvida pertencia a uma pessoa importante ou rica, ou as duas coisas.

O faquir se enfiou dentro da mala, a metade de uma *ensaïmada* na mão, nunca se sabe, e se fechou lá. Ele nunca estivera dentro de uma mala tão grande na vida, e desta vez não foi preciso deslocar o ombro, como costumava fazer quando se preparava para entrar em sua caixa mágica. Suspirou. Aquela, pelo menos, ninguém perfuraria com longos sabres afiados. Isso se o francês não pusesse a mão nele, é claro...

Enquanto a plebe, como uma centopeia de bermudas e sandálias, continuava se esgueirando entre os assentos e tomava seu lugar dentro do avião, Sophie Morceaux, que embarcara primeiro, já bebericava uma taça de champanhe ordinária na segunda fileira de poltronas.

Um italiano que passava por ela, falando alto e gesticulando, fez voar uma partícula de poeira no olho verde da bela atriz. A irritação provocou a perda de sua lente de contato, que desapareceu imediatamente na selva de carpete azul.

Durante alguns minutos, ela se ajoelhou entre duas poltronas, arranhando ligeiramente as fibras de lã com seus dedos longos e finos, até que uma aeromoça se aproximou para ajudá-la. O resultado não foi melhor, e Sophie Morceaux teve que se conformar à horrível realidade: ela perdera a visão de um dos olhos. Algo intolerável, convenhamos, para uma atriz que não havia sequer atuado em *Piratas do Caribe*.

Enquanto os passageiros continuavam avançando para seus assentos, a aeromoça voltou no outro sentido, como um salmão, e falou por alguns instantes com uma mulher de uniforme equipada com um colete fluorescente amarelo, um enorme protetor auricular e um radiotransmissor.

Era absolutamente necessário encontrar a mala Louis Vuitton de Sophie Morceaux e lhe trazer seu nécessaire acomodado no bolso externo.

Por sorte, ela ainda não havia sido embarcada no avião. Na pista, o chefe dos funcionários responsáveis pelo carregamento explicou à moça com o rádio que a mala estava sujeita a um tratamento especial por causa de sua proprietária (não era todo dia que acolhiam a célebre e linda atriz Sophie Morceaux em seu avião) e não viajava com as demais bagagens dentro de grandes contêineres metálicos. Ele lhe mostrou uma bela mala Louis Vuitton marrom com as dimensões de uma pequena geladeira (55x128x55cm) sobre um carrinho.

A espanhola vasculhou o bolso externo, retirou um nécessaire combinando com a mala e fechou-o de novo. Era a primeira vez que via uma mala assim tão luxuosa. Com seu mísero salário, ainda por cima nesses tempos de crise e de vacas (sagradas) magras, ela nunca poderia comprar algo do gênero. Talvez somente o nécessaire, ou nem isso.

— Tudo bem, achei — disse ela ao carregador, que, acompanhado de dois homens, colocou a bagagem no único compartimento ventilado, aquecido e pressurizado do avião.

Se nas profundezas daquela obscura mala, perdido entre uma calcinha e um pedaço de *ensaïmada*, Ajatashatru tivesse invocado um gênio bom, este teria lhe dito com a voz grossa de Barry White: “Faquir, tenho uma boa e uma má notícia para dar. A boa é que acabaram de colocar você no único porão ventilado, aquecido e pressurizado deste avião, o que evitará que você chegue ao destino transformado em sorvete italiano. A má notícia é que você nunca conhecerá Barcelona, pois acaba de ser embarcado no porão de uma aeronave que vai decolar em alguns instantes com rumo ignorado. E vamos passear de novo!”

A cena só durou alguns minutos, mas quando Gustave Palourde e Tom Cruise-Jésus Cortés *et cetera* entraram no depósito de bagagens, o indiano havia desaparecido.

Gustave, que se arrependia de ter mentido para um cigano, confessou a verdade ao funcionário assim que eles embarcaram no pequeno veículo. E a verdade era que ele queria quebrar a cara do estrangeiro que o trapaceara por causa de 100 euros. O jovem espanhol, para quem nada havia de mais sagrado que os laços de sangue e que nunca perdia uma boa oportunidade para quebrar a cara de alguém, se uniu à causa do irmão cigano sem maiores explicações. Por outro lado, ficou aliviado ao descobrir que a mocinha, que não era diabética, tampouco corria algum perigo.

Desse jeito, animados por aquela caçada humana improvisada, os dois ciganos percorreram os labirintos de corredores em busca do indiano que ousara um dia ofender um dos seus.

Gustave não tinha mais o *cooler* ao alcance da mão, mas acariciava dentro do bolso seu inseparável canivete Opinel com cabo de marfim que acabara de recuperar alegremente da bagagem, ao sair do avião. Se o larápio não desse o que lhe devia, mais os juro, ele não hesitaria em transformá-lo numa peneira.

Os dois homens logo chegaram ao final da esteira, mas não encontraram o menor sinal do vigarista. Ao ver um carregador passando por lá, o jovem espanhol lhe perguntou se havia notado um indiano alto, seco e nodoso como uma árvore, de bigode e turbante branco. Um indiano, caramba!

— O único indiano que estou vendo aqui é ele — respondeu o homem, apontando para Gustave com um dedo ameaçador. — O que ele está fazendo aqui? É preciso autorização para circular neste setor.

— Eu sei, eu sei, mas estamos procurando uma mala contendo Gluco... açúcar para a filha dele que está em crise — mentiu o cigano mais jovem.

— Ah... — respondeu o funcionário.

E alguns segundos depois:

— E o que tem o indiano a ver com isso?

Tom Cruise-Jésus Cortés Santamaría não soube o que dizer, mas logo compreendeu que seu contrato de efetivação não aconteceria nunca se ficasse se metendo em encrencas. Engatou então a marcha a ré.

Quando se preparava para reconduzir o francês ao setor de passageiros e esquecer aquele episódio infeliz, sua atenção foi atraída por um monte de roupas largadas no chão, ao lado de uma esteira.

Mais por consciência profissional do que por suspeita, parou o veículo e foi apanhá-las. As peças eram belos vestidos de gala e lingerie sensuais bastante apetitosas, tamanho 36, o que fazia supor que sua proprietária não devia ser nada feia.

— O que é isso? — perguntou o taxista ao se aproximar dele.

— Não sei. Parece que jogaram isso aqui sem perceber o que era. Mas são roupas chiques. Com certeza, pertencem a alguém rico ou importante, ou as duas coisas. De qualquer maneira, uma mulher, sem dúvida, que não deve ser nada feia, se quiser saber minha opinião.

— Para onde vão essas bagagens? — interrompeu-o Gustave, um velho caçador que não se deixava distrair por um par de calcinhas.

Ele apontava para as malas e sacolas que continuavam a avançar sobre a esteira.

O funcionário se aproximou de um carrinho de bebê que passava por ali e leu a etiqueta verde e branca presa ao objeto.

— FCO.

— FCO? — repetiu Gustave, sem entender coisa alguma.

— Essas malas vão para o aeroporto de Fiumicino, Roma.

Quando as turbinas atingiram a potência máxima e o avião decolou, Ajatashatru logo compreendeu: 1) que se encontrava dentro de um avião; 2) que a mala dentro da qual ele havia se escondido não era uma bagagem que chegava, como acreditara, mas que partia.

Para alguém que jamais viajara antes, ele achou que desde a véspera estava recuperando o tempo perdido. As viagens formam a juventude, dizia o ditado francês, e na velocidade em que viajava ele logo voltaria a ser um recém-nascido, se é que um armário e uma mala são os meios de transporte mais indicados para conservar a juventude. Não sabia ao certo, com todas as dores musculares e nas costas que eles provocavam.

Fazia 24 horas que ele tinha chegado à Europa, parecia uma eternidade. Já havia posto os pés na França, na Inglaterra e na Espanha. E essa noite ainda estaria em outro lugar. Buda não o largava mais. Estaria ele condenando-o a ser clandestino, contra sua vontade, pelo resto da vida?

Onde aterrissaria dessa vez? Ele ignorava.

Só desejava que o avião não fosse para a Nova Caledônia. Tinha dificuldade em se imaginar passando as próximas 32 horas agachado dentro de uma mala de um metro e vinte, tendo por único alimento metade de uma *ensaimada*.

Pelo menos, não estava de cabeça para baixo. Teria sido insuportável. Fora colocado de lado, o que em si era bem propício ao sono, ainda que tivesse os joelhos encostados na boca. Tinha esperanças de que aquela mala não se tornasse seu caixão. Um belo caixão Louis Vuitton.

Pois, mesmo que desejasse ser enterrado, ao contrário dos outros faquires hindus que perpetuavam a tradição milenar da cremação, ele queria, de preferência, que seu fim chegasse o mais tarde possível. Falara sobre sua vontade com Marie durante o almoço. Nunca se sabe. Se um terrorista com um colete de explosivos tivesse se detonado

naquele momento dentro da cafeteria da Ikea e se aquela mulher sobrevivesse, ela poderia realizar os últimos desejos do pobre indiano.

— Pois bem, eu preferiria ser cremada — dissera-lhe a francesa. — Eu ficaria com muito medo de acordar dentro de um caixão.

— E acordar dentro de uma urna, isso não dá medo? — retorquira então o faquir.

A ideia de que poderia morrer sem voltar a ver Marie o assombrava. Podia rever seu sorriso, suas mãos lindas, seu rosto de boneca de porcelana. Prometeu a si mesmo que telefonaria para ela assim que chegasse a seu destino, onde quer que fosse.

“Faça com que eu sobreviva”, suplicou, “e me tornarei um benfeitor, um homem honesto conforme me propus”.

Naquele momento, Buda lhe respondeu na forma de um lânguido ganido.

Dentro do compartimento do avião havia um cachorro. Julgando por seus gemidos lamurientos, não devia se tratar de um cliente habitual, um *frequent flyer*.

Com seus dedos ágeis, Ajatashatru procurou às cegas o pequeno mecanismo que ele acionara ao fechar-se dentro da bagagem. Se conseguira se trancar no interior, poderia sair da mesma maneira.

Alguns segundos depois, ele saía da mala como uma banana madura demais saindo da casca. Por sorte, a quantidade de bagagens dentro do porão não era suficiente para bloquear sua escapada. Enfim livre, esticou as pernas por um instante e massageou a região lombar e as panturrilhas. Uma companhia aérea indiana tinha um slogan *Viaje conosco, seja tratado como uma vaca (sagrada)*. Aquela viagem de avião, em que esteve preso numa mala, fez com que ele percebesse que o conceito de vaca tinha diferentes significados, de acordo com o país, ou, pelo menos, entre a companhia europeia e a indiana...

O faquir se pôs de pé, mas o teto do porão, baixo demais e nada adaptado para sua grande estatura, obrigou-o a se curvar. Ele resolveu então avançar agachado na direção de onde vinham os gemidos.

Com o bagageiro imerso na escuridão, Ajatashatru seguia lentamente. A cada vez que se deparava com um obstáculo, um desses ONI — Obstáculos Não Identificados —, ele o empurrava para o lado ou o contornava, dependendo do peso.

Logo, chegou diante de dois olhos brilhantes que o observavam sem piscar em meio às trevas. Ele gostava de animais. Não lhe metiam medo. Quando se passa a maior parte da infância tendo uma cobra como animal de estimação, não se tem mais medo de bicho algum, e ainda menos de um cão, o melhor amigo do homem.

Ajatashatru estendeu na direção da jaula o pedaço de *ensaimada* que lhe restava.

— Mansinho, mansinho — disse ele assim mesmo, no caso de o animal preferir carne humana ao brioche.

Ele sentiu então uma língua comprida, fria e úmida, com uma textura semelhante à de um escalope de vitela (sagrada), lambendo avidamente seus dedos.

Os tristes lamentos do bicho cessaram. Tanto o pedaço de brioche quanto aquela inusitada companhia pareciam apaziguá-lo.

— Você sabe para onde estamos indo? Porque eu não tenho a mínima ideia. Nem sei se estamos nos dirigindo para o sul, norte, leste ou oeste, se estamos sobre o mar ou sobre as montanhas. Além do mais, eu sou um pouco clandestino. Enfim, dessa vez, duvido que eu venha a sentir a síndrome do coração que bate forte quando o avião desacelera e para. A polícia europeia não para aviões em pleno voo, não é?

O cachorro, que também não sabia, não respondeu.

Na escuridão do bagageiro, os sentidos do indiano haviam se multiplicado, como quando ele ficara fechado dentro do armário na viagem de caminhão para o Reino Unido. E, para seu desgosto, seu olfato também. Um cheiro de animal sujo fez suas narinas tremerem, mas ele logo percebeu que não vinha da jaula à sua frente. Era ele mesmo que cheirava mal. Se não era resistente à fadiga, à fome ou à sede, nosso faquir, por outro lado, o era em relação ao banho. Acontecia às vezes de ele ficar sem tomar um durante várias semanas. Se nesses dois últimos dias ele se encontrara na impossibilidade de se lavar, nos cinco que precederam a viagem, ele poderia tê-lo feito. Mas já fazia um bom tempo que não passava uma toalha no rosto. A última vez que recebera água na cabeça tinha sido a da chuva. E não chovia com frequência no Deserto de Tharthar, pode crer!

Siddartha Gautama, o Buda, ficara meditando durante sete semanas sob a árvore Bodhi. E não tomara banho esse tempo todo.

Como tinha tempo e ninguém viria incomodá-lo ali, Ajatashatru se agachou sobre o piso metálico do bagageiro, em posição de lótus, diante dos olhos brilhantes do cão e se pôs a meditar sobre aquela nova vida, a vida de benfeitor e de homem honesto que o aguardava lá fora. Ele acabara de dar um pedaço de brioche para o cachorro comer, mas isso não era o bastante para uma mudança completa. Quem ele poderia ajudar então? E como?

O faquir vinha sentindo muita vontade de escrever.

Não lhe faltavam ideias. Sua imaginação era enorme. Era possível que sua vida agitada também ajudasse. De qualquer forma, essa criatividade transbordante lhe servia quando precisava inventar truques de mágica para tornar real o irreal e possível o impossível.

Entretanto, ele nunca colocara essas histórias no papel. Passar para a ação talvez fosse mais complicado do que pensava, e ele sempre adiou o momento de tentar.

E se esse dia tivesse chegado? E se a atividade honesta e lucrativa que ele buscava para dar início à sua nova vida fosse a de escritor? Não a de escritor de rua, não. Ele não se via sentado na calçada com uma máquina de escrever a tiracolo, esperando que um pedestre lhe pedisse para compor uma carta de amor. Não, ele tinha ambição: escritor de best sellers. Já era algo mais sensato do que ser dançarino de foxtrote ou jóquei. Em último caso, restava-lhe ainda vender pequenas torres Eiffel em Paris.

— O que você acha disso, meu amigo? Vamos lá, um escritor então?

O cachorro latiu três vezes.

Ajatashatru tomou aquilo por um “acho que é uma ótima ideia, cara, vai nessa”.

Então, vamos nessa. Na capa, um carro antigo amarelo com a palavra “táxi” pintada nas laterais, seguindo a toda a velocidade pelas ruas de Nova Delhi. Haveria dois personagens. O motorista, um gordo barbudo com os cabelos desgrenhados, e um rapaz de muletas correndo à frente do carro, a toda, apesar de sua deficiência.

Ajatashatru sorriu na escuridão.

O taxista louco em seu carro não era outro senão uma visão romanceada do motorista parisiense com o *cooler*, e ele, o enfermo correndo pela rua.

O título seria algo como *Deus viaja de táxi*. Agora que tinha o título e a capa, o faquir sentiu-se enfim pronto para começar seu romance. Não era assim que se fazia?

Então o homem tirou a camisa, pegou o lápis de madeira da Ikea e começou a escrever no tecido, em meio às trevas, o relato que sua mente engendrava.

*

* *

CAPÍTULO UM

Ele não entendia por que era proibido viajar de avião com um garfo, considerando que era possível matar um homem com uma caneta. Ele não entendia por que era proibido viajar com uma faca na cabine, considerando que elas eram dadas aos passageiros da classe executiva, de metal ainda por cima, para que pudessem comer com

elegância suas refeições na bandeja. Na verdade, ele não entendia todas as medidas de segurança, considerando que era tão fácil matar alguém com os dedos. Seguindo essa lógica, não deveriam também amputar nossas mãos, essas armas tão perigosas, antes do embarque? Ou nos obrigar a viajar no porão, como os animais, bem longe da cobijada cabine de comando?

(Igual a esse cachorro, que ouve esta história nesse momento e cujos olhos brilhantes são minhas únicas referências? *Deus viaja de táxi* contaria as tribulações de um jovem terrorista camicase cego, um afegão chamado Walid Nadjib, alguns minutos antes de embarcar rumo ao Reino Unido. Por que cego? Talvez porque eu mesmo esteja no escuro neste momento. Afinal, só se escreve sobre o que se conhece. A cena se passaria no aeroporto de Colombo, no Sri Lanka, ponto de partida que o terrorista tinha escolhido para não despertar suspeitas. Bom, continuemos.)

O homem estava cada vez mais nervoso, adiando repetidamente sua passagem pelo detector de metais que o separava da área de segurança e indo se trancar no banheiro. Na verdade, ele carregava escondido dentro do cilindro de sua bengala branca explosivo suficiente para destruir em pleno voo o avião no qual iria viajar. Ninguém desconfiava dos cegos.

Ele havia elaborado seu plano com perfeição, mas um medo insuperável se abatia sobre o homem. Não era o medo de morrer, pois estava totalmente convencido de sua causa e seria para ele uma honra morrer para defendê-la. O que o angustiava era o medo de ser preso pelas autoridades antes de executar o plano. (Síndrome do caminhão que desacelera e para?)

Mas ele tinha pensado em tudo. Fazia seis meses que

aperfeiçoava os detalhes da sua última viagem. Conseguiu um falso passaporte cingalês de boa qualidade e um visto falsificado para uma breve estadia de negócios na Inglaterra. Trajava um terno cinza feito sob medida e uma pequena pasta, dentro da qual se encontrava a documentação da sociedade fictícia, uma empresa especializada em pintura de automóveis, que ele ia apresentar à Vauxhall, a versão inglesa da Opel. Ele também transportava amostras das últimas tintas que sua companhia oferecia ao mercado, dentre as quais o vermelho-puma e o azul-tartaruga. Uma miríade de nuances de cores. Um exagero para um cego! Mas o roteiro fora bem ensaiado, ele o conhecia com as pontas dos dedos, como se fosse em braille, caso viesse a ser interrogado. Fizera tudo o que estava em seu alcance. O resto dependia da boa vontade de Alá.

Sem tirar os óculos escuros, o homem molhou um pouco o rosto. Se não fosse cego, teria visto no reflexo do banheiro um velho elegante, bem-barbeado. Nada nele sugeria que iria explodir um avião em pleno voo sobre o Mar da Arábia, logo após a decolagem.

Walid Nadjib bateu a parede e retirou de uma grande caixa de metal algumas toalhas de papel com as quais enxugou as mãos. Depois, num passo determinado, abriu caminho até a sala de embarque. Ele conhecia o trajeto de cor. Sua bengala havia percorrido cada centímetro quadrado. Por aquele chão, ele já caminhara dúzias de vezes, de início acompanhado, depois sozinho.

Finalmente, chegou a uma das duas filas que

conduziam aos portões de segurança e se desculpou com a pessoa na qual acabara de esbarrar e que esperava a vez. Para começar, retirou o cinto. Um funcionário do aeroporto veio em seu socorro e o ajudou a se livrar do paletó e de sua pasta de documentos.

Por fim, após alguns segundos, foi sua vez de passar pelo detector de metais.

(Pronto, o começo está feito. Continuemos. O cão latiu três vezes para me dizer que não aguentava mais esperar.)

** **

CAPÍTULO DOIS

Agora a história se passava numa pequena prisão do Sri Lanka. Nosso terrorista cego fora detido e o meteram ali, sem processo algum. Não havia sido condenado à morte, mas uma sentença dentro daquele pardieiro pestilento dava no mesmo.

Tinham fornecido a Walid Nadjib uma roupa que devia um dia ter sido vermelha, mas que após várias lavagens virara um laranja como os de Guantánamo.

O afegão descobriu tratar-se da toga dos monges daquele país, que as davam aos prisioneiros a fim de purificar suas almas. De qualquer maneira, para ele, que fosse vermelho desbotado não fazia a menor diferença, pois não a veria nunca.

No seu pacote de boas-vindas havia também uma toalha de banho bem áspera, um lote de pequenos

sabonetes (no caso de caírem durante a ducha, era aconselhado não recuperá-los) e um pente de plástico.

No mesmo dia, o homem foi encarcerado em uma cela de 7 metros quadrados. Como era velho e cego, ficou na companhia de um só prisioneiro. Os outros ficavam em grupos de quatro ou cinco em cada cela. Não havia lugar para todo mundo ali.

Seu companheiro de cela chamava-se Devanampiya.

— Igual a Devanampiya Tissa, o rei cingalês, fundador de Anurâdhapura. Prazer em conhecê-lo, estrangeiro.

O cingalês estendera cordialmente a mão na direção do recém-chegado. O outro não reagiu. Então, vendo os óculos escuros do homem, Devanampiya entendeu que ele era cego.

O afegão falava um pouco de cingalês, uma língua que batia forte no céu da boca emitindo estalidos secos. Isso facilitou os primeiros contatos. Em seguida, Devanampiya pôs na cabeça que deveria lhe ensinar sua língua. Havia tempo para isso. E logo eles puderam se entregar a grandes conversas sobre o mundo, Deus e a necessidade de expandir a voz de Deus pelo mundo.

O cingalês, ainda que não concordasse com as ideias radicais de seu companheiro, aceitava que as pessoas deviam ser guiadas pela fé e pela religião, e que a falta de espiritualidade que afetava o Ocidente só poderia lesar o bom equilíbrio das coisas da Terra. Não existia religião nos outros planetas, e a gente via no que isso tinha dado: nenhuma vida extraterrestre. Bastava isso.

Certa manhã, quando voltavam das duchas, o cego

perguntou a Devanampiya se havia janela na cela deles. O homem cingalês achou que o companheiro fosse lhe comunicar um plano de fuga.

— Ouço frequentemente os ruídos da cidade, dos carros, as campainhas das bicicletas, e sinto o cheiro de pimentão da feira. Você, que tem sorte de ter seus olhos e ver o mundo tal como ele realmente é, poderia me descrever o que vê pela janela? Isso seria bastante tranquilizador para mim.

A partir desse dia, Devanampiya contava-lhe todas as manhãs o que se passava lá fora. Explicou que a janela tinha três barras espessas, mas com bastante espaço entre elas para enxergar a praça da feira que se estendia diante da prisão. No meio, havia umas barracas, cobertas por toldos nos dias de chuva ou de sol muito forte. Sobre estrados de madeira, os feirantes exibiam suas mercadorias, de cores ricas. Os transeuntes andavam de um lado para o outro o tempo todo, como formigas. Reinava na praça uma efervescência permanente que fazia até esquecer que a alguns metros dali, atrás de imponentes muros de pedra, um dia a vida cessara para uma centena de homens.

No lado esquerdo da praça, havia uma grande residência que devia pertencer, sem dúvida, a um rico proprietário. Pondo-se na ponta dos pés era possível perceber a extremidade de uma piscina em que, algumas vezes, uma mulher de origem europeia, com o tom de pele de um branco resplandecente, vinha se banhar sumariamente vestida. Mas logo ela desaparecia atrás de

uma grande árvore que sem dúvida havia sido plantada ali a fim de preservar a intimidade dos habitantes e exacerbar a imaginação dos prisioneiros.

Do lado direito, havia uma estação de trem e ouviam-se com frequência ruídos metálicos dos freios sobre os trilhos.

Bem à frente, entre a prisão e a feira, passava uma grande avenida sobre a qual transitavam os mais diversos veículos. Charretes puxadas por bois, carros modernos, jinriquixás, caminhões carregados de mercadorias, ônibus lotados de gente, com passageiros pendurados nas janelas, deitados sobre a capota ou ainda amontoados sobre os degraus. E bicicletas, muitas bicicletas com duas e até três pessoas, bicicletas motorizadas de quinta mão revendidas pela Inglaterra. E gente, gente e ainda mais gente por todos os lados, a perder de vista.

Com uma impressionante riqueza de vocabulário para uma pessoa de sua condição, o cingalês descrevia cada centímetro quadrado do que podia enxergar através das barras. Quando Walid pedia que lhe explicasse uma palavra, ele interrompia o relato e se tornava professor por alguns minutos.

O afegão guardava tudo na memória.

Todo dia, ele pedia notícias da europeia.

— Ela não está na piscina hoje?

— Não. Já faz alguns dias que não a vejo.

— E o terceiro feirante a partir da direita, o senhor gordo, cujas enormes orelhas podemos ver daqui, vendeu todo seu estoque de crepes?

— Vendeu. A mulher dele, que tem uma longa trança, está preparando outros, perto dele, com uma frigideira no fogareiro. Se não tomar cuidado, vai queimar os cabelos!

— Posso sentir o cheiro daqui (dos crepes, não dos cabelos queimados). Humm... Dá vontade de comer um pedaço.

Depois, o cego aspirava ruidosamente a infame papa de batata que lhe serviam, imaginando os crepes com pimentão da senhora de trança.

Os dois homens passavam seus dias assim. Walid começava a dominar a língua cingalesa e Devanampiya sentia-se feliz por devolver a visão e a vida aos olhos de seu companheiro.

Dessa forma, uma grande cumplicidade nasceu entre eles.

A vida na prisão passava no ritmo das descrições calorosas e precisas de Devanampiya. E quando chovia e a feira permanecia encoberta com os grandes toldos coloridos, obstruindo a visão do homem, ou nos dias em que simplesmente não havia feira, terça-feira, o cego pressionava assim mesmo o companheiro de cela para que ele descrevesse a paisagem nos mínimos detalhes.

Um dia, o cingalês, erguendo-se na ponta dos pés e segurando firme nas barras, contou a Walid o estranho acontecimento que acabava de ocorrer lá fora.

— Um homem de seus 40 anos, com bigode, vestido com uma camisa branca e uma calça bege, com o auxílio de duas muletas, atravessava a avenida (uma loucura, considerando o trânsito!), quando um carro antigo

amarelo, uma espécie de táxi típico de Nova York, se precipitou contra ele. Vendo que o veículo não conseguiria parar, o homem deficiente largou as muletas e correu até a calçada, ao lado da prisão, sem ser atropelado. Inacreditável!

— Deus viaja de táxi — exclamou Walid, que tinha sido proibido de pronunciar o nome de Alá. — É um milagre!

O cego segurou a toga com a mão direita e esfregou o tecido na perna.

— E agora, me conte o que está acontecendo.

— Estou vendo um monte de gente aglomerada, mas como estão na nossa calçada, não enxergo mais nada. Minha visão está encoberta pela torre da sentinela. De qualquer forma, a coisa está agitada lá embaixo. Alguns guardas até saíram para a rua.

— Sei, sei — sussurrou o cego.

Naquele dia, não houve nenhum outro evento digno de interesse.

*

* *

CAPÍTULO TRÊS

A higiene na prisão era quase inexistente. Até a água que saía dos chuveiros tinha um aspecto escuro e barrento. Havia baratas dentro das celas, e as pessoas tossiam o tempo todo, dia e noite. Um cheiro pestilento

imperava nos corredores e nas áreas coletivas. Os banheiros estavam permanentemente entupidos, e, quando não estavam, litros de uma água amarelada transbordavam dos vasos e se derramavam no piso de cerâmica quebrado. Os prisioneiros chafurdavam, com suas sandálias ou descalços, nos próprios excrementos, como animais enjaulados.

Um dia, os dois homens voltavam do pátio no qual os deixavam esticar as pernas por algumas horas, e Devanampiya, que tossia sem parar já havia várias semanas, desabou nos braços de Walid, fulminado.

O médico foi chamado com urgência. Quando chegou, examinou o corpo do cingalês no chão mesmo. Em seguida, ele retirou o estetoscópio das orelhas, balançou tristemente a cabeça e dois homens imponentes levaram o cadáver, arrastando-o pela água amarelada do corredor.

Preocupado, Walid perguntou a outro prisioneiro o que estava acontecendo e soube que seu amigo tinha morrido.

(Eu me pergunto se os cegos choram. Preciso verificar. Se for o caso, então Walid chorará. E muito. Enquanto pensava nisso, o cachorro latiu impacientemente três vezes para que eu retomasse meu relato.)

Walid então chorou (a verificar).

Naquela noite, verteu todas as lágrimas do seu corpo e do seu coração. E seus soluços foram ouvidos até na sua cidade, no Afeganistão. Acabara de perder um amigo, o único que tinha ali, e perdera de novo, com ele, a visão. Nessas condições, a prisão logo se tornaria um inferno.

CAPÍTULO QUATRO

Walid Nadjib não teve tempo de se acostumar à solidão da cela. Depois de alguns dias, ouviu uma batida na porta espessa e o som de suas dobradiças.

— Teríamos deixado você sozinho — disse o guarda —, mas não temos mais lugar. Espero que tudo fique bem.

Dissera esta última frase como se soubesse alguma coisa sobre o recém-chegado que o cego ignorava e como se não pressagiasse nada de bom.

Quando a porta foi fechada, um silêncio sepulcral se fez dentro da cela. O afegão falou primeiro, como se para exorcizar a má sorte. Apresentou-se sem se esquecer de informar ao novo prisioneiro que era cego e que este deveria fazer um esforço para se comunicar com ele.

O recém-chegado não disse nada.

A palha de um dos leitos estalou como folhas de alface entre dentes bem afiados. O homem devia ter se deitado. Adormeceu logo, pois uma respiração forte, semelhante ao ressonar de um urso, saturou os ouvidos de Walid. O cego pensou que seu novo companheiro devia estar cansado e ele não o incomodou mais.

Algumas horas depois, quando chegou a refeição, o homem despertou e comeu sua papa. Walid podia ouvir sua mastigação e seus arrotos incessantes, como se estivesse dentro do estômago do outro. Aproveitou então para lhe dirigir a palavra.

— Peço desculpas se antes eu disse algo de inoportuno. Sou cego e não posso ver as expressões no seu rosto. Se você não me disser nada, temo que eu nunca venha a saber nada sobre a pessoa com a qual divido estas tristes paredes. O tempo passaria bem mais rápido se nos conheçêssemos. Enfim, é o que penso...

O outro não respondeu.

Walid continuou ouvindo seus dentes invisíveis devorando a papa com o barulho característico de botas chapinhando na lama. Intrigado, ele se levantou e avançou tateando até tocar a pele úmida de seu companheiro de cela. Este parou de comer.

— Pare de me apalpar, velho tarado! — exclamou o homem num cingalês que deixava transparecer sérios problemas de dicção. — Já massacrei muitos por menos que isso!

Walid removeu a mão na mesma hora, como se tivesse encostado no fogo.

— Não, não entenda mal! Eu sou cego. Só queria chamar sua atenção, porque desde que chegou aqui você não disse na...

— Não vale a pena se cansar de falar — interrompeu o cingalês, gaguejando —, sou surdo como uma porta.

A novidade se abateu sobre ele como um golpe de guilhotina.

O recém-chegado era um homem imponente de dois metros de altura, musculoso e com uma barriga saliente. Um bigode fino atravessava seu rosto, como se dissesse “desta boca não sairão palavras”. Mas Targuyn, graças a

trabalhosos exercícios articulatórios, havia conseguido falar, contrariando os diagnósticos pessimistas de todos os médicos que o tinham examinado. Assim, Targuyn não era mais mudo, somente surdo, deficiência contra a qual não pôde fazer nada.

Quando ele entrou na cela, foi logo atraído pela esquisitice daquele homem de óculos escuros. Aquele acessório não fazia sentido num local onde o sol mal penetrava.

Com seus óculos escuros e mãos inquietas, o prisioneiro tinha uma aparência perversa. Fazia com certeza vários anos que o tinham trancado naquele lugar miserável e que ele não tivera relações sexuais; de qualquer modo, tempo suficiente para afetar seu julgamento e para que ele tomasse um marmanjo de bigode e 120 quilos por uma desejável virgem de 20 anos.

E, então, tudo se esclareceu. Os óculos escuros, o tatear do homem dentro da cela e a bengala branca encostada na cama eram indícios que mostraram a Targuyn que seu raciocínio não havia sido tão rápido e que seu companheiro de cela era cego.

“Um surdo e um cego”, pensou, “que maravilha!”

Quando a noite começou a cair e se ouviram nos corredores os tamboris e címbalos que marcavam as refeições do dia, Targuyn se levantou do leito e se aproximou do cego que, com a cabeça virada para o teto e os lábios trêmulos, parecia estar em pleno delírio ou em plena oração.

— Eu me chamo Targuyn — disse, com simplicidade.

Enfim, o homem colossal não era uma má pessoa.

(Então, o que poderia acontecer agora? Uma ideia, rápido, o cachorro late!)

Em pouco tempo, os dois homens se tornaram amigos, pois ambos tinham algo que os diferenciava dos demais prisioneiros e os unia. O primeiro não enxergava, o segundo não ouvia. De certa maneira, eles se completavam. Aquilo que um não via, o outro descrevia. Aquilo que um não ouvia, o outro escrevia.

Aliás, era a primeira vez que Targuyn via um cego que escrevia. Com uma das mãos, o homem tocava as bordas do papelão, a fim de não ultrapassá-las, e, com a outra, escrevia em letras pequeninas. As frases voavam em todos os sentidos e formavam belos feixes de palavras.

Walid, que lamentava cada vez mais a perda de Devanampiya e pensava nele com saudades, repetiu um dia a Targuyn o estranho pedido que fizera certa manhã a seu antigo companheiro de cela.

Ele escreveu: “Descreva pra mim o que você vê pela janela.”

Um monte de perguntas tinha ardido nos lábios de Walid, após a perda do amigo. Não eram orações que o homem proferia em seus delírios, como acreditara Targuyn, mas o relato das descrições de Devanampiya, das quais o cego se recordava e que contava outra vez para si mesmo, de modo a reencontrar a ilusão de enxergar que tivera nos primeiros meses de encarceramento.

Assim, naquele primeiro dia de primavera, o colosso leu as palavras que Walid havia rabiscado com a caneta

num pedaço de papelão. Se, por um lado, ele falava corretamente o cingalês, por outro, o afegão encontrava muita dificuldade com a ortografia.

— Você escreve melhor do que alguns nativos. Com erros, mas dá para entender. No entanto, não sei exatamente o que você quer. Diga-me e realizarei sua vontade.

Às vezes, Targuyn falava como os gênios do bem que surgiam das lâmpadas das fábulas orientais. Como única resposta, o cego bateu com o dedo sobre o papelão, insistindo no que havia escrito.

— A janela dá para uma parede — disse o colosso —, uma parede de tijolos. Não há nada para ver.

O cego permaneceu em suspense por um instante.

O quê?

Parecia que uma mão invisível o tinha transformado numa estátua de pedra.

Depois, baixou a cabeça, bem devagar.

O mundo acabara de desabar.

Ele compreendera que seu antigo companheiro de cela tinha inventado tudo com o único objetivo de lhe agradar. Um gesto altruísta, desinteressado. Um gesto de amor, fraternidade e amizade.

(Bem, escrevi na parte da frente da camisa, nas mangas e acabo de terminar as costas. Se minhas contas estão certas, não há mais espaço. De qualquer maneira, não sei mais o que escrever. É preciso revisar o estilo. Mas não é nada mau para um primeiro romance...)

Esse orgulho de ter conseguido transformar suas ideias em palavras foi o terceiro choque que o faquir recebeu no peito desde o início dessa aventura. Ele sabia que dispunha de uma bela história e que bastaria transcrevê-la no papel para que virasse um livro. Prometeu a si mesmo escrever tudo aquilo assim que chegasse ao destino, onde quer que fosse. Depois de ter telefonado a Marie, é claro. Ele morria de vontade de falar com ela.



— E foi assim que acabei dentro da sua mala, senhora — concluiu Ajatashatru com um breve sorriso.

Desaparecer no fundo de uma valise em Barcelona para reaparecer em Roma era de longe o melhor truque de mágica que realizara em sua vida. Houdini não teria feito melhor.

A bela moça de olhos verdes e cabelos castanhos o observava, dividida entre a surpresa, o ceticismo e a vontade de berrar. Isso já era melhor do que a crise histérica que sofrera quando o descobriu, ao abrir a mala. Baixou o abajur que tinha pegado como arma. A história era absurda, sem dúvida, mas havia no tom daquele homem algo de verdadeiro, sincero. E, depois, como alguém poderia inventar uma mentira tão grande?

— Agora, vou sair desse quarto e não a incomodarei mais, minha senhora. Vou desaparecer para sempre da sua vida. Antes, porém, eu gostaria de fazer uma pergunta.

— Pode fazer. — Ela conseguiu balbuciar num inglês impecável.

— Onde nós estamos? Deve ser a quarta vez que me faço essa pergunta nos dois últimos dias. Se soubesse como isso é maçante...

— Em Roma — respondeu Sophie Morceaux —, no hotel Parco dei Principi.

— Ah, quer dizer Roma, na Itália?

— Isso mesmo, Roma, na Itália — confirmou a Bond girl de *O amanhã não é o bastante*. — O senhor conhece outra?

— Não.

O homem parecia tão inofensivo, e a situação tão engraçada, que a atriz não conseguiu conter o sorriso. Ela, que pensara inicialmente estar diante de um fã desequilibrado, sentia-se agora aliviada.

Olhou para aquele indiano alto, seco e nodoso como uma árvore, o rosto atravessado por um grande bigode. Sua camisa branca e amassada estava coberta de uma infinidade de inscrições microscópicas. Parecia uma mortalha impressa de hieróglifos traçados

a lápis.

— O que é isso? — perguntou ela, apontando para a camisa.

— Isso? Lápis. Lápis da Ikea. Mas, para ser mais específico, é meu último romance; enfim... quero dizer, meu primeiro romance, escrito às cegas.

— E o senhor costuma escrever seus livros em suas camisas?

— A senhora preferiria que eu o fizesse nas suas? — ironizou Ajatashatru.

Sophie Morceaux morreu de rir. Em seguida, virou-se para a mala aberta e desesperadamente vazia.

— Quanto às minhas, imagino que tenham ficado em Barcelona. Enfim, se entendi direito, não tenho mais nada para vestir.

Ajatashatru baixou a cabeça como uma criança surpreendida numa travessura. Ele não teve coragem de lhe dizer que tinha guardado uma de suas calcinhas no bolso da calça.

— Eu tampouco — comentou ele.

Nada mais restava do belo terno, da camisa e da gravata que tinha alugado do velho Dhjamal. O paletó e a gravata apodreciam na França, e a camisa estava coberta pelas primeiras páginas de um romance.

— De qualquer maneira, eu não gostava daqueles vestidos — mentiu Sophie Morceaux. — E, afinal, não estamos no país de Gucci e Versace? — acrescentou ela, empolgada com a ideia de sair para esvaziar as lojas. — Não deve ser difícil achar alguma coisa, não acha?

— Eu acho — disse Ajatashatru, que nunca sabia como responder às perguntas feitas na forma negativa.

— E, fora isso, o senhor tem algum plano para esta noite? A que horas parte seu próximo armário?

Pela primeira vez na vida alguém confiava nele, assim, sem que precisasse lançar mão de um vil stratagema, de um truque vulgar, apenas dizendo a verdade. Os “belos países” eram de fato uma caixa de chocolates cheia de surpresas. E a polícia não era sempre o comitê de boas-vindas. A saudade de seu país se apagou totalmente por alguns segundos.

Foi o quarto choque que o faquir recebeu bem no peito desde o início dessa aventura. Mais uma vez, tinham acabado de ajudá-lo. Mas poderia ele, por sua vez, ajudar alguém?

Comovida diante da história do indiano, Sophie Morceaux o convidara para sair à noite. Ele era uma personagem exótica, original e sincera, que lhe permitiria se esquecer durante o jantar das personalidades superficiais e falsas do show business das quais ela se aproximara desde que passou a atuar nas superproduções americanas. Além do mais, ela não acreditava por completo na sua história e preferia imaginar que Ajatashatru era um escritor político procurado em seu país, que tivera que viajar clandestinamente para chegar à Europa e pedir asilo. Isso era muito mais excitante.

O hotel no qual a atriz se hospedaria durante os dias seguintes, por ocasião do Festival do Cinema Latino, se situava na parte alta da capital italiana, bem atrás do magnífico parque da Villa Borghese, o pulmão da cidade.

Considerando que o Parco dei Principi Grand Hotel & Spa era caro demais para *A chata taxou a vaca*, cujo nome ela conseguia pronunciar perfeitamente, a atriz o convidou a dormir no quarto ao lado, o 605, que seu agente havia reservado, além dos outros dez do andar, a fim de que a estrela não fosse incomodada pelos curiosos.

Realmente, valia a pena viajar dentro de uma mala se, em seguida, oferecessem uma noite num dos mais luxuosos hotéis de Roma, com uma simples parede separando-o da mulher mais linda do mundo. No entanto, o indiano se sentia um pouco culpado. Àquela hora, Haashim e seus amigos não deviam estar assim tão bem-servidos. Ele os imaginou sentados no fundo de um caminhão cheio de mercadorias, atravessando a fronteira franco-espanhola, se alimentando de latas de conservas e biscoitos, esperando o momento de serem detidos pela polícia mais uma vez.

Mesmo ignorando o que lhe aconteceria nos próximos dez minutos, o indiano sentia-se contente por estar ali. Naquele momento, deveria estar dentro do avião, voltando a seu país. E, por mais estranho que pudesse parecer, isso não lhe fazia falta. Pelo menos ali, agora, pois a

pressão diminuiria um pouco. Ele pensou que estava fazendo uma viagem incrível e encontrando pessoas maravilhosas. Era preciso aproveitar aquele estímulo de felicidade, pois em alguns instantes, certamente, estaria abatido em sua cama, sozinho, na mais violenta depressão, a dos exilados, dos instáveis, dos sedentários que se encontram abandonados, longe de seu país, a privação correndo nas veias, sem mais qualquer galho ao qual se agarrar.

Pensou no primo, tão longe. Gostaria tanto de ter partilhado aqueles momentos comoventes, mas com ele talvez nada disso tivesse acontecido. Além do mais, os dois nunca teriam cabido dentro da mala Louis Vuitton. Uma pena, contaria tudo ao retornar, se um dia voltasse para casa. Se pelo menos tivesse conseguido manter sua família informada sobre seus passos. Acabara de ver na Europa, em dois dias, coisas que nunca vira em 38 anos de existência e que não teria, sem dúvida, jamais visto, caso não houvesse resolvido se esconder dentro de um armário de uma grande loja. Prova de que as coisas pequenas regem a vida, e os locais mais banais são por vezes o início de emocionantes aventuras.

Assim que entrou no luxuoso quarto, Ajatashatru pulou na enorme cama para testar seu conforto. “Está acabada”, pensou, “a vida de boêmio e charlatão, agora tenho outras ambições. Entre elas, e resumindo, estão: ajudar alguém, publicar meu livro e voltar a ver Marie.”

Satisfeito com o colchão, ele se levantou e entrou no banheiro. Havia ali uma grande banheira branca com os pés e as torneiras dourados. O indiano achou que um bom banho seria a maneira correta de iniciar uma nova vida. Era um pouco como se lavasse todos os seus pecados.

Quando saiu, uma hora depois, dentro de um roupão macio de um branco imaculado, encontrou roupas limpas, impecavelmente dobradas sobre a cama. Uma linda camisa marrom, uma calça bege, meias cor de creme e sapatos no mesmo tom. Havia ali mais nuances de bege do que na escala de cores Pantone. Um pedaço de papel timbrado sobre a mesa de cabeceira apresentava uma bela caligrafia feminina: *Eu o espero dentro de uma hora no saguão.*

Apressou-se em experimentar as roupas. Tudo possuía um caimento perfeito, como se tivesse sido feito sob medida. Ele não era um grande conhecedor do assunto, mas as mangas não eram nem curtas demais

nem longas demais, e a calça caía bem sobre os sapatos.

Ajatashatru se olhou no espelho do quarto. Não se reconheceu. Agora, ele parecia de fato um rico industrial indiano. Mas que elegância! Custava a crer que era ele mesmo naquele espelho. Achou-se bonito. Se tivesse uma câmera, fotografaria a si mesmo e enviaria a foto para Marie. Mas não tinha uma câmera nem o endereço dela. E, ainda, aquele traje era apenas uma fachada. Ele não tinha nada do que devia vir junto com aquilo. O relógio, o computador, o celular, o carro, a casa, a conta na Suíça. Por que Sophie Morceaux estava sendo assim tão generosa com ele? Era um desconhecido. E ele ainda não tivera a oportunidade de ajudar alguém. Perguntou-se como seria o rosto da primeira pessoa que ele auxiliaria.

Por ora, só via o seu. Deu um passo à frente, na direção do espelho. Faltava alguma coisa àquele quadro idílico para que a transformação fosse completa. Ou melhor, havia algo sobrando.

Pela primeira vez, o indiano removeu seu colar de piercings dos lábios carnudos e raspou o bigode, de um modo mais delicado do que aquele empregado no dia de sua condenação. Esse seria seu último truque de metamorfose e desapareição. O faquir acabara de desaparecer para sempre no vapor d'água do banheiro, e um escritor acabara de nascer.

Durante a breve meia hora que lhe restava antes de honrar seu compromisso, Ajatashatru resolveu, conforme prometera a si mesmo caso sobrevivesse à viagem no bagageiro do avião, telefonar para Marie. Lamentou não dispor de um celular, como seu primo Raj Asdesh. A versão oficial era que um telepata não tinha necessidade disso; a versão oficiososa era que ele não tinha dinheiro suficiente; a verdadeira e inconfessável versão era que não tinha ninguém para quem telefonar. Então ele se contentava com o telefone fixo da mãe adotiva.

Ligou para a recepção do hotel e pediu que telefonassem para o número que a francesa escrevera na embalagem de chicletes.

Quando o telefone tocou, o coração do indiano começou a bater no peito ao ritmo de música techno. O que lhe diria? Ela ainda se lembraria dele? Tinha esperado seu telefonema?

Essas perguntas ficaram sem resposta, pois ninguém atendeu. Ao mesmo tempo desapontado e aliviado, desligou com uma expressão triste em seus olhos cor de Coca-Cola. Queria rever Marie. Agora tinha certeza disso. O que dera nele para recusar seus avanços? Não quisera se envolver para não prejudicar sua missão. Mas, afinal de contas, que missão? A de comprar uma cama de pregos que não lhe serviria para nada, agora que tinha se tornado um romancista? Somente para fazer estantes, depois de desmontada. Quinze mil pregos! Isso prometia várias horas de diversão! De qualquer forma, ele não tinha comprado a inútil cama de pregos. Melhor assim.

Como tinha sido estúpido! Voltou a pensar na mão de boneca de porcelana, quando ela havia sido posta delicadamente sobre a sua. Ele a rejeitara. Jamais tal oportunidade se apresentaria de novo.

Com passos lentos, ele foi buscar a antiga camisa, que deixara por precaução sobre o bidê antes de entrar na banheira, e sentou-se à mesa.

Apanhando uma caneta com o logotipo do hotel e uma grande

folha de papel, começou a copiar de forma meticulosa o que tinha escrito no compartimento de carga do avião. Às vezes tinha dificuldades para ler o que escrevera. Não havia sido fácil para ele escrever na escuridão. Como sua personagem cega, ele usara o dedo para guiar a ponta do lápis, a fim de não escrever no vazio. As letras eram minúsculas, e alguns caracteres tinham se apagado em determinados trechos, transformando seu romance num gigantesco texto cheio de buracos. Mas como era ele o autor, não foi difícil reencontrar as palavras que faltavam e inventar outras.

Perguntou-se o que acontecera com seu primeiro ouvinte, o cão no compartimento de bagagens. Tendo voltado a seu esconderijo quando o avião aterrissou, Ajatashatru, na verdade, jamais vira o focinho do companheiro de viagem. O animal estivera longe de perceber que assistia às últimas horas do faquir Ajatashatru e às primeiras horas de Ajatashatru, o escritor. Ele havia sido testemunha do maior espetáculo de transformação humana, da primeira fila, dentro de um bagageiro de avião.

O rajastani ergueu o olhar na direção da janela. Lá fora, o sol desaparecia atrás das árvores do parque. O tempo passara bem rápido. Largou a caneta e se levantou de imediato. Continuaría mais tarde. Não queria se atrasar para seu primeiro encontro romântico.

Gustave Palourde só precisou ver as roupas luxuosas no chão, ao lado da esteira, para entender que o homem que ele procurava tinha esvaziado o conteúdo de uma mala para se esconder em seu interior. Àquela hora, o hindu devia se encontrar em algum lugar da pista, pronto para embarcar no bagageiro de uma aeronave com destino à Itália.

O cigano poderia ter pedido ao outro cigano, Tom Cruise-Jésus Cortés blá-blá-blá, para conduzi-lo até o avião. Lá, ele inspecionaria os compartimentos de bagagem e, com seu canivete Opinel, perfuraria todas as malas que pudessem conter o corpo grande, seco e nodoso como uma árvore de seu inimigo declarado.

Mas não fez nada disso. Tinha uma ideia bem melhor.

Nem todos os compartimentos de bagagens eram pressurizados e aquecidos, dependia do modelo do avião. Havia, portanto, uma grande chance de que, durante o voo, o indiano se tornasse um bloco de gelo. O funcionário confirmou que, a 36 mil pés (ou seja, cerca de 11 quilômetros), a altitude de cruzeiro de um voo comercial, a temperatura chegava a 56,5 graus negativos. E, por uma questão de economia, nem todos os bagageiros eram aquecidos, o que explicava por que as malas aparecem frequentemente geladas ao serem recuperadas na esteira.

Se o porão não fosse pressurizado, haveria ainda menos com o que se preocupar. A cabeça do ladrão explodiria em mil pedaços dentro de seu turbante assim que o avião ganhasse altitude.

Mas Gustave era ainda assim um cara precavido. Na eventualidade de o ladrão sobreviver (já haviam encontrado congelados, mas vivos, clandestinos africanos e sul-americanos determinados, escondidos no trem de pouso de um avião), ele lhe prepararia uma bela recepção em Roma. Seu primo, Gino, cabeleireiro profissional, morava na capital italiana havia alguns anos.

Primeiro, era necessário saber para onde exatamente se dirigia a

mala dentro da qual o indiano tinha se refugiado, porque Roma era um lugar imenso. Por isso, julgou importante confiar a investigação a um aliado de valor, sua esposa. Na verdade, conforme ressaltara de forma brilhante o jovem funcionário cigano ao descobri-las, as roupas jogadas no chão pareciam pertencer a alguém rico, importante ou as duas coisas. Ora, a mulher de Gustave, leitora experiente e zelosa das revistas de celebridades, conhecia todas as pessoas ricas, importantes ou as duas coisas do planeta Terra. Em pouquíssimo tempo, ela os guiaria até a dona das roupas como o pêndulo do professor Girassol guiara Tintim às sete bolas de cristal.

O taxista conseguiu o que queria quando levou para Mercedes-Shayana, que estava sentada no terraço de um bar do aeroporto com a filha, algumas amostras do monte de roupas que haviam encontrado.

— Mãe de Deus! — exclamou ela, examinando um vestido preto com pedras de brilhante. — Mas é o vestido da Sophie Morceaux!

A mulher reconheceu o vestido de gala decotado que a célebre atriz tinha usado durante a esperada subida dos degraus do Festival de Cannes, em maio passado.

Ela tomou as medidas com o polegar e depois com ambas as mãos, então estendeu o tecido à frente como uma costureira profissional examinando sua última obra. O tamanho podia corresponder, com certeza. E depois que seu marido lhe explicou onde encontrara aquelas roupas fabulosas, ela o olhou com um ar seguro e satisfeito, anunciando que sim, havia grandes chances de que aquelas roupas pertencessem à atriz, e jurou isso pela filha, que naquele instante flertava com o jovem funcionário cigano.

— Essas roupas pertencem a Sophie Morceaux, juro pela vida da minha filha QUE ESTÁ FLERTANDO COM AQUELE FUNCIONÁRIO!

Com um assobio, a mulher fez um grande gesto com o braço, como se espantasse as moscas ou as mocinhas que flertavam na frente de suas mães.

— Muito bem, então — disse Gustave, acariciando as falanges cheias de anéis de ouro. — Agora, Tom Cruise-Jésus, é com você.

— O que foi? — perguntou distraidamente o espanhol, que acabara de ouvir seu nome.

Como trabalhava na aviação, não deveria ser muito complicado para o rapaz verificar se a atriz francesa constava na lista de passageiros do voo para Roma-Fiumicino. Se fosse o caso, também não

seria complicado para ele verificar o serviço de táxis de luxo que o agente da estrela lhe reservara no aeroporto de chegada. Descobriria então onde se hospedaria a atriz. E sua tarefa estaria concluída.

— Você entendeu direitinho? — perguntou Gustave, afastando a mão do belo cigano da de sua filha. — Se você me trouxer todas essas informações, será recompensado — acrescentou, fazendo com a cabeça um gesto na direção de Miranda-Jessica.

— Isso não vai ser difícil — respondeu o rapaz, alegre e entusiasmado.

— Muito bem, assim que souber um pouco mais, pode vir jantar conosco. Temos um pequeno apartamento em Barceloneta.

Dizendo isso, o cigano pegou o porta-copos da cerveja de sua mulher e anotou um endereço.

— *Hasta luego.*

As mulheres se levantaram e Gustave pegou seu *cooler*.

— Posso ficar com tudo isso, Gus? — perguntou Mercedes-Shayana, apontando para as roupas.

— Um presente para você, minha boneca — respondeu o taxista, já imaginando sua esposa na lingerie fina de Sophie Morceaux.

— Você é um amor, meu Gus. Vai ver só como vai ficar sua mulherzinha...

Ela enfiou um dos vestidos, uma espécie de toga romana cor-de-rosa, por cima do penhoar florido. Afinal, era da mesma cor que a calça e as sandálias. “Quanta elegância”, pensou ela.

Mercedes-Shayana já se via na praia, desfilando na areia seus novos vestidos.

Quanto à filha, Miranda-Jessica já pensava num meio de roubar da mãe os vestidos mais provocantes para enfeitiçar o belo funcionário espanhol. Rapidamente se esquecera de Kevin-Jésus.

Quanto ao marido, Gustave se imaginava perfurando o indiano como uma massa de torta que não deve inflar.

Tom Cruise-Jésus, por sua vez, dizia a si mesmo que era bom honrar seu primeiro nome naquela *Missão Impossível*, se quisesse “ganhar” a linda lourinha.

Sophie Morceaux não teve dificuldades em achar um vestido novo para aquela noite. Ela se apresentou ao compromisso no saguão do hotel num vestido cinza com uma discreta tiara ornamentada de brilhantes nos cabelos castanhos.

Ajatashatru, que logo se habituou ao luxo do grande palácio e que estava bem ocupado decifrando um jornal italiano, alçou seus olhos cor de Coca-Cola na direção da moça. Eles borbulhavam como refrigerante ao ser servido num copo.

— Você está resplandecente!

— Obrigada. Você não está nada mal também. Ficou mais moço sem o bigode. Por outro lado, devia ter lavado o turbante, ele está um pouco sujo.

— Eu nunca tiro o turbante, nem diante de uma dama — disse o indiano com ares de dândi inglês.

Mas ele pensou que deveria talvez lavá-lo antes de rever Marie um dia. Nunca se sabe; talvez as francesas pensem todas da mesma forma, e ele não queria causar má impressão àquela que fazia seu coração bater como uma trilha sonora de Bollywood.

Naquele instante, um europeu bem corpulento, embrulhado num terno folgado de linho branco que lhe dava uma aparência estranha, algo entre guru e enfermeiro, entrou no saguão e se dirigiu a Sophie Morceaux.

— Venha, Sophie, vamos nos atrasar — disse ele numa língua que o rajastani não conhecia, mas que identificou assim mesmo como sendo francês.

— Hervé, este é meu amigo Ajatashatru Ahvaka. Ajatashatru, *let me introduce you to Hervé, my manager*.

O indiano se inclinou para a frente e apertou a mão do recém-chegado. Uma pata enorme, úmida e molenga.

— *Abaixa o bumbum panaca?* — repetiu o francesão, perguntando-se que pais ignóbeis teriam dado um nome desse ao filho. — Prazer!

Em seguida, ele pegou no braço de sua protegida e a conduziu até a saída, sem dar muita atenção ao indiano.

— Ajatashatru vem conosco! — exclamou a atriz, ao perceber que o empresário não o incluía em seus planos.

— Sophie, é um compromisso importante. Nós precisamos conseguir o papel no próximo filme de Beccassini.

— Nós? Você certamente que dizer eu — corrigiu Sophie Morceaux.

Se os olhos dela fossem de laser, os quilos de gordura do empresário francês teriam derretido ali mesmo, mais rápido do que um regime do Vigilantes do Peso.

O hindu, cujo único conhecimento de francês se limitava a algumas palavras que se acostumara a ouvir na televisão indiana na época de Natal, ou seja, *eau de toilette pour l'homme*, *eau de toilette pour la femme* ou ainda *le nouveau parfum de Christian Dior*, não precisou recorrer a um dicionário para entender que ele era o centro da pequena discussão entre sua protetora e o empresário. Incomodado, ele os alcançou e disse em inglês:

— Não se preocupem comigo, vou ficar no hotel esta noite. Além disso, estou exausto. A viagem dentro da mala me deixou esgotado. Sem falar que eu nem dormi na noite passada.

Hervé, que falava um pouco da língua de Shakespeare, não entendeu direito a que se referia o homem quanto a uma viagem dentro da mala, certamente uma expressão inglesa, mas aquilo não lhe parecia nada de bom, sobretudo vindo de um cara chamado *A chata atura a vaca*. Ele se afastou com Sophie e lhe perguntou quem era o indiano e de onde ele tinha saído. À primeira pergunta, a atriz respondeu que seu amigo era rajastani, um escritor talentoso perseguido em seu país. À segunda, que ele saía de sua mala Louis Vuitton, mas era melhor deixar para lá, Hervé nunca iria entender.

O empresário precisou então se acostumar à ideia de que o novo amigo de Sophie os acompanharia. Era isso ou vê-la voltando para o quarto no hotel, deixando passar assim um contrato irresistível que lhe seria oferecido. Sua experiência o informava que era inútil insistir com estrelas caprichosas.

Dessa forma, por volta das oito e meia, o táxi os deixou diante de um imponente imóvel de pedras, as paredes cobertas por uma gigantesca trepadeira e por milhares de flores, onde estava escrito

num letreiro branco e vermelho *Il Gondoliere*. Um restaurante italiano, mas que restaurante não o era na Itália?

Hervé falou “*Émilie Jolie*” ao maître, que acenou a cabeça como se tratasse de uma senha secreta que só os iniciados conhecessem, levando-os em seguida até uma linda mesa no fundo da sala, num canto discreto.

Cinco minutos mais tarde, dois homens excêntricos chegaram ao local. Ajatashatru entendeu que um deles, o mais alto, chamava-se Mick Jagger-LeCoultre, uma espécie de roqueiro cheio de relógios nos pulsos. O outro, que parecia ser seu empresário, era um gordinho de mãos úmidas e frouxas chamado Steve. O indiano se alternava entre olhar para Hervé e para o recém-chegado, se perguntando se todos os empresários de celebridades eram fabricados na mesma fôrma.

— Sophie, é uma honra — disse o grande roqueiro, tomando a mão da atriz e beijando-a delicadamente.

Seus modos refinados não tinham nada a ver com a personagem. Jeans rasgados, piercings, cabelos tingidos de vermelho, casaco verde desbotado. Algo entre faquir e palhaço.

Quando ele se virou para o indiano, a francesa o apresentou como sendo um novo amigo.

— Magnífico — disse o diretor de cinema extravagante. — E como foi que se conheceram?

— Ora, eu o encontrei dentro da minha mala, simplesmente.

Todo mundo riu.

— Suponho que você não tenha nascido numa valise, Sr. *A pata acha tudo na saca...*

— Venho do Rajastão.

Um vento de admiração soprou sobre a mesa.

— Realmente interessante. E o que você faz na vida? — perguntou Mick Jagger-LeCoultre.

Ajatashatru sentiu vontade de pronunciar a palavra faquir, como de costume; porém, não era mais isso que ele fazia agora.

— Sou escritor.

— E Ajatashatru não é um escritor como os outros — acrescentou Sophie Morceaux. — Ele escreve seus romances em suas camisas.

— É mesmo? Bem original! — exclamou o diretor de cinema, que gostava de pessoas tão extravagantes quanto ele. — E suas camisas são publicadas?

O indiano sorriu.

— Para falar a verdade, estou só começando.

— Isso é formidável! Façamos um brinde a esta carreira que se inicia diante dos nossos olhos.

Todos ergueram suas taças de champanhe. Ajatashatru, seu copo d'água.

— E você tem um editor?

— Ahn... Não.

— Talvez possamos dar um jeito nisso, não é mesmo Hervé? — propôs Sophie, piscando os olhos para seduzir seu empresário.

Inicialmente reticente à ideia, o homem refletiu um instante para enfim concordar, como sempre, com os pedidos de sua protegida.

— Tudo bem, tudo bem. Eu conheço alguém da Editora Balbúrdia. Me dê seu manuscrito amanhã de manhã e eu o entregarei a ele.

— Ótimo! — exclamou Sophie, dando um pulo na cadeira, como uma garotinha que acaba de conseguir o que quer.

O restante do jantar correu sem nenhum acontecimento notável, além da assinatura do importante contrato. Profiteroles de chocolate para uns, tiramisù para outros, mais champanhe, mais água para o escritor recém-descoberto. Enfim, foi assim que Ajatashatru Ahvaka Singh, conhecido como A Vaca pelo mais comum dos mortais, faquir convertido em escritor, deu o primeiro passo no mundo das celebridades, testemunhando a assinatura de um dos maiores contratos cinematográficos da história. E como não é possível se recuperar — e é sempre difícil apagar em poucos segundos uma vida passada a fazer truques de mágica —, entre a sobremesa e o café, o indiano não resistiu à tentação de entortar uma colher com um simples olhar e enfiar um palito no próprio olho, sob olhares assustados e fascinados dos convivas.

Aninhado nos suntuosos lençóis de puro linho, Ajatashatru chorava feito criança. Pronto, lá estava a depressão que ele tanto temia. Tinha mesmo que acabar explodindo um dia ou outro. Havia se envolvido numa viagem cujo fim ele ignorava, longe de sua terra e dos seus e, como se isso não fosse o bastante, um assassino rancoroso estava na sua cola e ressurgia a cada vez que a situação começava a tomar um bom curso.

Tudo isso era pressão demais para um só faquir.

Ergueu os olhos para o teto. Um feixe de luz penetrava por sobre a cortina, iluminando a parede da frente, sobre a qual pendia um quadro de Jesús Capilla com moldura dourada. Representava uma paisagem rural. Dois camponeses vestidos como no século passado pareciam repousar diante de um fardo de feno.

O indiano desejou sentir a tranquilidade dos dois velhos. A companhia deles era apaziguante. Apesar do anacronismo, teria apreciado ficar ao lado deles, imóvel e silencioso. Olhar aquele fardo de feno durante toda a vida e ignorar para sempre aquela dor em suas entranhas. Sabia que o cigano nunca iria procurá-lo ali, naquele campo. E, se por infelicidade isso acontecesse, seu amigo camponês o defenderia com sua enorme foice.

Ajatashatru enxugou os olhos com uma ponta do lençol. Alguns minutos depois, aquietado pela pintura, pelos soluços e pelo cansaço, se deixou naufragar lentamente nos braços de Shiva.

Na manhã seguinte, Ajatashatru acordou com um sobressalto por volta das nove e meia, emergindo suado de um pesadelo no qual seu primo Raj Aadesh, transformado em tomate-cereja, era assado, empalado numa vara sobre uma fogueira. Em torno dele, alegres ciganos tocavam violão e dançavam. Raj Aadesh berrava de dor e ninguém se inquietava. Apenas Ajatashatru parecia perceber o sofrimento do primo, mas, estando ele também empalado na mesma vara, transformado em uma vaca (sagrada), não podia fazer muita coisa por ele.

O indiano esfregou os olhos. Louvou Buda por se encontrar num luxuoso quarto de hotel na Itália e não numa salada de tomates pronta para ser engolida por ciganos famintos. Ele se lembrou então de que deveria ter chegado a Nova Delhi na véspera e de que nem tinha avisado nada a Raj Aadesh. O primo talvez ainda estivesse esperando-o no aeroporto, furioso e preocupado. Quando voltasse ao seu país, acabaria sem dúvida na ponta daquela vara untada de azeite com alho que imaginara no sonho, e então seriam os indianos que dançariam em volta do fogo. E aquela ideia não seduzia o escritor, por mais que um dia tivesse sido faquir.

Ajatashatru ligou então para a recepção e pediu que entrassem em contato com o telefone fixo de Sihringh, o único número que conhecia. Como seu primo trocava diversas vezes de celular, o indiano nunca sentira necessidade de decorar os números.

Depois de tocar algumas vezes, a voz de uma senhora idosa soou em seu ouvido. Ela se debulhou em lágrimas quando compreendeu que se tratava de seu pequeno Aja. Já andava tão preocupada. Mas o que havia acontecido?

— Ontem, seu... primo ficou esperando... a noite toda — balbuciou ela, imersa em lágrimas. — Fez tudo que era possível para saber o que tinha acontecido. No aeroporto, eles consultaram a lista de passageiros do seu voo... e falaram que você não tinha embarcado. Por que... por

que você ficou em Paris, meu filho? Você está bem?

Ela sempre falava com Ajatashatru como se ele fosse um garotinho, como se para exorcizar o fato de nunca ter tido filhos.

— Não estou em Paris, Sihringh querida. Estou em Roma.

— Em Roma? — exclamou a velha senhora, parando bruscamente de chorar.

— É uma longa história. Diga a Raj Aadesh que estou bem, que me tornei um homem honesto, um escritor. Volto em breve.

Estas últimas palavras desarmaram a velha indiana. Um homem honesto, um escritor? Do que ele estava falando? Ajatashatru sempre foi um rapaz honesto, até onde ela sabia. Além disso, era dotado de poderes sobrenaturais que o tornaram, desde criança, ainda mais especial. Por instantes, ela acreditou que ele tivesse perdido seu dom, o que explicaria essa repentina e incoerente conversão. Escritor? E por que não dançarino de foxtrote ou jóquei?

— Não se preocupe — repetiu o indiano, ignorando que bastava pronunciar essa frase para inquietar ainda mais a senhora.

Em seguida, após algumas palavras de consolo, ele desligou. Sem soltar o fone, discou novamente para a recepção do hotel e pediu que ligassem outra vez para o número na França que ele tentara em vão na véspera. Ao fim de alguns segundos, a voz maravilhosa de Marie soou em seu ouvido.

— Ajatashatru? É você mesmo?

— Sim, sou eu.

Houve um silêncio no outro lado da linha que durou alguns instantes. Então ela se lembrava dele.

— Você ainda está em Paris?

— Não, estou em Roma.

A resposta pareceu surpreender a moça. Para ela, só havia dois lugares onde o rajastani poderia se encontrar naquele momento: Paris ou *Quiche e iogurte*, sua aldeia na Índia.

— Em Roma?

— Imperativos profissionais — arriscou Ajatashatru, como se tivesse pronunciado essa frase a vida toda. — Eu liguei para dizer que...

Como um adolescente no seu primeiro telefonema para uma garota, ele hesitou. O ritmo das batidas do seu coração passou do rap para o techno e, finalmente, se estabilizou em Vivaldi.

— Eu gostaria muito de ir a Paris para ver você de novo.

A flecha do Cupido veio se alojar bem no meio do coração de Marie. O homem pronunciara cada palavra com uma ternura que fez os olhos dela brilharem. Enrubescou, aliviada por isso não ser percebido num telefonema. Repentinamente, ela havia rejuvenescido. “Para me ver”, pensou. Talvez fosse idiota, mas ninguém lhe dizia algo tão meigo, tão gentil já há um bom tempo. Os rapazes que encontrava quando saía à noite nunca queriam um segundo encontro. E, depois, eles não eram assim tão meigos e gentis. Eram bichos soltos que só a desejavam para aplacar os impulsos de seus hormônios juvenis.

— Eu gostei da nossa conversa, nossas risadas, seus olhos — resumiu o indiano, de maneira delicada. — Vou acabar as coisas que tenho que fazer em Roma e volto. Até breve — concluiu ele, constrangido.

Marie acabara de compreender que era possível se apaixonar aos 40 anos por um estranho que ela conhecera na cafeteria de uma loja Ikea. Talvez não fosse muito sensato, mas como era gostoso! A prova de que nem tudo estava perdido. Um comprimido de Ajatashatru equivalia a todos os antidepressivos do mundo. Ela repôs o fone no lugar, devorada pelas flamas de um fogo enfurecido.

Ajatashatru desligou o telefone.

Ele se deu conta de que, ao ligar para a recepção alguns minutos antes para que completassem a chamada para a França, não fazia a menor ideia do que iria dizer a Marie. Que estava bem, que pensava nela. O que mais? Ele apenas cumpria a promessa que fizera a si mesmo dentro do bagageiro do avião: telefonar para ela, caso sobrevivesse. Só isso. Ele não estava muito habituado a conversas telefônicas, ainda menos com mulheres.

Mas seu coração falara por ele. “Vou terminar as coisas que tenho que fazer em Roma e volto”, ele se ouviu dizer. “Eu volto? Para Paris? Quando e, sobretudo, como?” Não fazia a menor ideia. Mais palavras ao vento! Mentiras!

Como ir para Paris? Ele tinha cada uma... “Vou terminar as coisas que tenho que fazer em Roma e volto”, dissera, da maneira mais natural do mundo, como se tivesse dinheiro para se permitir tal tipo de luxo. Projetos de ricos para alguém que não tinha sequer uma rupia indiana no bolso. Só um belo terno bege de marca.

Viu-se sentado atrás de um saco de batatas, naqueles belos trajes, o medo moendo suas tripas cada vez que o caminhão desacelerava. Devia haver algum outro jeito.

Deixa pra lá. Pensaria nisso mais tarde.

Ele varreu aqueles pensamentos da mente, deitou-se na cama e colocou num canal de esportes.

Marie, por sua vez, pôs o fone no gancho, conforme já foi dito, devorada pelas flamas de um fogo enfurecido, frase que não quer dizer muita coisa, mas possui uma força literária metafórica das mais eficazes, assim como uma aliteração de “f” nada desprezível.

Encarou a parede por alguns instantes sem dizer nada.

— Está tudo bem, Marie?

Ela se virou na direção do belo adônis de 25 anos que encontrara

algumas horas antes diante de uma prateleira de iogurtes no supermercado do bairro. Ele estava estendido sobre a cama, um cigarro entre os lábios, as sobrancelhas franzidas, concentrado em sua interpretação de James Dean depois do amor.

— Vá embora, Franck.

— Benjamin — corrigiu o rapaz.

— Vá embora, Benjamin.

Ele devia estar acostumado a ser expulso das camas de suas conquistas femininas, pois se levantou e se vestiu sem reclamar, o cigarro entre os lábios e as sobrancelhas ainda franzidas.

Quando enfim se encontrou sozinha, Marie retirou os lençóis da cama e os atirou no cesto de roupa suja. Às vezes, sentia nojo. Como tivera uma recaída? A solidão, sem dúvida, a vontade de agradecer. Mas esses rapazes que ela consumia de vez em quando não chegavam aos calcanhares de Aja. Ele, sim, é um homem de verdade. Um selvagem com os lábios perfurados. Bigodudo, olhar de Coca-Cola e pele parda. Diante dele, eu me sinto como uma garotinha. Nunca me senti tão protegida quanto na cantina da Ikea. Talvez esteja me agarrando num galho podre. Tudo isso talvez não passe de uma ilusão, uma quimera. Mas, por que não, se tenho vontade de acreditar? Ele é diferente. Talvez nós dois tenhamos mais pontos em comum do que as aparências pretendem nos fazer crer.

Deixou pra lá. Pensaria nisso mais tarde.

Ela varreu aqueles pensamentos da mente, deitou-se sobre o colchão e colocou num canal de esportes.

Ao meio-dia, Ajatashatru desceu à recepção. Ao voltar do restaurante na noite anterior, ele subiu para seu quarto e concluiu a cópia de seu manuscrito para entregá-lo a Hervé em seguida. Naquele momento, o francês já devia tê-lo feito chegar ao editor, que passava uma semana em Roma.

Sophie Morceaux o aguardava, lendo um livro francês cujo título Ajatashatru não compreendia, visto que não continha as palavras *eau de toilette, homme, femme, nouveau parfum, Christian Dior*, mas nele se lia algo como *Os coelhos uivam lugubrementemente na estrada nas manhãs de inverno*, de uma tal Angélique Dutoit Delamaison. Pressentindo sua presença, a atriz ergueu os olhos e enfiou um lindo marcador de páginas de papel-cartão vermelho no ponto em que interrompera sua leitura.

— Mudança de programa, Aja. Almoçaremos um pouco mais tarde. O representante da Editora Balbúrdia quer falar com você.

— Quando?

— Agora mesmo — respondeu a atriz, apontando seu dedo delicado na direção do bar.

Hervé saboreava um coquetel com outro homem.

— Você me contará tudo depois — acrescentou ela com um largo sorriso.

Constrangido, o escritor percorreu os poucos metros que o separavam dos dois homens. Por que o editor queria vê-lo tão cedo? Já teria tido tempo de ler seu manuscrito?

— Aí está o grande *Acha que está cru!* — anunciou Hervé, se levantando.

— *Haja pasta de atum?* — inquiriu o outro homem, estendendo uma mão firme. — Que nome bonito!

— Eu me chamo Ajatashatru, mas podem me chamar de Marcel, se for complicado demais.

— Eu me chamo Gérard François, um típico nome francês —

prosseguiu o editor num inglês perfeito. — Nada original perto do seu... Muito bem, eu li seu romance, enfim, seu conto, pois era bastante curto. Ao que parece, você o escreveu em uma camisa. Devia ter continuado sobre a calça... Seja como for, eu gostei muito.

Os três homens sentaram-se. Gérard François não se parecia com nenhum dos empresários que Ajatashatru tinha visto até então. Na verdade, ele era o oposto. Em primeiro lugar, não era gordo nem tinha as mãos úmidas. Era um homem alto e de porte atlético, com lindos olhos azuis iluminando seu rosto harmonioso e bronzeado de instrutor de esqui. Vestia um elegante terno de grife com gravata, apesar do calor. Físico de professor de esqui e nome de cantor popular francês, duas coisas que combinavam perfeitamente.

— Só uma coisa, porém, me incomoda: o final. Mude o final — acrescentou, num tom de quem está acostumado a dar ordens e se fazer respeitar. — Pois eu já conheço essa história, mas ela se passa num hospital.

“Os bonitos são mais facilmente respeitados do que os feios”, pensou o indiano. “Eles exercem uma espécie de atração natural. Suscitam a admiração e a inveja nos outros homens. Um tipo de manipulação, de hipnose, sem truque. Nós os ouvimos porque, ao lado deles, nos sentimos patéticos.”

— É engraçado — completou Hervé, que não resistira à tentação de ler o manuscrito antes de entregá-lo ao editor —, porque também conheço a mesma história, mas passada dentro de um monastério.

— Situar a ação dentro de uma prisão do Sri Lanka é, portanto, algo inédito, concordo, mas mude o final, por favor. A partir da terceira página da história já é de esperar que a janela dê para uma parede. E, considerando que ela só tem quatro páginas... Não sobra muito espaço para o suspense!

Ajatashatru acabava de perceber que essa história, que nascera dentro de seu cérebro, havia germinado no cérebro de outros antes dele. Sentiu o mesmo que o inventor do fio para cortar manteiga ao encontrar o fio de cortar argila, inventado centena de milhares de anos antes dele.

— Descubra outro fim teatral para sua prosa — propôs gentilmente Hervé, chateado com o ar desnorteado do escritor iniciante. — Eu sei lá... por exemplo, descobrimos que o cego, finalmente, não é cego. Ou que ele não se encontra dentro de uma prisão, que sonhou com tudo

aquilo.

— Desse jeito, está demasiadamente previsível, é comum demais. É necessário um final que ninguém espere. Mas tenho certeza de que nosso escritor achará uma excelente ideia. Não é mesmo *Acha a tacha azul*? Afinal de contas, você não é apadrinhado por qualquer uma... Ah, Sophie, Sophie... Bom, vamos ao que interessa, talvez isso lhe traga alguma inspiração.

Dizendo isso, tirou algumas folhas de papel.

— Vamos assinar um contrato hoje e você receberá um adiantamento para poder trabalhar dentro de condições melhores. Faça-nos sonhar. *Abaixa o baú*. Pronunciei corretamente seu nome?

— Um adiantamento? — indagou Ajatashatru, que não se importava nem um pouco com a maneira que o homem pronunciava seu nome; muito mal, aliás.

— Claro, dinheiro para cobrir suas despesas enquanto escreve, um adiantamento sobre as vendas — explicou o bonitão. — Você tem conta bancária?

— Err... não.

— Foi o que eu pensei. Por isso tomei a liberdade de me precaver.

Como um mágico, ele fez surgir uma pequena mala preta que estava sob a mesa.

— Pois bem, vamos combinar um valor: 50 mil euros estão ok? — disse o homem, confiante, com um sorriso de satisfação, enquanto batia os dedos finos e bronzeados na maleta preta.

— Cinquenta mil euros — repetiu Ajatashatru, hesitante.

O sorriso confiante desapareceu.

— O quê? Você acha que é pouco? Pois bem, então, 70 mil euros.

O indiano ficou calado.

— Você é implacável nos negócios, Sr. *Aja, chato nu*, 90 mil euros?

Mais uma vez, o aspirante a escritor não reagiu.

— Ora, ora, meu camaradinha, você está pensando que é Marc Levy?

O rosto do antigo faquir se iluminou.

— *Marc Levita* é um mágico?

— Isso, um mágico que transforma páginas em ouro. Bom, vamos lá, 100 mil euros, nada além disso.

— Ok — disse Ajatashatru, impassível.

Um sorriso vitorioso se desenhcou no rosto bronzeado do editor.

— Não precisa esconder a satisfação! Cem mil euros de adiantamento para um escritor iniciante... Um pequeno gênio, sim, que escreve em camisas, mas, ainda assim, um escritor iniciante, é uma boa quantia. Enfim, eu sabia que você não recusaria 100 mil. É por isso que você vai encontrar esse valor, nem um euro a mais ou a menos, dentro desta maleta que preparei com esse propósito.

Na realidade, aquele joguinho poderia durar um bom tempo, pois nosso faquir arrependido não fazia a menor ideia do que representava tal soma em euros, daí a ausência de reação.

Depois de um momento, ele pareceu reagir, e um grande sorriso surgiu em seu semblante. Era certamente suficiente para comprar uma passagem de avião para Paris. E, se sobrasse um pouco de dinheiro, um buquê de flores para Marie.

O homem lhe entregou o contrato. Ainda que estivesse redigido em inglês, Ajatashatru o assinou sem ler, já se imaginando ao desembarcar na casa da francesa, um buquê de flores na mão. Surpresa!

— Fico contente que vocês tenham chegado a um acordo — disse Hervé. — *Acha o ovo cru*, agora você só precisa trabalhar no final do livro. Quanto ao dinheiro, isso representa um bocado de cédulas. Não abra a maleta aqui, deixe para fazê-lo em seu quarto, sozinho. As ruas e os hotéis de Roma não são lugares seguros. É preciso colocar todo esse dinheiro no banco. Cuidaremos disso hoje à tarde, se você não se incomodar.

Os dois homens se levantaram e saíram. Assim que ficou sozinho, o indiano se levantou também, com a maleta na mão, e se dirigiu discretamente à recepção. Atrás do balcão, um letreiro luminoso informava em tempo real a cotação de todas as moedas do mundo. Naquela manhã, um euro valia exatamente 67.828 rupias indianas.

O cálculo foi rápido.

— São 6.782.800 rupias! — sussurrou Ajatashatru em sua língua, sem acreditar nos próprios olhos. A vaca (sagrada) saiu do brejo!

Com essa quantia, poderia não apenas comprar uma passagem de avião Roma-Paris e um grande buquê de flores, mas o avião, a tripulação e a floricultura inteira. Contra o peito, havia muito mais dinheiro do que seria capaz de ganhar em dez reencarnações.

Apertou firme a maleta e correu até o elevador, passando sem se dar conta do olhar espantado da bela Sophie, que o aguardava para

almoçar.

Já fazia alguns minutos que Ajatashatru Ahvaka Singh andava de um lado para o outro em seu quarto, como um cachorro inquieto. Mas sua inquietação era encontrar um lugar para esconder aquela soma em dinheiro. Por ter sido ladrão, sabia que nenhum lugar no mundo era realmente inviolável, muito menos um quarto de hotel italiano, e que bastariam cinco minutos para um eventual larápio achar a maleta cheia de dinheiro e se mandar com ela.

Resolveu então que o mais sábio a fazer era não deixá-la por um instante sequer, e que era presa ao seu pulso que ela ficaria mais segura.

Ao entrar, ele tinha dado uma rápida olhada dentro da maleta, só para ver se era verdade, se não tinha sido trapaceado, se não haviam mentido para ele. Mas não. Ela estava transbordando de maços de belas cédulas roxas. Verdadeiras notas de 500 euros, impressas dos dois lados, sim senhor!

— Bom, e agora, o que vou fazer? — indagou. Não seria possível carregar a maleta para todos os cantos! Sophie o esperava para almoçar.

Por precaução, talvez fosse melhor que ela subisse e eles almoçassem em seu quarto. Com certeza, seria mais seguro.

Pegou o telefone, ligou para a recepção e pediu ao funcionário para dizer à moça que lia no saguão de entrada que ela devia subir até o quarto 605.

Dez segundo depois, bateram na porta.

Que rapidez!

— Barbeiro! Hairdresser! — gritou uma voz anasalada do outro lado da porta.

A menos que tivesse se resfriado de repente e se transformado em barbeiro enquanto isso, não parecia se tratar da bela atriz.

— Sorry?

Ajatashatru não conhecia os costumes locais, mas achou estranho

que um hotel, ainda que daquela categoria, interpelasse os hóspedes aos berros nos corredores para lhes propor os serviços de um barbeiro. E, além disso, tudo começa a ficar estranho e suspeito quando se tem na mão uma maleta com 100 mil euros.

— Não estou interessado.

— Mas o senhor precisa pelo menos assinar a notificação que confirma que eu passei por aqui.

Uma notificação? Aquilo parecia coisa séria. Não havia por que temer tanto assim um barbeiro, no fim das contas.

— Onde eu tenho que assinar? — perguntou o indiano, de forma crédula, abrindo a porta.

— Onde você tem que sangrar? — corrigiu o homem de tez morena.

Ao dizer isso, o desconhecido bloqueou a porta com o pé e sacou um canivete do bolso da calça barata, de pregas. Os barbeiros não são mais como antigamente.

— Lamento, eu não faço mais isso — disse com ironia o ex-faquir, mostrando os antebraços cobertos de cicatrizes.

Mas a desculpa não lhe trouxe vantagens.

— Tenho um recado de Gustave — emendou o homem num inglês carregado de sotaque italiano.

Seu rosto, seu físico singular e a maneira de se vestir lembravam-lhe o taxista francês.

— Isso é um engano. Não conheço nenhum Gustave. Meu nome é Ahvaka.

O italiano não gostou muito da réplica e se precipitou para a frente com a faca na mão. Num salto, Ajatashatru recuou, o que lhe permitiu esquivar-se do golpe, mas permitiu também que o intruso invadisse o quarto. Lembrando-se de sua última alteração em Barcelona, e mais particularmente da pancada com o *cooler* que recebeu bem na cara, o indiano resolveu fazer o mesmo e meteu a maleta que carregava na mão no nariz do italiano. Uma espécie de revanche. A cabeçorra do homem se estatelou nas portas do armário do vestíbulo.

O caminho estava livre. Mas só por alguns segundos, o tempo de o cigano se recuperar do golpe. Ajatashatru aproveitou então para dar o fora. Lançou-se pela escada de emergência, saltando os degraus, como se estivesse sendo perseguido por um cara que quisesse transformá-lo numa peneira indiana, o que era um pouco o caso.

Em seguida, chegou ao saguão do hotel, à altura da recepção, ignorou a cotação atual da rupia indiana e correu para a saída, passando mais uma vez, sem se dar conta, pelo olhar estupefato da bela Sophie, que ainda o aguardava para o almoço.

Ao mesmo tempo, Sophie Morceaux observava, atônita, Ajatashatru fugindo a toda a velocidade do hotel carregando uma mala. Como Hervé acabara de lhe informar a boa notícia sobre os 100 mil euros de adiantamento, ela supôs que seu novo amigo se safava como um safado. E aquilo a acertou como uma bofetada. Seu conceito de amizade e de confiança sofrera um golpe duro. Como ele podia fazer isso com ela? Ela o acolhera, lhe oferecera um quarto, um lindo terno, seu afeto e seu tempo. Encontrara um editor para ele num piscar de olhos.

Sophie suspirou. Afinal de contas, esse homem não passava de um clandestino, um ladrãozinho que vivia de pequenos golpes. Mas o que ela esperava? Não adiantava enxotar a natureza, ela voltava a galope como uma vaca sagrada. Sentia-se traída, jogada no lixo como um lenço usado, e prometeu a si mesma ficar vigilante quando o próximo indiano saísse de sua mala Louis Vuitton. Estava acabado. Furiosa, atirou ao chão seu exemplar de *Os coelhos uivam lugubrememente na estrada nas manhãs de inverno*, de Angélique Dutoit Delamaison, e foi se trancar no quarto.

Ao mesmo tempo, Gérard François se esgueirava em sua moto pelo trânsito assustador de Roma. Sobre o bagageiro encontrava-se o contrato assinado por aquele escritor insólito. Já antevia o best seller nas estantes das maiores livrarias, traduzido em 32 idiomas, entre os quais o ayapaneco, antigo dialeto mexicano que só era utilizado por duas pessoas no mundo, que não sabiam ler.

Ao mesmo tempo, Ajatashatru corria na direção do parque que tinha visto pela janela de seu quarto. Era a primeira vez que ele corria tão rápido. E também a primeira vez com uma mala com 100 mil euros.

Ao mesmo tempo, Hervé subiu para seu quarto e bebeu o último gole de uísque da minúscula garrafa que acabara de retirar do frigobar. Bebia para esquecer, mas em vão. Voltou a pensar nas mãos

de Gérard François, sua pele bronzeada, seus lábios carnudos e úmidos. Por que seus amigos mais lindos eram todos heterossexuais, lindos e, sobretudo, amigos?

Ao mesmo tempo, Gino desceu correndo as escadas do hotel com o canivete na mão e um pouco tonto, perseguindo aquele indiano que tinha roubado e ridicularizado seu primo e estava a ponto de repetir o feito, dessa vez com ele.

Ao mesmo tempo, Ajatashatru ainda corria.

Ao mesmo tempo, o comandante Aden Fik (quem é esse?), no timão de seu navio cargueiro com bandeira líbia, percorria a costa italiana à altura de Lido di Ostia, feliz em voltar para casa depois de três meses no mar.

Ao mesmo tempo, Gustave Palourde conversava diante de um bom frango ao alho, *un pollastre a l'ast*, com o pai do jovem carregador espanhol sobre o casamento que uniria seus respectivos filhos e, consequentemente, suas famílias.

Ao mesmo tempo, Miranda-Jessica, em breve Sra. Miranda-Jessica Tom Cruise-Jésus Palourde Cortés Santamaría, colocou no prato sua coxa de frango e lambeu os dedos avidamente ao encarar o futuro marido, sentado à sua frente.

Ao mesmo tempo, Mercedes-Shayana Palourde derramava algumas lágrimas e resolvia ceder à filha as lingerie chiques de Sophie Morceaux para a lua de mel.

Ao mesmo tempo, Tom Cruise-Jésus Cortés Santamaría estava absorto na contemplação de sua futura esposa, que lambia sensualmente os dedos, comendo uma coxa de frango. Se fosse hindu, ele saberia de imediato na pele de que animal desejaria reencarnar.

Ao mesmo tempo, Ajatashatru continuava correndo.

Em sânscrito, Ajatashatru significava *Aquele cujo inimigo não nasceu*. Mas agora o indiano começava a contradizer seu nome e a acumular inimigos.

Quando ergueu o olhar do caminho acidentado que havia tomado ao entrar no parque da Villa Borghese, o indiano percebeu que se encontrava bem no meio de uma pequena clareira circular.

Olhou à esquerda, depois à direita. Exposto assim, seria um alvo fácil. Mas sua correria ainda não havia terminado. A alguns metros dali, aproveitando a área desbastada, os italianos haviam instalado um grande balão azul, enfeitado com motivos clássicos dourados. Alguns metros abaixo, preso por cordas finas, como um cordão de ouro, um cesto atracado ao solo oscilava um pouco ao vento. Na verdade, era a primeira vez que Ajatashatru via um desses de verdade. Certa vez, vira um no filme *Cinco semanas num balão*, baseado no livro homônimo de Júlio Verne.

Ilhado a dezenas de metros do chão, o balão oferecia aos turistas uma visão aérea panorâmica da capital romana pela módica soma de 5 euros.

Por sorte, o cesto ainda estava no solo e alguns turistas aguardavam para embarcar. Não havia ninguém no interior, o piloto se ocupava com a venda dos bilhetes.

Ajatashatru se virou. O cigano se aproximava correndo. Guardara o canivete para não levantar suspeitas, mas o indiano tinha certeza de que, assim que estivesse ao seu alcance, não perderia tempo em perfurá-lo como um boneco de vodu na frente de todo mundo. Essa perspectiva teria agradado a nosso ex-faquir se estivesse fazendo uma de suas apresentações manipuladas, mas sem uma faca de lâmina retrátil e alguns cúmplices, a cena estranhamente o fazia perder o interesse.

Sem desperdiçar tempo, o rajastani saltou no cesto metálico.

O piloto o viu e gritou:

— Ei!

Os turistas o viram e exclamaram:

— Oh!

Gino o viu e gritou:

— Ah!

Ajatashatru tinha razão. Com ou sem testemunhas, o cigano italiano sacou o canivete do bolso e apontou-o para ele, pronto para a estocada final. Apenas uma grade separava a ponta da arma da barriga do indiano. Ofegante, fechou os olhos e inclinou o tronco para a frente, as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego. “A viagem termina aqui”, pensou. Sua última visão foi a do quadro que decorava a parede de seu quarto no hotel. Sonhava apenas com a paz e a tranquilidade, e se surpreendeu querendo reencarnar na próxima vida como um fardo de feno em um campo sossegado.

Quando Ajatashatru abriu os olhos, percebeu que ainda estava vivo e que não havia virado um fardo de feno. Tinha fechado as pálpebras no instante em que o homem desferira um golpe, a lâmina contra sua barriga. Mas, instintivamente, o hindu se lançara para trás, tropeçando num obstáculo e caindo de costas sobre o metal frio do cesto.

Permaneceu alguns segundos nessa posição, achando-a muito mais confortável do que em pé, diante de um assassino prestes a acabar com ele por causa de míseros 100 euros e, talvez, a roubar uma maleta contendo 100 mil. Era a segunda vez em dois dias que se fazia de morto. Isso começava a se tornar um hábito, uma verdadeira tática de guerra.

Dessa forma, depois de vários minutos sem que o cigano, o piloto ou os turistas embarcassem no cesto, Ajatashatru se levantou e ficou sentado e imóvel. Percebeu que a coisa na qual troçegara era um grande *cooler* e que havia muitos outros obstáculos aos seus pés, como uma maçaneta que abria um alçapão no fundo do cesto e botijões amarelos que certamente continham a reserva de gás.

O indiano se ajoelhou devagar e arriscou uma olhada através das grades. O assassino de aluguel desaparecera, assim como o piloto e os turistas. Tudo havia sumido, as árvores que circundavam a clareira do parque, até mesmo o parque, as casas, o hotel, Roma, a Terra. Tudo. Em torno do cesto se estendia a perder de vista um papel de parede em tom pastel decorado de pequeninas manchas brancas. O céu.

O balão se libertara de suas amarras, e, pela primeira vez livre em sua longa carreira no turismo, lançou-se no ar, abandonando para sempre a terra firme, onde pastavam as vacas (sagradas).

O escritor se debruçou um pouco. Embaixo, estava pendurada a corda que, minutos antes, prendia o balão ao solo. Alguém se divertira cortando-a com uma faca. O indiano não estava morto, mas seria mesmo melhor encontrar-se abandonado no céu infinito a bordo de um equipamento diabólico cujo funcionamento ele ignorava? Não

seria apenas um adiamento para uma morte inevitável e bem mais cruel que ser perfurado por dezenas de facadas em terra firme?

O taxista parisiense não era suficientemente humano para desejar a morte rápida de seu inimigo. Sem dúvidas ele tinha encarregado seu cúmplice de lhe dar uma morte lenta, plena de sofrimento. E este, ao ver o balão, descobriu a mais perversa das torturas.

Ajatashatru não sentia vertigem ou enjoo no ar, felizmente. Mas ver desfilerem os tetos das casas pequeninas como uma maquete e turistas do tamanho de formigas de sandálias bastava para desesperar o mais zen dos budistas.

Se não houvesse vento, o balão teria ficado parado acima da clareira do parque da Villa Borghese. Em vez disso, levado pelo sopro de Éolo, vagava lenta mas certamente rumo a um destino desconhecido. Agora, estava a uma altura de 150 metros, e desse patamar era possível ver os limites da cidade, os campos ao redor de Roma e reflexos prateados mais longe. Era na direção desses reflexos cintilantes que seguia o balão, a cerca de 15 quilômetros por hora. E, logo, Roma não passava de uma lembrança, um ponto minúsculo no horizonte. “Mais uma cidade que não visitarei”, pensou Ajatashatru.

Acima do indiano, abria-se o interior do globo de seda como a boca escancarada de um polvo gigante. Ele vira, em *Cinco semanas num balão*, que era necessário manejar uma chave a fim de lançar chamas, ou gás, para o interior do balão. Era o princípio do ar quente que se eleva sobre o ar frio e leva consigo o balão em seu trajeto. Então ele procurou a chave, encontrou-a e acionou-a. Tal qual um dragão colérico, uma chama gigantesca escapou do reservatório de combustível, antes de desaparecer dentro das trevas daquela garganta profunda.

Como há dois séculos, o balão atual não se dirige. Ele vaga conforme os ventos. Portanto, o aeronauta sabia de onde decolava, mas nunca onde aterrissaria. Aí se achava todo o charme de viajar num balão.

Ainda que a duração média dos voos fosse de cerca de sessenta minutos, a autonomia do equipamento, que variava segundo a quantidade de gás embarcada, era tecnicamente de duas, três ou mesmo de várias horas. Considerando que em uma hora um balão percorre em média de 10 a 20 quilômetros, Ajatashatru não precisou de mais de duas horas para alcançar o Mediterrâneo, no momento

exato em que, é claro, a reserva de gás decidiu se esgotar e lançar o aeróstato numa queda inevitável em direção às águas azuis do mar.

Então, ali terminava sua viagem. Tudo isso para nada.

Aquela linda superfície azulada, de aparência inocente, era sua linha de chegada. Mas o lindo azul logo passaria ao vermelho-puma e depois ao vermelho-sangue. Havia, então, algo mais terrível ainda do que a síndrome do caminhão que desacelera e para: a do balão que desacelera e cai dentro d'água.

Tentando se recompor, procurou um colete salva-vidas, mas não o encontrou, pois o balão, a princípio, destinava-se apenas a subir e descer de um ponto fixo em Roma. No *cooler* no qual tropeçara, encontrou latinhas de refrigerante, inúteis nas atuais circunstâncias. Ele tentou o alçapão, mas quase desmaiou ao notar que se abria para o vazio. Fechou-o logo em seguida e aguardou, resignado.

Esperou que o cesto pousasse lentamente sobre a água e começasse a afundar. Ao seu redor, estendia-se a imensidão do mar. Em alguns minutos, estaria numa caixa metálica submersa. Em alguns minutos, estaria morto. Ajatashatru Ahvaka Singh desapareceria da superfície da Terra. Seu último truque de desapareição.

Observou a imensa extensão azul. Quantas vidas ela já não teria levado? Pescadores, navegadores solitários, aviadores com falta de combustível, clandestinos com frio em seus barcos miseráveis, essas centenas de clandestinos subsaarianos sobre os quais Haashim lhe falara no caminhão e os quais desapareciam todos os anos entre a Líbia e o litoral italiano sem jamais alcançar a terra prometida, cujo único erro havia sido não terem nascido no lado certo do Mediterrâneo. Pois bem, ele morreria como eles, devorado pela água gelada. Mais um cadáver para o assassino esfaimado.

Percebeu que se desaparecesse naquele momento, o mundo se lembraria dele com um trapaceiro, um ladrão, um homem que dedicou a vida a pegar dos outros sem jamais dar algo em troca, um egoísta. Ora, estaria ele pronto para enfrentar o juízo final com esse peso na consciência? Seu currículo não é muito brilhante, lhe diria Buda, brincando com suas grandes orelhas.

Não, não era o caso de morrer. Não agora.

Não antes de poder ajudar alguém. Não antes de poder mostrar aos outros e a si mesmo que havia mudado.

Além disso, havia Marie. Não podia morrer sem ter conhecido o

amor. Aquilo não podia ser de verdade.

Em poucos segundos, toda a conversa com a francesa voltou à sua memória, como um filme que passava em velocidade acelerada em sua mente. Depois, reviu o primo, a mãe adotiva, todos os bons momentos que tinha vivido na companhia deles; em seguida, vieram os menos bons: a fome, a violência, aqueles homens inclinados sobre ele, babando, aquelas mãos úmidas que o agarravam, as serpentes que o mordiam. Sua vida inteira desfilou diante dele. Uma vida curta, bem recheada, mas tão vã. Não, não podia decididamente se apresentar a Buda daquele jeito. Com certeza ele o reencarnaria como tomate-cereja na ponta de um espeto. Nada a ver com a tranquilidade de um fardo de feno no campo.

Mas o que fazer então para não perecer? A situação parecia difícil. Prisioneiro de uma armadilha que se fechava sobre ele a cada segundo, Ajatashatru se ajoelhou dentro do cesto que já se enchia de água e apertou a maleta contra o peito. Aquela maleta cheia de dinheiro que não lhe serviria para nada agora. O que prova novamente que o ditado *O dinheiro não traz felicidade* dizia a verdade.

O comandante Aden Fik nunca vira uma boia assim tão grande, tão azul e tão longe do litoral como aquela que via agora do passadiço. Sendo um homem esclarecido e pragmático, concluiu que não se tratava, portanto, de uma boia.

Mas o que seria então?

Um balão meteorológico que caíra do céu? O cogumelo da ilha fantástica de Tintim? Um balão de passageiros com um indiano a bordo carregando uma maleta com 100 mil euros?

Em todo caso, era algo estranho e inédito, e isso não lhe parecia um bom presságio. Poderiam ser piratas armando uma emboscada. Fez roncar os motores para que seu cargueiro se aproximasse mais rapidamente.

Aden pegou seu binóculo e espreitou o OFNI — Objeto Flutuante Não Identificado. Logo viu que se tratava de um balão de passageiros. Mas onde devia haver o cesto, via apenas a superfície opaca da água. A cabine parecia ter submergido por completo, com todos os seus ocupantes.

Afastando a teoria dos piratas, o comandante chamou um de seus oficiais e ordenou que um bote salva-vidas fosse baixado ao mar com dois homens para uma missão de reconhecimento. Era preciso agir logo. Aden preferia muito mais recolher a bordo pessoas vivas do que cadáveres. Sempre havia algo a se tirar de um ser vivo. Os mortos não valiam mais nada.

Os marinheiros entraram em ação.

Vinte minutos mais tarde, os homens voltaram ao navio acompanhados por um indiano alto, magro e nodoso como uma árvore seca, e também molhado, com um turbante branco na cabeça. Com uma das mãos, ele segurava o cobertor de alumínio que haviam colocado sobre seus ombros; com a outra, uma maleta preta que ele não parecia disposto a largar.

— Sou o comandante deste navio — anunciou orgulhosamente

Aden Fik em inglês, aliviado por ter diante de si uma pessoa viva de quem poderia talvez subtrair algo. — Uma sorte ter passado pelo lugar certo na hora certa. O que aconteceu com você?

Ajatashatru se apresentou, por sua vez, e lhe contou que participava de uma corrida de balões na região de Roma quando um vento desfavorável o desviara perigosamente para o mar. Tendo suas reservas de gás se esgotado, não lhe restara outra solução senão pousar no mar. Teria se afogado, se os homens do comandante não tivessem aparecido.

— Nesse caso, seja bem-vindo a bordo do *Malevil*. Imagino que seu maior desejo seja retornar a Roma e voltar à rotina — acrescentou o marinheiro, olhando de soslaio para a pequena e enigmática maleta preta na mão do indiano. — Entretanto, por uma questão de tempo, é impossível que eu o leve à costa. Você será então obrigado a voltar nadando, coisa um pouco complicada de se fazer com uma maleta na mão, ou então ficar conosco até nosso destino final, Sr. *A chata afagou a vaca*. Mas, nesse caso, precisará pagar, entende? A vida tem um preço... ao contrário da morte.

As últimas palavras provocaram um arrepio em Ajatashatru. Em que vespeiro ele havia se enfiado? Deveria ter se afogado quando ainda tinha tempo.

— E para onde vamos exatamente? — perguntou, se esforçando para não deixar transparecer seu medo.

Mas a tremedeira do braço contra a maleta começava a se fazer ouvir. Parecia um percussionista brasileiro em pleno carnaval no Rio.

O comandante apontou para um brasão vermelho, preto e verde costurado em sua camiseta.

— Para a Líbia, é claro! Agora, me diga o que você leva dentro dessa linda maleta.



Quando o *Malevil* atracou no porto de Trípoli, às duas horas da tarde do dia seguinte, Ajatashatru desceu a passarela de desembarque para terra firme 15 mil euros mais leve, porém, aliviado.

A travessia forçada lhe custara bem caro. Mas poderia ter sido muito pior. A bordo, ficara à mercê do humor dos líbios. Afinal de contas, o comandante poderia ter se apossado de todo o seu dinheiro e o lançado (ele, não o dinheiro) ao mar, e estaria então acabado. Definitivamente, ele se safara por pouco.

A Líbia vivia um período de agitação sem precedentes, e todo mundo estava atrás de dinheiro, até mesmo os comandantes de navios cargueiros. Aliás, principalmente eles, que se dedicavam às vezes ao transporte de imigrantes ilegais subsaarianos ou outros para a Itália em busca de dias melhores. Com a aproximação das patrulhas italianas, acontecia de os coiotes jogarem os clandestinos dentro d'água, quer eles soubessem nadar ou não. Dessa forma, os italianos eram obrigados a socorrê-los e levá-los para a costa, enquanto os criminosos partiam impunes para a Líbia, sem serem incomodados, preparando-se para a travessia seguinte.

Nove meses após a derrubada do coronel Kadafi pelas forças da OTAN, o país ainda se encontrava sujeito a terríveis violências, violações constantes dos direitos humanos e estupros de mulheres. Então era preciso compreender esses coitados. Quando tinham a oportunidade de salvar um indiano e sua maldita maleta de 100 mil euros em pleno mar, não a deixavam escapar facilmente. Era necessário contribuir para o bem-estar dos cidadãos líbios que viviam um dos períodos mais sombrios de sua história.

Mas então, perguntarão vocês, como nosso indiano conseguiu salvar a pele com apenas 15 mil euros quando sua maleta continha uma boa centena de milhares?

Quando se sabe transformar água em vinho com cápsulas de corante habilmente escondidas na palma da mão, quando se sabe

entortar garfos em metal “termofundível” com um simples olhar e alguns carinhos, quando se sabe plantar um espeto dentro de uma falsa língua que se mantém segura com os dentes, a pessoa é capaz de se safar, com um pouco de inteligência, de todas as encrencas e outros problemas que se apresentam.

Assim, quando o comandante, com a pistola na mão, pediu gentilmente a Ajatashatru para abrir a maleta de ministro, o náufrago não soube o que dizer e obedeceu.

Um halo violeta, da cor das notas de 500 euros, iluminou o rosto do líbio como o de um pirata ao descobrir um tesouro.

— Duvido que você tenha caído no mar durante uma inocente corrida de balões, *Sr. A vaca sim*. Prefiro pensar que você tentava fugir de alguém. Talvez da polícia? Você roubou um banco?

— Não fique empolgado. São falsificadas — interrompeu-o Ajatashatru num tom convincente. Havia parado de tremer e parecia retomar o controle da situação, pois tinha encontrado um plano.

— Até que parecem bem verdadeiras para serem notas falsificadas! — ponderou o comandante, que não se deixava enganar facilmente por alguém mais vigarista do que ele.

— Isso porque a imitação é bem-feita. Tudo isso aqui é material de mágica. Não vale nada, palavra de faquir!

Dizendo isso, Ajatashatru pegou uma moeda de 50 centavos de dólar no bolso e a jogou para o alto.

— Cara — apostou ele.

E a moeda caiu realmente com aquele lado para cima na mão dele.

— Vamos lá, cara outra vez — disse o indiano, lançando novamente a moeda.

Mais uma vez, ele acertou.

— Eu conheço esse truque — disse o marinheiro, com um ar confiante. — Isso só depende da forma como você joga a moeda.

— Boa tentativa — observou Ajatashatru, mostrando as duas faces idênticas da moeda. — Mas você perdeu! Com frequência as pessoas atribuem habilidades de manipulação aos mágicos, mas todo o segredo está no material... Outra demonstração?

O indiano não aguardou a resposta do comandante. Vasculhou outra vez os bolsos da calça e apanhou a cédula verde de 100 euros. E a virou várias vezes dentro da mão, mostrando os dois lados.

— E daí? — disse o líbio, cansado daquele pobre espetáculo de

magia improvisado.

— Pois bem, o que está vendo?

— Uma nota de 100 euros.

— Bem observado! Ela parece normal?

— Parece bem normal. Quer dizer, à primeira vista. Você não para de virar a cédula como se fosse uma omelete.

— Pois bem, mais uma vez está totalmente enganado — observou de novo Ajatashatru, abrindo seus grandes olhos Coca-Cola.

O comandante se espantou.

— Ao contrário do que eu disse um minuto atrás, o material falsificado às vezes não é o suficiente para criar a ilusão. Então, o mágico precisa usar todo seu talento de prestidigitação.

Ao dizer isso, ele mostrou bem devagar o lado impresso da nota e o lado totalmente em branco.

— Essa nota está impressa só de um lado! Como isso é possível?! — resmungou o comandante que não acreditava no que via.

— Habilidade é só uma questão de treino — prosseguiu o faquir-escriptor, virando a cédula com um estalo dos dedos, revelando a impressão da nota no lado que antes estava em branco.

— Inacreditável... Como você faz isso?

— Essa maleta, por sua vez, é falsificada — continuou o mágico sem dar ouvidos ao outro. — Você tem a impressão de que está cheia de cédulas, verdadeiras ainda por cima, mas tudo isso, com todo o respeito que devo a um homem armado que aponta uma pistola para mim, está apenas na sua cabeça.

Ajatashatru pegou uma nota roxa de um maço, estendeu-a diante dele, segurando-a com a ponta dos dedos pelas extremidades superiores, como se desejasse admirar a marca-d'água pela transparência, começou a dobrá-la em duas, metodicamente, depois em quatro, em oito, e assim por diante, até que o pedaço de papel ficasse do tamanho de uma unha. Depois, soprou entre suas mãos e a cédula desapareceu. Ele pegou outra nota do maço e fez a mesma coisa, e ainda uma terceira vez.

— Está vendo, essas notas não existem — acrescentou Ajatashatru, erguendo os braços para que as três notas dobradas que se encontravam dentro da manga escorregassem para o interior da camisa. — São cédulas mágicas. Notas falsas, entende?

— Não entendo — admitiu o homem, que começava a morder a

isca.

— É bem simples: essas notas são feitas de pão ázimo, sem fermento, sem levedura e sem açúcar, um produto cem por cento biológico — mentiu o faquir. — O mesmo processo das óstias dos padres católicos, entende? As notas se derretem nas minhas mãos, mais quentes do que a temperatura ambiente, e desaparecem sem deixar vestígios.

— É espantoso!

— É por isso que, embora pareça que eu possuo uma verdadeira fortuna, eu não posso pagar pela viagem, comandante, pois essa grana é apenas um engodo, uma ilusão. No máximo, uma guloseima.

Para azar de Ajatashatru, o comandante era fanático por guloseimas. Três doces mil-folhas de bilhetes roxos foi exatamente o que custou para o náufrago a travessia do Mediterrâneo. Na verdade, três maços, portanto 15 mil euros. E, ainda assim, se o faquir, usando sua lendária lábia, não o tivesse prevenido sobre os benefícios de uma dieta equilibrada e sobre o nível calórico escandalosamente elevado do pão ázimo, toda a maleta teria ficado.

Foi assim que, tão logo o *Malevil* atracou no porto de Trípoli, no dia seguinte, às duas horas da tarde, Ajatashatru desembarcou o mais rápido possível pela passarela que levava ao cais, de maleta na mão, e desapareceu na multidão sem perder tempo. Imaginou a expressão do líbio, mastigando o dinheiro sem que este se fundisse na boca e, sobretudo, sua cara quando percebesse que se tratava de dinheiro de verdade e que deixara escapar uma maleta recheada.

O indiano acabava de penetrar num mosaico de aromas e cores novas que lhe lembravam o quanto se encontrava sozinho ali. Por um instante, sentiu saudades de sua terra, dos seus, de seus pequenos hábitos. Esses dias num mundo desconhecido começavam a pesar.

Nessa parte do mundo, os homens tinham o rosto pardo, como em seu país. Mas não usavam turbante ou bigode, o que, aliás, os remoçava. Havia também um bocado de negros, como Haashim, os olhos plenos de esperança, que pareciam aguardar a partida de um barco para aquela Europa tão cobiçada que ele tinha acabado de deixar com tanta facilidade. Em torno deles, homens em trajes civis ou militares, mas todos armados de fuzis automáticos, patrulhavam, fumando cigarros contrabandeados, lembrando a todos que se encontravam do lado errado do mar Mediterrâneo.

Com seu belo traje de ministro que destoava do vestuário local — os indispensáveis agasalhos esportivos e as sandálias de borracha —, Ajatashatru tentava não atrair muita atenção sobre si. Nas últimas 24 horas já havia sido ameaçado com um *cooler*, um canivete e uma

pistola, e se a arma usada se tornasse ainda mais sofisticada, logo ele se encontraria, se não tomasse cuidado, diante do cano de um velho fuzil automático enferrujado. Ahvaka tinha assim se tornado por alguns instantes um pequeno camundongo branco que se esgueirava com 85 mil euros na direção do que julgava ser a saída do porto.

Quando chegava à altura da guarita, o pequeno camundongo indiano assistiu, impotente, à extorsão de um jovem africano por dois militares armados até os dentes. Um dos dois tinha empurrado o estrangeiro contra uma parede e o outro esvaziava seus bolsos, indolentemente, com um cigarro na boca. Tomaram-lhe o pouco dinheiro que tinha e seu passaporte. Teriam um bom lucro no mercado negro. Depois, os militares cuspiram no chão e retornaram ao posto de guarda às gargalhadas.

O negro, desapossado de sua identidade e do pouco dinheiro que dispunha para garantir sua travessia para a Itália, se deixou escorregar ao longo da parede, como uma presa esvaziada de seu sangue, sem forças para se manter de pé. Quando sua bunda encostou no chão empoeirado, ele enfiou a cabeça entre os joelhos, a fim de sumir daquele inferno.

Ajatashatru sentiu um arrepio. Se ele não estivesse tão evidente com sua indumentária de banqueiro quanto a Muralha da China vista do Google Earth, teria se ajoelhado ao lado do coitado e o ajudado a se reerguer. Mas era melhor não chamar muita atenção ainda. Claro, ele teria se ajoelhado e falado sobre a Itália ou a França, teria lhe dito que a viagem valia a pena. Que ele tinha amigos que, naquele exato momento, deviam estar sacolejando dentro de um caminhão para a Inglaterra, os bolsos cheios de biscoitos de chocolates comprados na França, em um supermercado onde havia uma profusão de coisas e onde tudo parecia estender-lhe a mão, bastando ter algumas notas impressas dos dois lados. Que era preciso resistir, que a terra prometida estava lá, do outro lado do mar, a algumas horas de balão. Que lá haveria gente para ajudá-lo. Que os “belos países” eram como uma caixa de chocolates, e que cair na mão da polícia não era o mais provável. E, além disso, eles não baixavam o sarrafo como na sua aldeia. Havia gente boa em todo canto.

Mas ele teria também desejado lhe dizer que a vida tinha um preço muito alto para que se brincasse com ela, e que não serviria de nada se chegasse à Europa morto, afogado no mar, asfixiado num

esconderijo exíguo de uma caminhonete ou intoxicado com os gases do tanque vazio de um caminhão de gasolina. Ajatashatru voltou a pensar na história que Haashim lhe contara sobre os dez chineses que a polícia encontrara amontoados no teto falso de 2 metros quadrados de um ônibus, com fraldas geriátricas para poder mijar. E aqueles eritreus que ligaram eles mesmos para a polícia dos seus celulares porque estavam sufocando dentro de um caminhão, depois de terem sido trancados ali por um coiote. Pois, para os coiotes, que se aproveitavam da vulnerabilidade dos migrantes, o preço era o mesmo. Um preço que podia ir de 2 mil a 10 mil euros, conforme a fronteira a atravessar. E eram pagos no final, e no final o migrante sempre chegava ao destino, pouco importava se inteiro ou em pedaços, ou se a primeira coisa que visse do belo país fosse o quarto de um hospital. No melhor dos casos.

Ajatashatru se lembrou do que sentira ao cair com o balão no mar, o medo de morrer sozinho e anônimo, de não ser jamais reencontrado, desaparecer da superfície do globo sob as ondas como se fosse apagado por uma borracha. E, depois, o jovem africano com certeza tinha uma família que em algum lugar aguardava seu retorno, deste lado do mar, neste continente. Ele não podia morrer. Não devia morrer.

Sim, o indiano teria gostado de lhe dizer tudo isso, mas não fez nenhum gesto. Em volta dele, a multidão voltara à vida como formigas ocupadas em suas tarefas. Ele deu uma olhada na direção da guarita. Os soldados continuavam rindo fartamente dentro do pequeno aquário de vidro. Se não o despojassem também, seria o comandante do navio que o trouxera que sairia em breve de sua cabine como uma besta furiosa, os olhos cheios de ódio e com sede de dinheiro, e alertaria a todos os mercenários que fervilhavam no local — e Buda é testemunha de que havia pencas deles ali! Era melhor não ficar pela área.

Ajatashatru retirou uma das notas de 500 euros que guardara no bolso e se dirigiu decidido para a saída. Ao passar, esbarrou de leve no jovem africano e deixou cair a nota ao lado dele, acrescentando um “good luck” entre os dentes, que o rapaz certamente não ouviu.

Pronto, ele acabara de ajudar alguém. Seu primeiro ser humano. E havia sido de uma facilidade desconcertante.

Ao agir assim, uma sensação de bem-estar invadiu todo seu corpo.

Sentiu uma espécie de nuvenzinha vaporosa surgir no peito e se espalhar em todas as direções, até as extremidades dos membros. Logo, a nuvem o envolveu completamente, e Ajatashatru teve a impressão de decolar do chão poeirento do porto de Trípoli sobre uma enorme poltrona macia. Era de longe a melhor levitação de toda a sua carreira de faquir. E este foi o quinto choque que sacudiu seu coração desde o início dessa aventura.

Ele teria alçado voo no céu líbio, por sobre o arame farpado do porto, se naquele momento uma voz possante não o tivesse interpelado, às suas costas. Com um sobressalto, ele acabou desabando no chão.

Ajatashatru levou alguns segundos para reagir. Atrás dele, a voz se fez ouvir novamente.

— Ei!

“Pronto, estou frito”, pensou o indiano, “o comandante do navio enviou seus capangas.” E seu coração começou a bater forte como um tambor dentro do peito. O que fazer? Sair andando, como se não fosse nada? Ignorar a voz e sair correndo feito louco até a saída? Logo seria alcançado.

— Ei, Aja!

De início, o indiano achou que não tivesse ouvido direito.

— A Vaca!

Ajatashatru virou lentamente a cabeça. Quem seria aquela pessoa que conhecia seu nome?

— Aja, não tenha medo, sou eu!

Então o escritor reconheceu a voz cavernosa que ouvira pela primeira vez através da parede de um armário, dentro de um caminhão em movimento. Aquela voz terrível que lhe contara todos os seus segredos sem jamais estremecer.

Era ele!

Era Haashim.

Ajatashatru quase chorou. Seus lábios se abriram num imenso sorriso e os dois homens se abraçaram.

Por um lado, o indiano estava feliz em reencontrar seu amigo, enfim, um rosto conhecido naquela parte do mundo onde nada lhe era familiar. Mas, por outro, se Haashim estava ali, no porto de Trípoli, isso significava que ele não se encontrava na Espanha, ou na França, que não estava prestes a cruzar a fronteira para o Reino Unido, como imaginara. E isso o entristeceu.

— E agora essa, Ajatashatru. Você sempre dá um jeito de aparecer quando a gente não está esperando! — exclamou o negão, pondo fim ao abraço e batendo em seu ombro.

— O mundo é do tamanho de um lenço de bolso de seda indiana.

— Ao que parece, os negócios vão bem para você — prosseguiu Haashim, apontando para as novas roupas do indiano e a maleta. — Até parece um rico industrial indiano. De onde você saiu?

Ajatashatru apontou para o *Malevil*.

— Esse navio vem da Itália! — disse o sudanês, sem entender direito. — Parece que você o pegou na direção errada!

O ex-faquir lhe falou pela terceira vez na vida que não era um clandestino como ele e que não tentava chegar à Inglaterra.

— Escuta — continuou Ajatashatru, diante do olhar cético do africano —, eu devia ter dado uma explicação a você dentro do caminhão. Pelas razões que você já conhece, não pude contar minha história. Mas agora, graças ao destino, nossos caminhos voltam a se cruzar. Acho que chegou o momento.

— *Maktub* — disse o outro. — Estava escrito.

Sentados à mesa diante de uma cerveja quente num bar miserável nas cercanias do porto, após deixarem para trás os militares e o caos efervescente da cidade, os dois homens começaram a conversar, abrindo o coração.

Desde que se separaram em Barcelona, Haashim, que agora viajava sozinho, fizera o caminho de volta à mercê dos acordos de readmissão internacional. Havia sido enviado de um país a outro, como se os Estados estivessem jogando Batata Quente. Primeiro a Argélia, a Tunísia e, finalmente, a Líbia. Um tanto estranho, pois ele não tinha tomado aquele caminho na ida. Mas pouco importava. A única coisa que contava para as autoridades era passar o bombom envenenado para a caixa de chocolates do vizinho. De certa maneira, eles tinham conseguido inventar a maldita catapulta de imigrantes.

O sudanês, que não desistiria jamais, pois voltar ao seu país de mãos abanando seria ao mesmo tempo uma humilhação imensa, um fracasso pessoal e um flagrante desperdício de dinheiro da sua aldeia, que se endividara para que ele pudesse partir, se preparava agora para uma nova travessia do Mediterrâneo em direção à ilhota italiana de Lampedusa. Só em pensar nisso, quanta frustração! E dizer que ele havia pisado de leve na terra prometida, a Inglaterra, alguns dias antes. Se pelo menos a polícia não tivesse interceptado aquele maldito caminho...

— Mas, você sabe, não fomos assim tão desafortunados. Durante um voo de repatriamento, conversei com um chinês que me explicou que eles pagavam somas astronômicas para chegar à Europa de avião, e que, assim que aterrissavam na França, precisavam trabalhar dia e noite em ateliês de costura clandestinos no subúrbio parisiense para reembolsar o coio. E os chineses têm uma cultura de respeito tão séria, que não tentam fugir, dar uma banana aos coiotes e cair fora. Perderiam a dignidade, e seria uma grande humilhação se não reembolsassem a viagem. Um tipo de obrigação moral. Então, eles se

colocam diante da máquina de costura e trabalham. As moças bonitas não são tão bem-tratadas assim. São trancadas em apartamentos sórdidos e obrigadas a se prostituir para reembolsar a viagem para esse paraíso prometido que logo, logo se revela um atalho para o inferno.

Assim falou Haashim, sem saber que as jovens africanas tinham o mesmo destino.

— Está vendo, a gente até que está bem — concluiu ele. — Brancos, negros, amarelos; estamos todos no mesmo sufoco.

— Bem eu não sei, mas é um mal menor, Haashim.

— E você, Ajatashatru, vai me contar a sua história?

O indiano bebeu um gole da cerveja quente e, como tinham tempo, começou pelo começo.

— Eu nasci entre 10 e 15 de janeiro de 1974 (ninguém sabe o dia exato), em Jaipur, na Índia. Minha mãe morreu no parto. Uma vida pela outra. Frequentemente, é o preço a pagar quando se vem de uma família pobre. Meu pai, incapaz de cuidar sozinho de um bebê, me levou para viver na casa da irmã dele, a mãe de Raj Aadesh, meu primo preferido (eu o considero um irmão). Saeeda (pronuncie *saída*), minha tia, vivia na pequena aldeia de Kisheyogoor, na fronteira com o Paquistão, no Deserto de Tharthar. Foi lá que cresci, no meio do nada. Mas minha tia, me considerando mais como uma boca a alimentar do que como parte da família, fez de tudo para que eu me sentisse deslocado. Por isso eu estava sempre na casa da vizinha, Sihringh, que me criou como seu próprio filho. Não devia ser muito fácil para ela. Eu era uma criança agitada, mas curiosa e afetuosa. Embalado pelos contos que ela inventava para mim, na época, eu sonhava em me tornar escritor ou contador de histórias. Naquele tempo, quase não comíamos. Não havia dinheiro. Vivíamos como neerlandeses; não, como neandertais (sempre confundo os dois). Um dia, um inglês que passava por lá, um geólogo que estudava o Deserto de Tharthar, a única pessoa interessada num monte de areia que conheci na vida, me mostrou um isqueiro e o ofereceu em troca de uma felação. Na época, eu não sabia o que era um isqueiro. E menos ainda uma felação. Tinha só 9 anos. Até o dia em que compreendi o que era e que não era bom. Mas já tinham abusado muito de mim. Enfim, o inglês fez surgir pequenas fagulhas de seus dedos e eu achei aquilo mágico. Uma linda chama azul apareceu, lá, bem no meio do deserto. Ele notou que eu

me interessei pelo objeto. “Você quer, não é?”, perguntou. E foi assim que acabei ficando ajoelhado entre suas pernas, fazendo algo que não compreendia, felicíssimo com a ideia de receber aquele objeto em troca. Eu chupei um cara por um isqueiro! Você imagina? A porra de um isqueiro. E eu não passava de um garotinho. Sinto vontade de vomitar. Então, depois da felação, corri para mostrar o isqueiro a meus amigos. A gente tem um sentimento de superioridade quando pratica um truque de mágica. Só porque ninguém mais conhece o segredo. E isso gera admiração. Esse sentimento logo se torna uma droga, acredite em mim. E eu, criança do deserto e da miséria, gerando admiração, você imagina? Eu me tornei faquir. E como enganei gente da cidade, pessoas inteligentes, ainda por cima! Porque os inteligentes são mais fáceis de enganar. Eles são seguros de si, então não prestam atenção. Pensam que ninguém é capaz de enrolá-los. E, pronto, estão no papo! É a própria segurança deles que os trai. Agora, com os idiotas, é diferente. Eles estão acostumados a ser tomados como otários desde sempre, então, quando têm que lidar com um trapaceiro, tomam muito mais cuidado. Analisam cada movimento. Não tiram os olhos de você. Não deixam passar nada. E, de repente, paradoxalmente, é muito mais difícil enganá-los. Robert-Houdin já dizia isso. Um mágico francês. E ele estava certo. Enfim, resumindo, durante minha adolescência, vivi algum tempo na casa de um venerável iogue rajastani. Aprendi tudo com ele. A arte de devorar pacotes de 52 cartas (ainda por cima, eu era exigente e só comia as da marca Bicycle), caminhar sobre cinzas e cacos de vidro, perfurar meu corpo com utensílios de cozinha e proporcionar ao meu mestre, seguindo suas instruções, ótimas felações. Concluí a partir daí que se tratava de uma fórmula comum de agradecimento às grandes pessoas. Eu devorava todos os livros sobre o assunto (a mágica, não a arte da felação): Houdini, Robert-Houdin, Thurston, Maskelyne. Fazia uma corda dançar ao som da minha flauta, e depois elevar-se até desaparecer numa nuvem de fumaça. Minha grande habilidade fez com que as pessoas me atribuíssem imediatamente poderes sobrenaturais. Tornei-me um semideus na minha aldeia. Se soubessem... Meu único poder era, na verdade, o de nunca ser descoberto! Em todo caso, minha reputação me levou, aos 25 anos, às portas da residência dourada do marajá Lhogro Singh Lhe, onde fui contratado como faquir-bufão. Meu trabalho: divertir a corte. Por

todos os meios. Eu vivia na mentira, na falsidade, na enganação... e essa enganação logo se virou contra mim. Você entende, eu devia mergulhar na personagem, então, como era bem mais espetacular fingir que eu só me alimentava de parafusos e pregos enferrujados, em vez de uma alimentação normal, eu só tinha isso para comer. Eu morria de fome. Resisti durante uma semana. Um dia, não aguentando mais, roubei alguma comida da cozinha e a devorei longe de olhares indiscretos. Eles me pegaram com a boca na botija. O marajá ficou atormentado não por causa do roubo, não, mas porque eu tinha mentido. Eu não me alimentava com porcas, mas com frangos e camarões, como todo mundo. Resumindo, eu o tomara por otário, e isso, para um homem de sua classe, era duro de engolir. Para começar, me tiraram o bigode — suprema humilhação —, depois o marajá me pediu para escolher entre trabalhar em escolas — fazendo um trabalho de prevenção contra roubo e delinquência com as crianças —, ou ter a mão direita cortada. “Afinal, um faquir não teme a dor nem a morte”, falou, com um largo sorriso. Evidentemente, optei pela primeira solução. Para lhe agradecer por ter me dado a escolha da minha sentença, eu lhe propus uma felação, na maior inocência do mundo. Não era isso um sinal de gratidão para os adultos? Ninguém me dissera ainda que era errado. Eu ainda era virgem. Indignado, ele me expulsou do palácio com pontapés no traseiro. Eu o entendo. Agora que penso, tenho vergonha. Sem dinheiro, retomei meu trabalho de trapaceiro nômade. Enganava todo mundo, meu povo, os turistas de passagem; enfim, todos que cruzavam meu caminho. Recentemente, fiz todo mundo acreditar que era vital para a minha saúde comprar o último modelo de cama de pregos da Ikea. E levei todos no papo! Se eu dissesse que ia atrás do velocino de ouro, teriam acreditado. Toda a aldeia contribuiu. É evidente que eu não durmo numa cama de pregos. Tenho uma cama fofa escondida num armário da sala. Mas eu pensei que poderia vender a cama de pregos depois. Talvez tenha sido apenas um capricho mesmo, não sei, ou para ver até onde aqueles crédulos podiam me pagar tudo o que eu queria. A aldeia se endividou por minha causa, como a sua fez por você, Haashim. Mas no meu caso, foi pura enganação. Foi por egoísmo. Eu não queria ajudar ninguém. Pessoas que conheço desde a infância me deram dinheiro e mal tinham como matar a própria fome. Tudo isso na esperança de me ajudar; ajudar este semideus que me tornei. Mas esta viagem me

transformou. Não sou mais o mesmo. Sua história, para começar, me transtornou, depois outros encontros provocados por tantos imprevistos que marcaram meu périplo até aqui, o amor de Marie, vou contar a você, a amizade de Sophie, vou contar também. E depois, estes 85 mil euros dentro desta maleta. Espera, não me olha assim, Haashim, vou contar isso também.

Depois de contar em detalhes os últimos eventos, Ajatashatru bebeu de uma vez a cerveja quente e encarou Haashim com seu olhar de Coca-Cola. O amigo não dizia nada, não sabia o que pensar. O relato o deixara sem fôlego. O desejo de se redimir não seria um novo truque do indiano, uma nova mentira?

Ajatashatru olhou a maleta, depois o amigo sudanês, em seguida de novo a maleta. E teve certeza. Finalmente, encontrara a pessoa certa para ajudar. Era óbvio. Ele voltou a pensar no périplo do sudanês, que parecia, assim como sua própria viagem, nunca ter fim.

Recordou-se também da sensação de bem-estar que experimentou ao dar a nota de 500 euros para o jovem imigrante no porto, a nuvem que surgira dentro dele e que o envolvera numa brandura etérea. O coração batendo ao som de um tambor. Descobriu que existia um sentimento bem mais forte que a satisfação arrogante de ter tomado algo de alguém por meio da malandragem e da dissimulação: a sensação de oferecer algo a alguém que precisa. O jovem africano havia sido sua primeira experiência. Agora, executaria seu golpe de mestre.

Ajatashatru lançou olhares furtivos ao redor. Estavam sentados a uma mesa num canto isolado do bar. Por sinal, só havia dois clientes além deles: dois velhos lobos do mar que falavam em outra língua e pareciam contar um ao outro suas aventuras. Brindavam ruidosamente, talvez para se felicitar por ainda estarem vivos, após uma existência a desafiar a imensidão azul.

O indiano abriu a maleta, pegou vários maços de dinheiro, contou-os e colocou-os diante do sudanês.

— Isso é para você, Haashim. E para os seus: 40 mil euros — disse, fechando a maleta sem delongas. — E o que sobrou é para os meus, aqueles que enganei e desonrei, sujei. São 45 mil euros para me redimir, para oferecer a eles comida e boas condições de vida.

O queixo de Haashim continuava caído no vazio. A princípio, ele

não acreditara muito na história do editor francês em Roma, no romance escrito na camisa, o manuscrito, o adiantamento, mas era preciso se curvar ante as evidências. Onde o rajastani poderia ter se deparado com tanto dinheiro senão da forma como acabara de lhe contar?

— Com toda essa grana — balbuciou o negão —, eu não precisaria mais partir para a Inglaterra. Imagina, Aja, eu poderia voltar tranquilamente para o Sudão, para casa... — disse ele, com um vislumbre de saudades nos olhos — Mas não posso aceitar.

Ajatashatru tinha pensado que a sensação de bem-estar obtida com a boa ação seria proporcional ao valor dado. Esperava então que ela fosse oitenta vezes mais forte que aquela experimentada depois de ter deixado a nota de 500 euros ao lado do jovem africano que fora tão vilmente extorquido. Mas não foi este o caso. Não era o valor dado que contava, mas apenas o gesto de dar. Ele sentira a mesma emoção que na última vez, com a mesma intensidade. Sua nuvem o erguera da mesa, levando-o até o teto do bar. Mas a última frase de Haashim causou em Ajatashatru o efeito de uma bomba, e ele caiu de novo no chão.

— Você deve aceitar! Está fora de questão que eu vá embora com esse dinheiro. É para você, Haashim, fique com ele!

— O dinheiro é seu. Você o ganhou honestamente desta vez — ele sublinhou bem essas duas palavras —, escrevendo seu livro.

— Justamente, se ele é meu, sou livre para fazer com ele o que bem entender.

Ajatashatru nunca acreditara que seria tão difícil para um clandestino aceitar 40 mil euros em notas de valor alto.

— Faça isso por mim, Haashim. Chega de porão de navio, de portamalas de carros, chega de caminhões de mercadorias. Eu quero que você seja um homem livre, não um homem perseguido, vivendo no medo. Um homem jogado de um país para outro. Volte a ser um pai. Seus filhos o esperam.

Haashim hesitou por um bom tempo, uns dois segundos, depois aceitou.

As notas de dinheiro, assim como os porcos, tendem a dormir na mesma posição que as pilhas AAA dentro do controle remoto. Uma para cima, uma para baixo, uma para cima, uma para baixo. Foi assim que Ajatashatru dispôs os maços de notas roxas que lhe restavam dentro da maleta, a fim de preencher o espaço deixado por aquelas que tinha dado a seu amigo.

Cada um tomou seu rumo. Um iria para o norte, o outro para o sul, mas os dois homens guardariam para sempre a lembrança do que haviam compartilhado. Voltariam a se cruzar um dia? *Maktub*. Estaria escrito? O mundo era um verdadeiro lenço de bolso de seda indiana.

O escritor indiano estava sentado no banco traseiro de um táxi, rumo ao aeroporto. O último táxi que havia tomado tinha, de algum modo, sido o ponto de partida dessa extraordinária aventura. O atual, cujo assento era bem menos confortável, mas cujo motorista ao menos não procurava matá-lo, assinalaria o fim da jornada.

Estava decidido. O indiano tomaria o primeiro voo para Paris e se encontraria com Marie, aceitaria o convite para beber alguma coisa com ela ou comprar luminárias na Ikea, não se afastaria quando a mão dela tocasse na sua, e passaria a noite observando os belos cílios curvados que batiam ao ritmo do seu coração. Ele lhe revelaria todos os truques de mágica que ela desejasse e reescreveria o final de seu romance, com a cabeça de seu amor apoiada no seu ombro.

Não tinha mais nada a fazer na Líbia. Aliás, nunca tivera nada a fazer por lá. Um pouco como um carvalho que se encontrasse, de um dia para o outro, replantado no Deserto do Saara. E, sobretudo, não tinha mais nada a fazer na Índia. O novo Ajatashatru Ahvaka Singh não tinha mais lugar por lá. Como as serpentes que tinha encantado durante toda sua carreira, sua pele mudara. Deixara em Kisheyogoor a do velho trapaceiro. Não podia mais retornar e confessar que sua vida até então tinha sido uma grande enganação. Não poderia mais devolver às pessoas a esperança e a ilusão que lhes havia roubado.

Não compreenderiam nada. Aja vai voltar, certo, mas não é mais faquir, não quer mais se vestir com as enormes fraldas de bebê, quer usar belas camisas. Na verdade, ele nunca teve poderes. Aquilo era só para lhes tirar dinheiro. Tomar suas magras economias. Ele não transforma água em vinho, não cura o câncer, e é até frouxo demais para aguentar que lhe tirem um pouco de sangue, imagine então enfiar um garfo na língua! Ah, é? Você já o viu fazendo isso? Já, mas a língua era de látex!

Não, francamente, não podia mais voltar. Era preciso recomeçar uma vida nova em outro lugar, longe de lá. Num lugar onde não correria o risco de cruzar com nenhum habitante de sua aldeia do Tharthar. Telefonaria para Raj Aadesh e Sihringh assim que chegasse e lhes explicaria. Isso de certo os magoaria, mas entenderiam. Enviaria 35 mil euros, para eles e para a aldeia, para que nunca mais passassem dificuldades. E, então, eles compreenderiam de verdade. Ficaria com 10 mil euros para ele. Para ele e Marie; era preciso começar a pensar por dois dali em diante. Seria como seu tapete voador para decolar rumo a uma vida nova.

Uma vida honesta, inocente, normal.

Haveria o amor também. Com certeza.

Mas, ao chegar ao aeroporto de Trípoli, todos os projetos que acabara de arquitetar desabaram como um castelo de cartas falsas. O último avião para Roissy-Charles de Gaulle decolara na véspera, e o próximo só estava previsto para sair dali a dois dias, ou mais, o tempo de desalojar os últimos rebeldes que haviam se instalado na pista.

O turbante dos hindus era usado outrora para medir a profundidade dos poços. Pela primeira vez em anos, Ajatashatru o retirou a fim de medir a profundidade de sua dor.

A liberação das pistas de asfalto do aeroporto internacional de Trípoli levou mais tempo do que era previsto. Foi preciso esperar cinco dias. Cinco dias intermináveis durante os quais Ajatashatru permaneceu fechado em seu quarto de hotel, só saindo para comprar escassos víveres. Não sentimos fome quando estamos apaixonados. E menos ainda quando estamos apaixonados num país em guerra. Então, batatas chips, barras de chocolate e balas bastavam. Bons banhos quentes também.

Com todo o dinheiro que tinha, esperava-se que ele poderia pagar os melhores restaurantes da capital líbia. Então, por que ficar cinco dias fechado num aeroporto? Bem, porque o ambiente caótico da cidade não deixava um estrangeiro com os bolsos cheios de dinheiro com vontade de passear pelas ruas em busca de um estabelecimento gastronômico. Não havia mais tanques na rua e o exército não obrigava mais os estrangeiros a embarcar nos grandes barcos de pesca para invadir a costa italiana, como fizera alguns meses antes, mas, ainda assim, não era uma EuroDisney. Além disso, o que Ajatashatru Ahvaka Singh vira no porto de Trípoli ficaria por muito tempo gravado em sua memória. O jovem africano deslizando contra a parede para chorar de raiva, depois de ter sido assaltado. Teria ele encontrado a nota? Onde estaria agora? Perguntas que ficariam para sempre no ar, mas para as quais o indiano preferia dar respostas otimistas.

A máquina de sanduíches do terminal do aeroporto, que ficava alguns andares abaixo do seu hotel, se esvaziava dia após dia por conta de suas explorações cotidianas.

Isolado do restante, do mundo, um pouco como se estivesse numa ilha deserta, o indiano pensou naqueles últimos dias. A corrida enlouquecida que o levara até ali. Os estranhos eventos que fizeram dele um novo homem. Os cinco choques que tinha levado no decorrer de seu périplo. Uma pessoa logo se torna um pouco filósofa quando,

após levar uma vida miserável, se depara de um dia para o outro com uma maleta com 100 mil euros.

Primeiro, ao receber essa quantia, ele experimentara a desconfiança, pois se havia algo que a vida tinha lhe ensinado é que os presentes não caem do céu assim, de graça. Pelo menos, sem ter de se fazer felações. No mínimo. O mundo estava cheio de trapaceiros, vigaristas, abutres, como ele. O mundo era um imenso terreno de caça. Ele entendia um pouco disso, visto que havia sido também um predador.

Mas quando viu seu quarto no hotel de Roma, aquele luxo, oferecido sem que ninguém lhe pedisse nada em troca, e em seguida todas aquelas cédulas roxas obtidas graças a algumas linhas escritas em uma camisa, percebeu a que ponto o homem podia ser bom. Tinham confiado nele. Como Sophie Morceaux, atriz e estrela internacional, que abrira mão de um pouco de seu tempo para cuidar dele e ajudá-lo. Precisava agradecer-lhe, explicar as razões de sua fuga. Ele lhe escreveria uma longa carta, assim que chegasse a Paris.

Finalmente, o mundo não era feito de trapaceiros, vigaristas e abutres. E, nestes últimos dias, os encontros tinham lhe ensinado que seria muito mais proveitoso dar e ajudar as pessoas ao seu redor do que tomar-lhes seu dinheiro de maneira fraudulenta. Se tivesse ouvido isso da boca de alguém, teria achado meloso, enjoativo de tantos bons sentimentos, o auge da demagogia. Mas era tão verdadeiro. Ele se lembrou do olhar do sudanês quando lhe deu os 40 mil euros. Tão cedo não se esqueceria de seus olhos. Nem dos de Marie.

Marie.

Em breve.

Toda noite, ele se deitava pensando nela, ao som de metralhadoras que às vezes cuspiam seu veneno não muito longe dali. A maleta que apertava nos braços tomava a forma, assim que adormecia, dos quadris esbeltos da francesa e o imergiam no mais bonito dos sonhos.



Na véspera de sua partida, Ajatashatru ligou para Marie de uma cabine telefônica e anunciou sua ida iminente a Paris e suas resoluções. Torná-la sua. Nunca mais afastar a mão quando ela a tocasse, nunca mais recusar um drinque ou uma noite romântica. Ele queria ir com ela visitar seus primos que vendiam pequenas torres Eiffel e apartamentos no Champ-de-Mars. Queria ver tudo em sua companhia.

— Você sabe o que há de mais engraçado em tudo isso? É que você foi para a Inglaterra, Paris, Barcelona e Roma e você não viu nem o Big Ben, nem a Torre Eiffel, nem a Sagrada Família, nem o Coliseu, nada disso. Você se parece um pouco com minha amiga Adeline, que só conhece os aeroportos das mais prestigiosas capitais europeias. Ela é comissária de bordo. Pois bem, vamos juntos e vou fazer com que você conheça esses “belos países”.

Ela usara a expressão de Haashim, e Ajatashatru se perguntou onde estaria o amigo naquele momento. De qualquer modo, certamente, não mais a caminho da Europa, sentado dentro de um caminhão. Seria o dinheiro suficiente para que seus filhos não escondessem mais uma bola na barriga, para que as moscas partissem para sempre de seus lábios e de seu país e para que seus olhos voltassem a se iluminar? Seria suficiente para que pensassem em outra coisa que não a fome?

— Já perdemos tempo demais assim — disse a francesa, afastando os pensamentos de Ajatashatru.

— É verdade — concordou ele.

Seus olhos e orelhas brilhavam.

Imaginem o estado em que se encontrava Marie quando desligou o telefone. Ora, nas nuvens! Acabara de voltar aos seus 20 anos. Ela enfiou os tênis e saiu correndo para comprar velas perfumadas, um peito de pato e quatro belas maçãs amarelas.

Feliz aquele que, como Ajatashatru Ahvaka Singh, fez uma bela viagem dentro de um armário e depois voltou, cheio de coragem e bom senso, para viver com seu amor para sempre...

“Espere um pouco! Não se precipite demais”, disse o indiano a si mesmo, sentado confortavelmente no Airbus que o levava rumo a Paris. “Sortudo como é, você não está livre de um sequestro de avião. E, pronto, mais um passeio! Só vou ficar tranquilo quando chegar a Paris e tomar Marie nos meus braços.” Ele deu uma olhada no belo buquê de margaridas brancas que deixara no assento vazio ao seu lado.

Enquanto imaginava um grupo terrorista ferozmente armado se levantando de repente e assumindo o controle do avião para direcioná-lo para Beirute ou qualquer outro destino exótico, Ajatashatru lançou um olhar sorrateiro ao seu redor em busca de homens barbudos com turbantes na cabeça, equipados com pesados cintos de dinamite. Mas logo se deu conta de que, naquele avião, ele era o único barbudo com turbante na cabeça. Um terrorista. Talvez fosse isso que os outros pensavam dele naquele instante.

Se soubessem... Agora ele era um fidalgo, um verdadeiro marajá, de turbante limpinho e elegante para agradar sua amada. Rico pelo que trazia no coração, e rico pelo que continha sua maleta. Além disso, chegava à França pela porta principal. De avião, ainda por cima, um meio de transporte original para um homem mais acostumado nos últimos tempos a viajar dentro de um armário Ikea, uma mala Louis Vuitton e um balão. Já não era mais um clandestino involuntário. A maldição enfim se desfizera. Pensando bem, teve sorte. Fizera uma viagem maravilhosa em nove dias, uma viagem interior que o ensinara que, ao descobirmos outras coisas em outros lugares, podemos nos tornar outra pessoa.

No dia em que ajudara o jovem africano e Haashim no porto de Trípoli, dera mais do que jamais dera em toda sua vida. E não

somente do ponto de vista pecuniário, ainda que 45 mil euros representem em si uma quantia enorme, uma fortuna. Recordou-se com prazer da sensação de bem-estar que o invadira nas duas ocasiões, a nuvem confortável que o fizera levitar bem mais alto do que todos os mecanismos que sempre utilizara para seus espetáculos. Agora, se perguntava quem seria o próximo em sua lista. Que pessoa necessitada ele ajudaria?

O comissário anunciou que o avião iniciava a descida, pedindo que todos se certificassem de que seus assentos e suas mesas estivessem na posição vertical e os aparelhos eletrônicos desligados.

Ajatashatru se ajeitou e enfiou os pés nos sapatos, carregando consigo, sem perceber, uma fina lente de contato que se colara à sua meia, quando esfregou os pés no tapete do avião.

Sua impressão era a de estar voltando para casa.

“Minha casa é Marie.”

Pensou no fabuloso comitê de boas-vindas que o aguardava no aeroporto de Paris. Sua francesinha. Poderia sonhar com algo melhor?

Ao mesmo tempo, uma linda francesa usando vestido turquesa e sandálias prateadas embarcava alegremente numa pequena Mercedes vermelha amassada sobre a qual estava pintado Taxis Gitans nas portas dianteiras e da qual escapava o som contagiante do violão dos Gipsy Kings.

— Aeroporto Charles de Gaulle, por favor. No desembarque. Vou buscar uma pessoa que aterrissa em meia hora, vindo de Trípoli. Fica na Líbia. Um país em guerra. Ou melhor, um país que estava em guerra.

O motorista fez um aceno com a cabeça para indicar que tinha entendido, que não precisava de tantas explicações. Era um cara bem gordo com um tufo de pelos grisalhos escapando pelo colarinho da camisa preta. Seus dedos rechonchudos, ornamentados com anéis de ouro, seguravam o volante com firmeza, como se temesse que ele fugisse.

Sobre o painel do carro, uma licença de táxi com uma foto em preto e branco indicava que o homem se chamava Gustave Palourde, cigano de pura estirpe, registrado sob o número 45828.

— Para que esses buquês presos nas portas? — perguntou Marie.

“A viagem vai ser longa”, pensou Gustave, que imaginava sua passageira com um zíper indiano na boca.

— Vou casar minha filha amanhã — respondeu, irritado.

— Parabéns! — exclamou a mulher num tom de contentamento. — O senhor deve estar extremamente orgulhoso e feliz!

O motorista hesitou por um instante.

— É, o cara é um bom partido...

— Ora, não fale assim. Imagino que sua filha se case por amor. Isso deve ser comemorado, não é?

— Na família Palourde, não nos casamos por amor, minha senhora, mas por interesse. O amor vem depois. Ou não vem...

— E o senhor vai trabalhar até o último momento! — observou

Marie, tentando conduzir o motorista para uma estrada menos tortuosa.

— É preciso ganhar dinheiro para bancar o novo trailer onde o casal vai morar.

— Entendo — respondeu a francesa sem entender nada.

Como essa gente podia viver acampado e, ainda por cima, por vontade própria? Era difícil entender, pois ela jamais tinha se rebaixado a dormir de outra maneira que não fosse numa cama boa e grande, nem mesmo num sofá.

— De onde é o noivo?

— Espanhol.

— De onde?

— De Barcelona — respondeu Gustave, irritado, e tomando a palavra antes que a mulher fizesse mais perguntas. — Ele vem viver aqui, na nossa comunidade. É o acordo. Em geral, é a mulher que segue o marido, mas, na família Palourde, são as mulheres que decidem! E eu. O rapaz vem de uma grande família cigana de Barcelona. Fico contente que nossos sangues se misturem.

— Um casamento misto — disse Marie, observando a estrada, pensativa. — A miscigenação é tão linda. Justamente, falando nisso, a pessoa que estou indo buscar no aeroporto não é francesa. É meu noivo. — (Ela não teve a impressão de estar mentindo, apenas antecipando um pouco as coisas.) — Ele é indiano. Com um pouco de sorte, um dia, nós também faremos um lindo casamento misto...

O que estava acontecendo para ela pensar nessas coisas? Dizer coisas assim? Os desconhecidos tinham realmente o privilégio de escutar as confissões de outros desconhecidos.

Marie continuava fixando o olhar num ponto imaginário na estrada, entre os dois assentos dianteiros. Imaginava-se com Ajatashatru num belo sári, envolvida por cores vivas e pétalas de rosas que teriam sido lançadas ao chão à sua passagem. Uma verdadeira princesa.

— Indiano... — repetiu o taxista, também pensativo. — Para ser sincero, eu não tenho um grande afeto pelos indianos.

Ao dizer isso, Gustave retirou a mão direita do volante para acariciar seu canivete Opinel com cabo de marfim, que nunca saía do bolso da calça.

— Conheci um nada recomendável — acrescentou ele. — Um

ladrão. E posso dizer que, se nossos caminhos voltarem a se cruzar, ele vai passar um mau bocado nas minhas mãos...

— Mas não se deve generalizar, não são todos assim — disse Marie, contendo-se para não dizer que as pessoas pensavam a mesma coisa dos ciganos. — O meu é um homem honesto, sabe? É um escritor.

— Um escritor? — repetiu o taxista, que nunca lera nada além do guia de ruas de Paris.

— Seria uma honra para mim apresentá-lo a você quando chegarmos ao aeroporto. Se não for incômodo, o senhor pode me esperar, assim não precisarei achar outro táxi para Paris, e ficará conhecendo Ajatashatru. Estou ansiosa para apresentá-lo. Ele vai fazer com que o senhor mude de opinião sobre os indianos, vai ver.

— Eu só quero isso, minha senhora.

A Mercedes florida seguia a toda pela autoestrada. Em torno dela, o sol se punha lentamente, inundando com uma coloração alaranjada as árvores e os prédios.

O taxista bateu forte com a mão na cabeça, depois olhou o relógio.

— É bem providencial que eu vá até o aeroporto. O meu primo Gino está chegando de Roma. Pensei que não poderia ir buscá-lo. Ele vem para o casamento da minha filha. É ele que vai fazer o cabelo dela.

Gustave evitou dizer que seu primo tinha um salão chamado *Coiffeur pour Rome*, que havia sido transformado, pelos grafites jovens incultos em *Coiffeur por Romenos*. Eles sequer sabiam a diferença entre um cigano de origem espanhola e um de origem romena ou búlgara.

— Se não for um incômodo — prosseguiu o motorista —, enquanto a senhora vai buscar seu amigo, eu vou buscar Gino e depois a gente se encontra ao lado do carro. O que acha? Vocês não se incomodam em dividir o táxi com meu primo?

— Claro que não — exclamou Marie, animada. — Muito pelo contrário! Quanto mais, melhor!

Ela não sabia o que dizia.

*
* *

CAPÍTULO TRÊS

No momento em que Devanampiya desabou, fulminado, no chão frio e úmido da prisão, Walid perguntou a um prisioneiro o que estava acontecendo e descobriu que o amigo estava morto.

Walid chorou. (Verifiquei a informação, os cegos choram também.) Ele verteu todas as lágrimas do seu corpo e do seu coração naquela noite. E seus soluços foram ouvidos até em seu país, o Afeganistão.

Acabara de perder um amigo, o único que tinha ali, e perdera de novo, com ele, a visão. Nessas condições, a prisão logo se tornaria um inferno.

*
* *

CAPÍTULO QUATRO

Quando Walid acordou naquela tarde, estava cercado por três médicos. Se não fosse cego, teria conseguido ver que as paredes cinza e sujas da sua cela tinham se tornado brilhantes paredes brancas. O chão estava tão

limpo que seria possível comer sobre ele. O equipamento médico dava a impressão de que estava num quarto de hospital, e não numa cela.

O cego tentou se erguer, mas a mão de alguém o impediu, ao mesmo tempo em que uma voz grossa lhe falava numa língua que não entendia, embora a identificasse como sendo cingalês.

Quando quis perguntar o que estava acontecendo, ele percebeu que havia um tubo enfiado em sua boca, impedindo-o de falar.

Novamente, uma sequência de sons incompreensíveis lhe ordenou para que não se mexesse e não fizesse qualquer esforço.

Walid ficou deitado, sem fazer perguntas, a mente atormentada pela situação confusa, até que, algumas horas depois, um intérprete afegão foi transportado até lá.

O contato entre o doente e os médicos pôde então ser estabelecido.

— Como você se chama?

— Walid Nadjib.

— Ótimo — disse o médico, como se confirmasse algo que já soubesse.

— Eu sou o Dr. Devanampiya. Sabe onde está agora?

Devanampiya? O estupor invadiu os olhos mortos de Walid. Não entendia. Talvez fosse um nome bem comum.

— Na prisão — balbuciou.

— Na prisão?

Aparentemente, não era a resposta certa.

— Você está no Colombo Military Hospital, o hospital militar de Colombo.

— E o que estou fazendo aqui? — perguntou Walid, assustado. — Estou doente?

Ele se lembrou da morte fulminante do amigo. A mesma sorte o aguardava?

— Você é o único sobrevivente de um atentado terrorista. Houve uma forte explosão no avião em que você tinha acabado de embarcar. Um 747 com destino a Londres. Ao que tudo indica, um homem-bomba conseguiu passar pelos controles de segurança com uma carga de explosivos muito possante. Quando foi encontrado no meio dos escombros, você estava num estado lastimável, posso garantir. Faz dois meses que está em coma, e nós achamos realmente que estava tudo acabado para você. Mas, então despertou há algumas horas. É um milagre, se quer minha opinião. Um dos atentados mais letais deste século: 218 mortos. Um único sobrevivente.

O cego bem que tentou forçar a memória, mas não se recordava de

nada. Ou melhor, suas lembranças não tinham nada a ver com o que o médico acabava de lhe contar, como se tivesse levado uma vida paralela até então. Suas recordações eram dos policiais que o tinham detido assim que cruzara a porta de segurança, a prisão de Colombo, Devanampiya. Mas agora descobria que tudo isso havia sido fruto de sua imaginação, uma simples invenção da mente durante seu longo período de coma. Descobria, pela boca de gente que não duvidava de nada, muito menos de um velho cego que sobrevivera a um atentado terrorista, que ele cumprira sua missão. Como havia sobrevivido, visto que a carga de explosivo estava dissimulada dentro de sua bengala branca, isso ele não tinha a menor ideia. Talvez um comissário a tivesse segurado um pouco, enquanto ele embarcava no avião, e se esquecera de devolvê-la. Qualquer que fosse a razão, Walid pôs tudo na conta de sua boa estrela e chorou de felicidade, demonstrando assim que um cego podia chorar.

*

* *

“Impossível”, disse Ajatashatru a si mesmo, “impossível terminar assim o romance. Realmente não posso concluir o livro de modo tão horrível. O matador não pode triunfar. Esse final até pode ser mais original do que o anterior, mas continua ruim, muito ruim, e sobretudo imoral.” A imoralidade era um conceito novo para ele.

Fez uma bola com três folhas de papel e a lançou na lixeira de metal sob a mesa. O aprendiz de escritor não conhecia os meandros para compor um bom relato, mas nos poucos livros que lera e que não falavam sobre prestidigitação, percebera que as histórias, por mais que fossem sombrias e duras, em geral terminavam com um *happy end*, uma nota de esperança. Um pouco como se o relato fosse um longo corredor escuro com uma luz branca no final.

Talvez ele nunca conseguisse reescrever o final do romance. Talvez não merecesse os 100 mil euros que tinham lhe dado e a confiança que haviam depositado nele.

Não fazia ideia de onde tirara essa história de cego terrorista, mas ela não parecia nada com ele, ou pelo menos não agora. Ele queria também dar esperança, nem que fosse por respeito às belas pessoas com quem cruzara ao longo de toda a sua aventura. Homens,

mulheres, brancos, negros, Sophie, Haashim e os demais, todos tinham em comum um grande coração. E por que não contar essa viagem fabulosa que o transformara para sempre? Pelo menos era uma história verdadeira, não uma invenção. Era SUA história. Aquela que fizera dele o que era agora. Além do mais, tinha a vantagem de terminar bem. Ele encontrara uma mulher e uma nova família, o verdadeiro *happy end*; está pensando o quê? Exatamente o tipo de luz que inundava com mil raios um relato após o longo túnel escuro da sua vida.

Refletiu sobre o título, achando que era assim que se começava um romance.

— Que tal *A extraordinária viagem do faquir que ficou preso dentro de um armário Ikea*? — perguntou a si mesmo em voz alta, como se o cachorrinho do porão do avião estivesse ali, testemunhando a criação de seu novo livro. Imaginou-o latindo três vezes para encorajá-lo.

Esse título resumia bem a sua história. A de Ajatashatru Ahvaka Singh, homem do mundo, ex-faquir oriental, novo escritor ocidental, o homem que descobrira a Europa de um modo engraçado, dentro de um armário, uma mala, um balão, um navio e uma esteira rolante.

Refletiu mais alguns instantes.

Finalmente, assim que encontrou a primeira frase de seu novo romance, *A primeira palavra que o indiano Ajatashatru Ahvaka Singh pronunciou ao chegar à França foi um termo sueco*, olhou pela janela e abriu um largo sorriso, o sorriso de satisfação dos grandes homens quando sabem que estão a ponto de realizar coisas importantes. Depois, passou a mão sobre o enorme curativo que lhe cobria as costelas, respirou fundo e saiu do trailer.

A música dos violões, os gritos e as castanholas soaram em seus ouvidos. Por um instante, acreditou estar revivendo, acordado, o pesadelo que o desnorteara na Itália. Viu-se transformado em vaca (sagrada), assando na ponta de um espeto com seu primo que tinha virado um tomate-cereja, ambos girando sobre o fogo ao ritmo de Gipsy Kings. Que horror!

Encostou-se na porta do trailer. O coração querendo saltar do peito.

— O que você estava fazendo? — perguntou-lhe uma princesa indiana que se revelou ser Marie, vestida com uma túnica verde.

Aliviado por não ser uma vaca (sagrada) assada ao ponto, Ajatashatru se afastou da porta, apoiando-se no braço de sua amada, e

avançou na direção da multidão multicolorida. De repente, o aterro municipal ficou animado.

— Nada — respondeu ele. — Escrevendo. Eu tive uma ideia de repente e quis escrever antes de esquecer.

— Hoje não é dia de escrever. Hoje é festa!

Dizendo isso, a bela francesa o beijou, tomou sua mão e dançou alguns passos de flamenco. Ao lado deles, uma jovem cigana loura vestindo trajes de casamento num tom rosado batia com os saltos de madeira sobre uma mesa.

Ao mesmo tempo, um homem barrigudo largou o violão, levantou-se e veio na direção do indiano. Quando chegou suficientemente perto para que ninguém o ouvisse, sussurrou na sua orelha:

— Vamos lá, sem rancor, *Arrasta já tua vaca*. Eu espero que você não esteja aborrecido comigo por causa da facada.

Ele colocou a mão sobre as costelas do indiano. Mesmo sem um *cooler* na mão, Gustave Palourde era um cara ameaçador.

— Mas não se esqueça do nosso acordo, *payo*. Se você não tivesse me prometido divertir as crianças com seus truques de mágica, nem aquela bela nota de 500 euros que você me deu teria me impedido de transformar você numa peneira indiana, sabe...

Como Marie os observava a alguns metros dali, ao mesmo tempo feliz e um pouco ébria, bastante, despreocupada, Ajatashatru se viu na obrigação de sorrir. Com o olhar, procurou as crianças, respirou fundo e penetrou no meio da multidão.

Apenas quatro meses depois do feliz casamento (pois choveu um bocado) de Miranda-Jessica e Tom Cruise-Jésus, Ajatashatru pediu a mão daquela que ele amava, ao final de um jantar romântico no Métamorphosis, uma velha barcaça atracada no rio Sena que tinha sido transformada em restaurante-cabaré, onde eram apresentados espetáculos de mágica. Com a cumplicidade do ilusionista local, um homem que tinha excursionado com os maiores do mundo e cujas fotos estavam pregadas em todo canto da embarcação, ele fez surgir o anel de noivado dentro de um lençinho de seda indiana, trazido por uma borboleta robô, de asas amarelas e azuis, que voou até Marie e deixou o anel delicadamente sobre seu ombro. O remake indiano de um truque de 1845 do mágico-relojoeiro Robert-Houdin.

Durante a refeição, e antes de a francesa descobrir com estupefação a joia solitária oculta no lençinho, os dois amantes partilharam um pouco de sua intimidade, ao menos em pensamento, com seus parentes e seus novos amigos.

Sihringh e os quatro primos favoritos de Ajatashatru, ou seja, por ordem de preferência, Raj Aadesh, Vachasmati, Arhosbbasmati e Pakmaan, aos quais ele enviava regularmente notícias, planejavam vir em breve para visitá-los em seu belo apartamento no bairro de Montmartre. Talvez ficassem e se tornassem corretores imobiliários em Paris. Afinal de contas, a Torre Eiffel estava sempre à venda.

O sucesso mundial do livro de Ajatashatru permitira a Haashim saber do paradeiro do indiano exilado. Escrevera-lhe uma carta na qual o felicitava e agradecia novamente por seu gesto. Com aquele dinheiro, eles tinham construído uma escola em sua aldeia e tirado várias famílias da pobreza e da fome. As moscas, por sua vez, tinham permanecido. Nada se podia fazer contra isso.

Agora que Sophie Morceaux conhecia o final da história, não estava mais zangada com o amigo, que um dia saíra em disparada com a maleta cheia de dinheiro sem se despedir. Os dois tinham agora o

mesmo empresário, Hervé, cujas mãos continuavam suadas.

Ajatashatru não era mais somente um homem que escrevia histórias. Tendo rapidamente tomado gosto por ajudar os outros, se embriagando com a nuvem de prazer que o fazia levitar alto no céu sempre que realizava com sucesso suas boas ações, criou com Marie, graças aos direitos autorais recebidos por seu livro, uma associação que acolhia e prestava ajuda aos mais necessitados.

Impressionado com o que vivera Ajatashatru dentro do caminhão rumo à Inglaterra, os projetistas da Ikea se debruçaram sobre um modelo inédito de armário munido de um vaso sanitário e um kit de sobrevivência. Seria, sem a menor dúvida, o campeão de vendas nos meses seguintes na fronteira greco-turca.

Enfim, os apaixonados falaram do último naufrágio de uma embarcação improvisada que desaparecera com 76 migrantes a bordo em algum ponto entre a Líbia e a Itália. Vários helicópteros da Guardia di Finanza sobrevoavam naquele exato momento o Mediterrâneo à procura do barco. Apesar dos esforços das equipes de socorro, não conseguiram achar nem o barco nem o corpo do jovem somaliano de 17 anos, Ismaël, que embarcara certa manhã, cheio de esperança, depois de Alá enviar-lhe um sinal, deixando ao seu lado a nota de 500 euros que lhe permitira pagar a travessia.

Durante o jantar à luz de velas, 850 clandestinos tentaram atravessar ilegalmente as fronteiras dos “belos países” para também usufruir daquela maravilhosa caixa de chocolates. Somente 31 conseguiram, o medo roendo as tripas cada vez que o caminhão desacelerava mas não parava.

Até hoje, o policial Simpson não descobriu nenhum outro clandestino dissimulado dentro de um armário Ikea. Talvez porque seu superior hierárquico, depois de ter lido o romance de Ajatashatru Ahvaka Singh e descoberto sua inocência, promoveu Rajha Simpson a guarda de fronteira no cais do porto de Dover. A atividade cotidiana mais notável do policial é agora lançar pedaços de pão duro às gaivotas, o que ele deseja que se torne em breve uma modalidade olímpica.

Evidentemente, Marie disse sim.

Ajoelhado diante dela, Ajatashatru escorregou o lindo anel em seu dedo. Depois, se levantou e beijou-a longa e apaixonadamente sob uma chuva de sorrisos e aplausos. Alguns dias depois, um grande

costureiro indiano da *Passage Brady*, em Paris, tomava as medidas da francesa para confeccionar um suntuoso sári vermelho e dourado. O carro que a acompanhará de Montmartre ao templo hindu já está pronto. É uma velha Mercedes vermelha, levemente amassada, na qual amarraram um novo conjunto de painéis Ikea que serão ouvidas até nas longínquas dunas estreladas do Deserto de Tharthar.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A extraordinaria viagem do faquir

Site do autor:

<http://www.romainpuertolas.com/>

Facebook do autor:

<https://www.facebook.com/romain.puertolas.18>

Good reads do autor:

https://www.goodreads.com/author/show/7244349.Romain_Pu_rtolas

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

F - França

GB - Grã-Bretanha

E - Espanha

I - Itália

LAR - Líbia

F - França

Colofão

Saiba mais